



Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





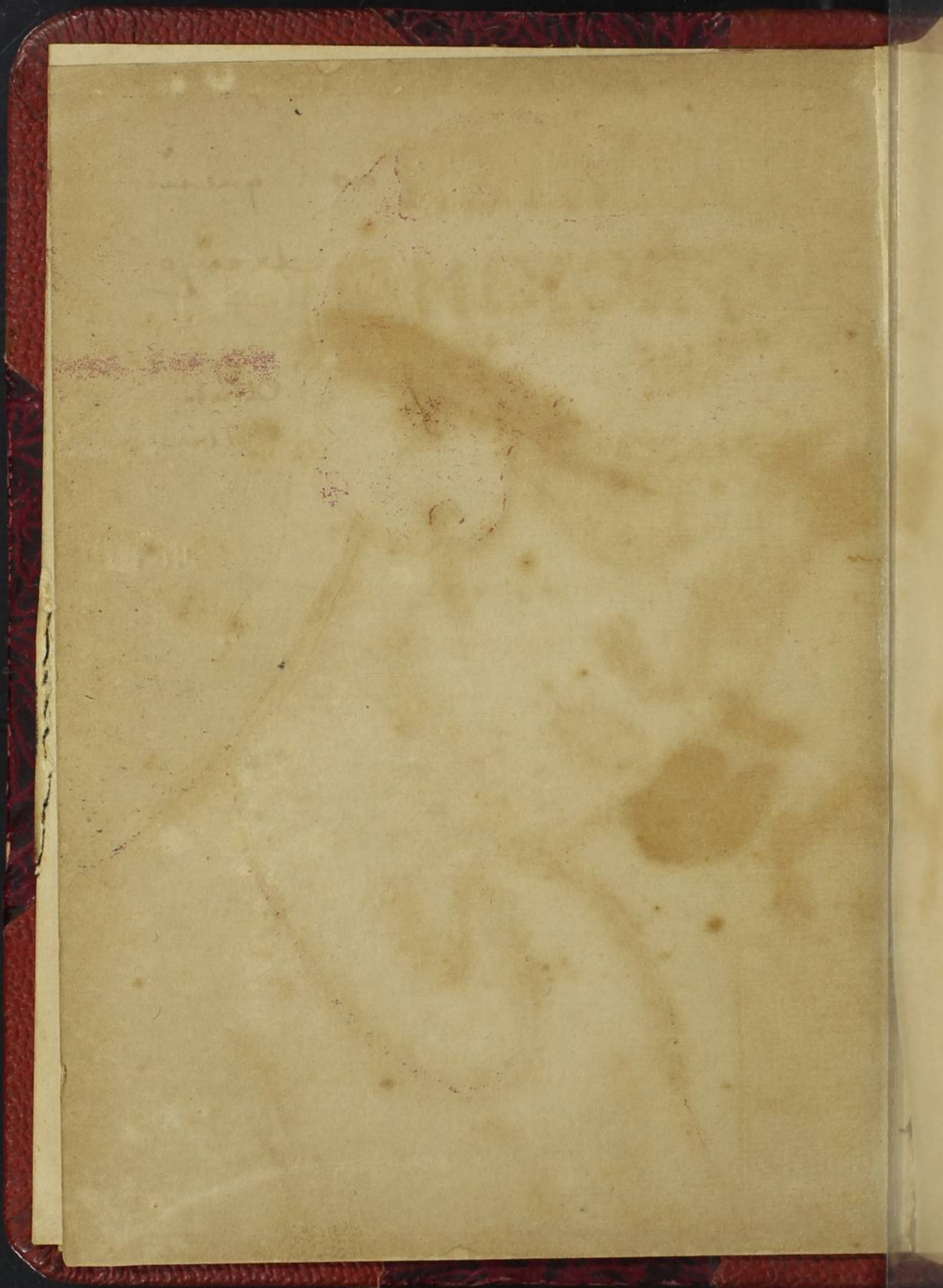
Lucillo Varsijão

# A MULHER DO PROXIMO



Comp  
Graph  
Editora  
Monteiro  
LOBATO

Tirado



de Lucilo

ao querido

traiço

Olanda

Abri! 1925

A.F.

A MULHER DO PROXIMO  
...E OUTRAS MULHERES

obras

obras ao

obras

obras

Do mesmo autor

O DESTINO DE ESCOLASTICA - romance  
DE QUE MORREU JOÃO FEITAL - romance  
AS MURALHAS DE JERICÓ - theatro  
CAVALGATA DOS DESEJOS - contos



LUCILO VAREJÃO

---

A mulher do proximo  
...e outras mulheres

A MULHER DO PROXIMO  
SEM REMISSÃO  
EXTRANHA HISTORIA DE AMOR  
O MILAGRE DE SANTO ANTONIO  
RENUNCIA



COMPANHIA GRAPHICO - EDITORA MONTEIRO LOBATO

Praça da Sé, 34

1925

São Paulo

---

Off. da Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1925

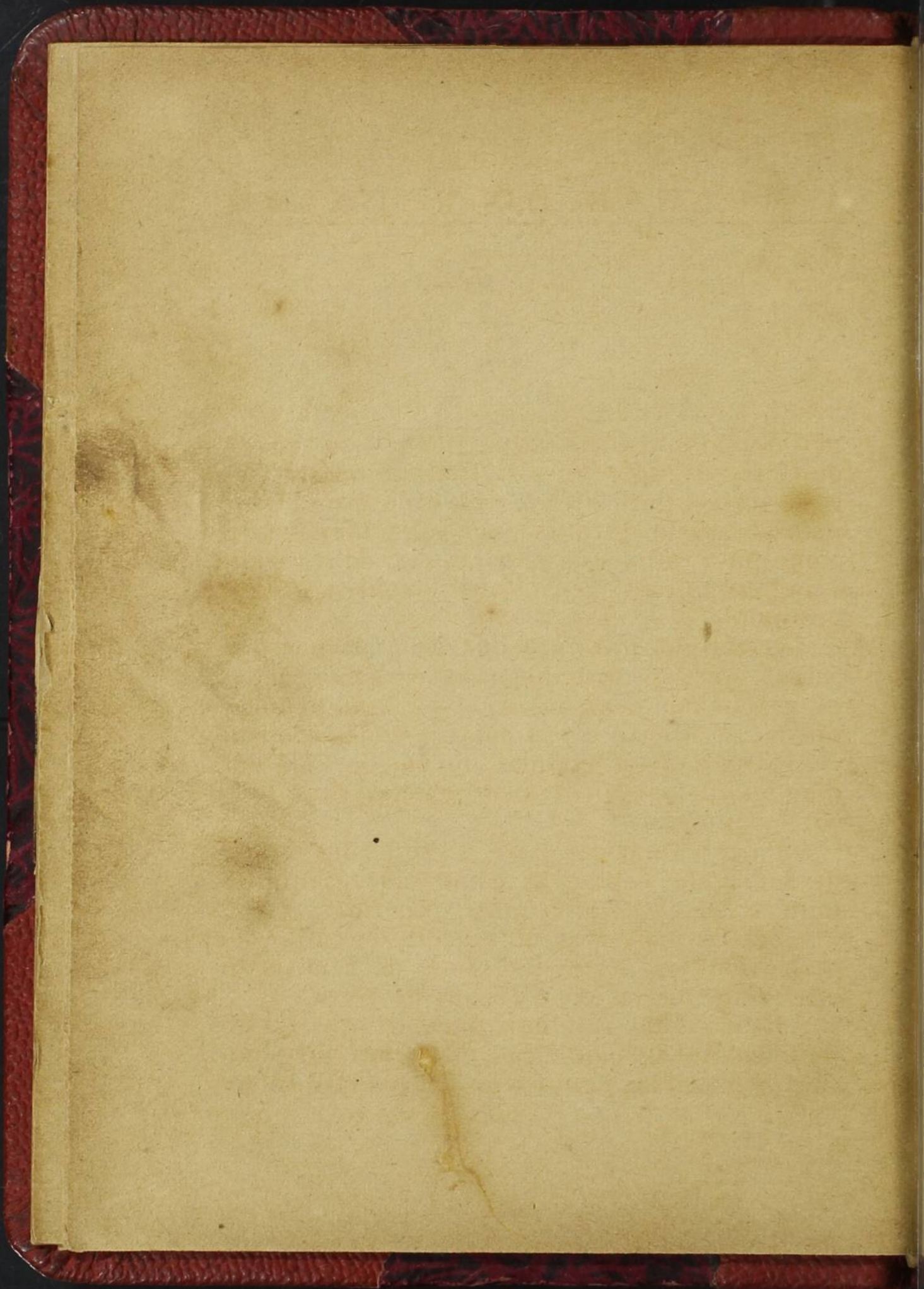
A

*Adhemar Vidal*

*Dicesar Plaisant*

*Paulino de Andrade*

*Homenagem de amizade e admiração.*



de Be  
ram  
press  
como  
uma  
grat  
cert  
dhar  
ma  
ver  
diag  
co d  
p  
d  
num  
S  
mais  
est  
E  
jate  
surv

## A MULHER DO PROXIMO

A mais ou menos duas leguas da cidade de Bezerros, no centro de Pernambuco o terreno soffre, para a esquerda uma grande depressão. Visto do alto, esse valle immenso é como uma estupenda concha que, de inverno, uma alfombra sempre verde cobrisse integralmente.

O viajante que do cimo de qualquer dos cerros que contornam o vale, relanceie o olhar em roda, assenhoreia-se dum panorama maravilhoso; e em baixo é todo o lençol verdeengo que se estende, apenas cortado em diagonal pelo serpentear caprichoso dum braço do Ipojuca.

Para a direita e para a esquerda, o verde tenro do valle, vai como acizentando-se num verde prateado, quasi mineral.

São as primeiras plantações de café que, mais além, já perto da cidade de Bonito, se estendem por leguas e leguas de terra.

Espraiando o olhar para o sul, o viajante sente as primeiras elevações do solo, suaves e eréctas como seios moços que se er-

guessem para o Amôr e para a Vida. E tanto mais pasce a vista nesta região privilegiada, quanto mais o homem se sente inferior ante a natureza exuberante que o cerca.

Não fica muito longe dahi, meia legua si tanto, o povoado de Camocim.

E' um agrupamento de approximadamente trezentas casas, com uma capellinha como igreja, sem uma escola, e sustentando um commercio quasi que mantido á custa das centenas de matutos, que das cidades circumvizinhas descem dominicalmente para a feira.

Pois, foi exactamente perto de Camocim que Jayme Resende, depois de uma perda de sessenta e tantos contos no alto commercio do Recife, comprou um sitio de café e nelle se installou com a mulher e o primeiro filho recém-nado.

Pertinaz e aferrado á idéa de enriquecer pelo trabalho honesto, Jayme Resende nem um instante siquer hesitára em, com os vinte e poucos contos que ainda conseguira retirar do negocio, comprar aquelle sitio, donde calculava dentro de poucos annos se pagar da perda avultada que soffrera.

E com afinco tão grande se metteu no trabalho, economisando por todos os lados, dirigindo pessoalmente os serviços e trabalhando por sua vez como um escravo que,

dois annós andados, já retirava de lucros quasi a metade da perda que o anniquillára,

Agora adquirira uma outra faixa de terreno, onde pretendia, com as primeiras chuvas de Fevereiro, desmoitar, queimar a lenha e brocar a terra para a planta duma grande partida de mandioca.

E embora educado na cidade, tendo mesmo duas longas viagens á Europa, Jayme Resende parecia muito identificado com a vida nova que abraçára, levantando-se com os gallos, dormindo ao escurecer e só tendo olhos para, além do seu sonho de riqueza, ver o filhote rechonchudo e loiro e a mulher airosa e linda nos seus vinte annos incompletos e ainda muito pouco affeita á vida triste e simples do matto.

E era mesmo um dos maiores prazeres do Jayme, quando parava em casa, o gozar-lhe a zanga infantil ante a difficuldade de obter varios pós e cremes, de que ella continuava a servir-se, mandando a cada passo vir da cidade, e que levavam um tempo enorme a chegar.

— Mas aqui não precisas de nada disso, observava-lhe perversamente, estiraçado na preguiçosa aberta deante da meza do jantar.

Ella, porém, muito amuada, não lhe respondia, limitando-se a encolher os hombros num gesto de desdém.

E o marido achava uma graça extraordinária naquillo, emquanto num orgulho vaidoso de macho seguia-lhe as curvas puras das ancas e a sinuosidade macia do seio, vagamente desenhadas sob o tecido um pouco espesso do vestido.

Casado, andava em dois annos, elle sentia que aquella mulher continuava sendo para elle a mesma noiva de sempre, branca, innocente e cheia de mysterio.

E si carnalmente já se não sentisse capaz das loucuras que fizera para tel-a, nem por isso a queria menos, antes sentindo-se mais indissolavelmente ligado a ella por aquelle filho que, si era della, era tambem e sobretudo seu. E todos os dias, mal começava a desenharse no nascente a tenue claridade do amanhecer, já elle, muito feliz, estava a pé, acordando os trabalhadores e por sua vez preparando-se para seguir tambem para o sitio que, a vinte braças da vivenda, começava a apparecer, até se perder de vista na linha infinita do horisonte.

Ultimamente, entretanto, com a compra que realisára dum terceiro terreno confinante aos seus, Resende reconheceu a impossibilidade de assumir por si só a direcção dos trabalhos.

E lembrou-se do Xicó, um ex-acostado do coronel Segismundo de Bonito e que, ulti-



mamente, por questões politicas, fôra despedido da direcção dos negocios do coronel.

Esse Xicó era um moleque baixote e obeso, falastrão ao excesso, mas apesar do seu todo antipathico, muito honesto e sobretudo trabalhador ao extremo.

Para Resende, a vinda do Xicó foi um allivio. Poude então permanecer mais tempo em casa, fazendo apenas duas visitas diarias de inspecção aos trabalhos e encarregando-se quasi que exclusivamente de dirigir os serviços de assentamento duma grande machina de beneficiação de café, e que ainda não possuia, mandando beneficiar o proprio café em outras propriedades conhecidas.

E foi a esse tempo que uma carta do seu amigo Frederico Serra lhe chegou ás mãos, na qual este, depois de confessar-lhe que estava mal da algibeira, dizia invejar a sorte do Resende, a cuja tenacidade devia bem a recompensa que estava fruindo.

Concluia o Frederico affirmando estar quasi resolvido a, por sua vez, liquidar os negocios que tinha na cidade e ir tambem installar-se alli perto do Resende, para que este, com o seu sabio faro de negocios, o amparasse e encaminhasse igualmente na senda da fortuna.

Resende ficou radiante com a carta, não tanto pela idéa da convivencia educada do Frederico, como tambem e sobretudo pelo

ensejo de proporcionar ao seu melhor amigo os meios, para si faceis, de fazel-o ganhar dinheiro. E não se conteve que não fosse mostrar á mulher a noticia alviçareira.

Esta, por sua vez, approvou. E até ficou prazenteira, pois só assim, disse, iria privar emfim com um civilisado, depois de quasi tres annos de exilio.

O Xicó foi logo encarregado de sondar por sua vez qualquer sitio por alli, que estivesse p'ra vender.

E dahi a quinze dias, por uma tarde macia daquelle Janeiro enublado, o Frederico, com oito malas de roupa e trinta contos no bolso, dispunha-se, como seu amigo Jayme Resende, a refazer num longo e afanoso exilio, a sua fortuna avariada por varios annos de pandega.

## II

Foi então uma verdadeira transformação em casa do Jayme.

A tristeza que lá havia, encarregou-se o Fred de a espancar, relatando a cada hora episodios da vida aventureira que levára desde que o Jayme se despedira delle, a caminho de Camocim, exaggerando de proposito as agonias por que passara ao ver-se quasi na pobreza, as idéas de suicidio que tivera e por fim, com a carta do Resende, a mania

que tambem se lhe metterá na cabeça, de refazer a saúde e a fortuna, comprando um sitio de café.

— E aqui estou, rematava com uma decisão interessante, prompto para adquirir um sitio e decuplicar em dois annos o dinheiro que empregar na compra.

Idalia, a mulher do Resende, ria a bom rir, com aquelles dislates do Frederico, por quem, apezar de conhecer de ha poucos dias, já experimentava uma grande e confiante amizade.

— Comtanto que o seu amigo se não arrependa do negocio, disse ella uma noite ao marido.

— Por que? — indagou o Resende intrigado.

— Porque ao menos a vida aqui, com elle, não será tão insipida.

Resende sorriu. Tambem elle, Resende, já andava a antever, assombrado, o que seria a casa, na hypothese do Fred arrepender-se e resolver voltar para o Recife.

Mas no outro dia ordenaria ao Xicó que indagasse onde havia, nas redondezas, sitio á venda. E até pensava em, com algumas vantagens, propôr aos donos compra de qualquer daquellas propriedades que confinavam com a sua.

Na manhã seguinte, entretanto, logo ao levantar-se o Resende teve uma bôa surpresa.

O Xicó esperava-o para lhe dizer que descobrira um sitio a vender.

— E optimo, insistia o Xicó, loquaz e mettido a sêbo.

Calculasse o “doutô” Resende que o sitio era exactamente o do Zé Gitirana, que ficava a menos de meia legua dalli e o dono pedia por elle vinte e cinco contos, quando valia sem pena p’ra mais de trinta.

A coisa pareceu a Resende tão magnifica que elle se não conteve indo logo com o Xicó procurar o Gitirana e estabelecer as bases da compra.

Quando o Fred acordou, já o negocio estava tratado. Só faltava, como affirmou o Resende, lavrar a escriptura.

— Pois que a mande lavrar você — concluiu o Fred decidido.

O Resende, porém, parecia agora considerar.

— Mas você quer mesmo metter-se nesta vida, Frederico?

Fred encolheu os hombros com diplomacia:

— O que eu desejo é enriquecer, Resende. E confio em você. Quizera apenas que antes de fechar o negocio mandasse examinar as terras por um perito.

Quanto áquillo, protestou o Xicó que assistia á conversação, elle garantia. Eram terras das melhores que elle, Xicó, já vira. Por vinte e cinco contos não podia haver pechincha maior.

Então o Jayme propoz um passeio á fazenda do Gitirana. Mandaria avisal-o immediatamente e podiam ir pela tardinha, quando o sol esfriasse. Caso o Fred se agradasse do local, no outro dia iriam com o dono do sitio á cidade de Bezerros e lá tratariam do resto.

E Xicó, de chapéu na mão, concluiu que o Dr. Frederico, comprado fosse o sitio, não tinha mais que procurar uma moça e ajustar casamento.

Nas redondezas, affirmou, era o que não faltava. Havia cada uma, benzesse-as Deus, bem bonita. Porque um homem sosinho num mundão daquelle só si fosse p'ra morrer de tristeza.

### III

Na tarde desse mesmo dia, Jayme e Frederico foram á fazenda do Gitirana.

Apezar dos protestos do Xicó, mandou-se buscar em Camocim um tal Nôzinho, conhecido extremado de terras, de cuja fertilidade sabia julgar só em apanhar-lhe um torrão e o esfarelar entre os dedos.

O Fred voltou, tanto mais encantado quanto ouvia pelo caminho a voz fanhosa do Nôzinho a gabar a qualidade soberba do terreno.

Por vinte e cinco contos, dizia e redizia elle, aquillo era o que se podia chamar uma coisa dadinha da silva.

O Xicó, importante, fazia a conta: só em café havia lá doze mil pés, já safrejando. A quarto de arroba cada pé, eram dentro de seis mezes tres mil arrobas, ou fossem quarenta e cinco contos brutos.

Só o casarão de residencia do Gitirana, não agradou ao Fred.

Achou-o mal conservado, enorme e sobretudo soturno, a meio das grandes arvores que o cercavam.

Para o tornar mais habitavel, considerou, só si gastasse alli muito dinheiro.

— Mas ficarás comnosco, obtemperou-lhe Resende. Aquelle casão sómente para tua residencia é um morrer de tristeza.

E concertou-se alli mesmo que por enquanto continuaria o Fred a viver com o Jayme, até que, resolvido definitivamente a abraçar aquella vida, pensasse em reconstruir a casa.

No dia após, muito cedo, partiram p'ra Bezerros. Lá foi lavrada a escriptura e na mesma semana entrou o Fred na posse das terras que adquirira.

Findara então o mez de Fevereiro e Março entrava cinzento e triste, envolvendo tudo num cerraceiro que raro o sol conseguia varar.

O Fred, muito preguiçoso, levantava-se tarde. E era o Xicó quem, num pulo, ia dar todas as manhãs as suas ordens na fazenda do Gitirana, multiplicando-se, sempre falastro e animado.

Fred, em pouco tempo, affeioou-se ao moleque. Aprazia-se mesmo em o acompanhar por toda parte, ouvindo-lhe os conceitos, rindo-lhe aos dislates constantes e ás gabolices.

E Xicó, sentindo-se alvo das attenções do Fred, requintava nos seus proditorios exaggeros.

Imaginasse o Dr. Fred, dizia elle, que em caça aquella região era uma coisa nunca vista. As pacas viviam aos bandos na beira dos açudes; as rapozas, então, só faltava se offerecerem aos viajantes. Ainda num daquelles dias o cachorro do Néco da Clarinda, subdelegado de Camocim, dera com uma bem "em riba" daquella touceira de barba de bode, que tinha perto da casa do Dr. Jayme.

Fred propositadamente abria grandes ohs! de fingida estupefacção.

E Xicó passava das caçadas ás historias de almas do outro mundo, relatando factos

imaginarios e ridiculos, descrevendo com a sua tumultuosa verbosidade lendas e crenças locaes.

Duma feita, por exemplo, no tempo em que trabalhara com o coronel Segismundo, vira uma coisa de ficar com os cabellos em pé. Fôra um dia em que o coronel partira para a botada do engenho "União", duas leguas acima de Bonito.

Elle, Xicó, que ficou encarregado de guardar a casa, entendera, lá pelas tantas da noite, de dar um passeio na propriedade.

Enfiára o punhal no quarto, pegára a pistola e montára no cavallo, um "rudado" que era o melhor animal da fazenda. Fôra a passo, olhando o luar que estava esplendido e imaginando no serviço que "havera" de fazer demanhanzinha.

Ia tão despreoccupado que já passára a cancella sem dar por isto. Mas de repente o animal dera em "refugar" e elle, apesar de não ser homem de cavillação, ficára logo de cabelo em pé.

Instinctivamente levára a mão á pistola, castigára o animal na espora e continuára a andar.

No fim da estrada uma sombra esbranquecida dava a idéa de uma mulher que passasse — "cum licença da palavra" — em camizão.



E agora, por mais que elle esporeasse o damnado do animal, o diacho "refugava" sempre.

Então se apeára e fôra, de pistola em punho, verificar o que era. Tanto mais elle andava, mais a sombra tambem andava.

Por fim ouviu como um cochicho.

Despejou toda a carga da pistola.

Ainda esteve por alli, bombeando. Fôra quando comprehendera.

Aquillo só podia ser a alma do compadre Quilaudino que fôra assassinado bem alli "havera" de fazer tres annos.

Então pegára a rezar baixinho, pegára a rezar e o cochicho fôra diminuindo, fôra diminuindo até se acabar.

Fred achava um sabôr esquisito áquellas descripções; e instigava o moleque para que lhe contasse outras novidades.

Uma ou outra vez o Xicó tocava em casamento.

Parecia fazer uma questão fechada de que o Fred se casasse.

— O casamento, dizia elle, é uma necessidade, "seu doutô". Todo homem deve se casar. Eu não me caso porque não posso.

Fred punha-se então a pensar. Realmente que bem falta lhe fazia um casamento.

Naquelle retiro então, a vida, sem uma companheira amavel e bôa, parecia-lhe insustentavel. E para vencer os escrupulos que

o acommettiam, a elle que sempre tivera o casamento como uma degradação moral, evocava a vida feliz do Jayme, repartida entre o culto da natureza e o culto sagrado da familia. Nesses momentos de duvida, assaltava-o a lembrança de Idalia, revivendo-lhe a graça de hastil abotoado em flôr, a mexer-se pela casa como a via todos os dias, sempre airoso e bonita nas suas roupas brancas, tão compenetrada dos seus deveres de esposa e mãe, que nada lhe escapava.

Na verdade, pensava, que possuir uma esposa assim formosa e meiga, seria o ideal. Mas, que fazer para encontral-a, alli naquelle fim de mundo?

A idéa dum casamento de conveniencia, unico e viavel na insociabilidade forçada em que se achava, parecia-lhe repugnante.

E emquanto Xicó se estendia em considerações, aventando-lhe possibilidades de casamento com qualquer daquellas moças dali, Fred, de olhos vagos, muito fóra de si, invejava a sorte do Jayme, egoistamente instalado na vida, com aquella mulher ideal, um filho cheio de seducções e o dinheiro a entrar-lhe aos borbotões a cada safra, pelas portas.

IV

A necessidade de casar começou então a ser para o Fred, o ponto de partida de cada um dos projectos em cuja traça se emmaranhava. Mas, tanto mais se afervorava em reconhecer a necessidade de procurar uma companheira, tanto menos lhe parecia possível encontrar uma creatura exactamente igual a Idalia, com aquella tez levemente morena, e aquelles olhos negros e scintillantes, e aquelle riso perenne e bom.

Tão grande era o desanimo que então o assoberbava, reconhecendo a impossibilidade de se lhe deparar uma mulher que tivesse todas as qualidades de Idalia, que por fim já pensava em abandonar tudo e retornar ao Recife, embora soubesse que dest'arte arrostaria com o desbarato do dinheiro que ainda possuísse.

Emquanto Resende, por sua vez, tratava de leval-o a festas nas fazendas proximas onde podesse haver raparigas bonitas, Fred carregava um tédio terrível, sempre achando todas as moças ridiculas, mal feitas e estupidas.

Uma occasião chegára a dizer ao Jayme:  
— Você sim, é que é um homem feliz!

Resende, no egoismo da sua felicidade, limitou-se a sorrir.

Fred confessou-lhe então que estava resolvido a ficar solteiro, já que se lhe afigurava insupportavel toda a gente casadoura das redondezas.

Comtudo, examinando a consciencia, concluiu que não desejava casar-se, não por que de facto lhe parecessem insupportaveis as raparigas que se lhe deparavam, mas por que não encontrara uma mulher que fosse exactamente a propria Idalia, assim trêfega, assim attrahente.

Julgou-se ridiculo com aquella exigencia, mas do mesmo passo se comprehendeu incapaz de amar outra creatura que não tivesse aquella mesma graça, aquella mesma seducção da mulher do Resende.

Então, assaltado de repente por uma suspeita terrivel, monstruosa, Fred estacou. Fôra um pensamento tão horrivel, o que lhe irrompera no cerebro, que elle não ousou formulal-o a si proprio.

E concluiu que no outro dia, logo que amanhecesse, trataria de mandar limpar o casarão de sua propriedade e para lá se transportaria de muda.

## V

E cumpriu a palavra.

No dia seguinte, bem cedo, ia o Xicó a Bezerros com ordem para de lá trazer um

pedreiro. Resende scandalisou-se com a nova. E elle e a mulher, durante o almoço, assetearam o Fred de interrogações.

Era falta de commodidade, o motivo daquella retirada? Receio de incommodal-o? Fred, porém, desculpou-se. Nem uma cousa, nem outra. Apenas uma veneta que lhe viera e que elle aproveitava para melhor dirigir os trabalhos do seu sitio. Em verdade que seus empregados, os mesmos do Gitirana, pareciam honestos. Mas, não havia como o proprio dono á testa dos negocios.

Resende por fim não o contradisse.

Sómente Idalia não se conformava com aquella retirada, que taxava de suspeita. E insistia em conhecer a causa, a causa que ella reaffirmava existir na resolução intempestiva do Fred.

— Mas, já que não quer dizel-a, concluiu finalmente, não insisto mais. Fique certo, porém, de que o não deixarei. Agora quem não quer que se vá sou eu. Eu, entende?

E pintava a côres negras a desolação da casa antes da vinda do Fred. O Jayme sahia logo que apontava o dia, mal tinha tempo para o almoço, e á noite, quando voltava, não dava uma palavra.

Com a chegada do Fred, entretanto, as coisas haviam mudado.

Até o Resende, ante a alegria crepitante de seu amigo se transmudára.

Resende, egoistamente semi-deitado na preguiçosa, um cigarro pendido do queixo, achava uma graça immensa ás palavras da mulher.

E o Fred, esforçando-se em parecer calmo, aferrava-se em querer realisar o projecto de se mudar, desdobrando-se em razões, adduzindo motivos: si elle contava — garantiu muito ironico — estar millionario dentro de dois annos!

Comtudo, no outro dia, quando o Xicó appareceu com o pedreiro para o orçamento das despesas, quasi os manda, aos gritos, para fóra.

Pois, só lhe parecia que, com aquella pertinacia, ia perder a amizade de Idalia; e essa perspectiva, embora desarrazoada, o sustentava.

Durante os dias em que andaram a trabalhar na casa, Fred desfez-se em atenções com a mulher do Resende, procurando observar-lhe os menores gestos, esmiuçando-os, na suspeita de que nelles houvesse desdém ou raiva.

Mas, nada. Ella parecia inatingivel, achando agora tudo que elle fazia muito justo, muito razoavel.

Até uma vez em que elle lhe perguntou si ficaria zangada, estacou risonha:

— Mas, eu? Por que? Ficamos é tristes. Tristes e receiosos de que lhe não vá faltar lá qualquer coisa.

Ella mesma mandou que o Xicó arranjasse em Camocim uma cozinheira e ordenou ainda ao molecote que fosse todas as manhãs saber si o Fred necessitava de alguma cousa.

— Porque agora tambem, quando fôr, será capaz de nem nos vir vêr todos os dias...

Elle estacou, exaggeradamente offendido:

— Tambem me faz muito ingrato.

— Ingrato não digo. Mas caprichoso eu estou bem em que o seja.

— Caprichoso, eu?!

— Sim. Quando tinha aqui tudo sem trabalho, entendeu de metter-se no sitio e não ha como arrancar-lhe tal idéa.

Estavam perto um do outro, ella de azul claro, um pouco debruçada sobre a janella que abria para o oitão da casa, elle em baixo, no patamar de cimento, quasi inclinado para ella.

E pareciam tão interessados na palestra, tão fóra do mundo que, quem os visse assim, de longe, naquelle doce discretear, os diria dois apaixonados a planearem castellos azues de felicidade.

Afinal ella rematou decidida:

— E' então quarta-feira que vai?

— Si Deus quizer...

— Pois bem, vá. Não cuide, porém, que estará só. Tenho quem o observe por lá.

Aquillo pareceu ao Fred tão significativo, que receiava não ter ouvido bem.

E perguntou:

— Como?

— Digo que tenho quem o observe por lá. Parece que desejou sahir daqui para estar mais á vontade.

— Oh!

— E sabe por que entro nesses pormenores?

— ... ?

— ... porque quero casal-o.

Fred sentiu que uma calentura estranha, e viva, e allucinante, radiava-lhe do coração e derramava-se-lhe pelas veias, endoidecendo-o, matando-o.

— Casar-me?!

Esteve quasi a dizer-lhe que não casaria nunca, porque jamais encontraria outra creatura que fosse Idalia, formosa e fascinante.

Mas sofreu-se. Sentia a garganta secca e só ouvia o inquietante martellar das proprias arterias.

E veiu-lhe a idéa de que commettia um crime consciente, conversando a sós com a mulher do seu melhor amigo; e sentiu-se de repente a creatura mais indigna deste mundo.



— Bem, adeus...

— P'ra onde vai?

— Andar por ahi. Vêr si encontro o Jayme, de volta.

Estendeu-lhe a mão. Ella apertou-lh'a, sem tentar detêl-o.

Emquanto caminhava, embora tentasse pensar noutra cousa, Fred meditava sómente na pergunta terrível: teria ella sentido o tremor de suas mãos?

Teria? Não teria?

## VI

Depois duma noite mal dormida, Fred acordou muito cedo.

As “maria-j'é-dia” andavam ainda nas altas ramas dos cajueiros, a annunciar as primeiras luzes da manhã; e por sob os caféiros frondosos uns restos de sombra se arrastavam como farrapos do véu que a noite tivesse deixado ao retirar-se.

Era o dia em que o vigario de Bezerras viria especialmente abençoar-lhe a propriedade, que tomaria o nome de “Bella-Vista”, e da qual Resende e a mulher seriam os padrinhos.

Já na vespera o Xicó andara a embandeirar todo o largo pateo em frente á casa; e na cosinha enorme, patriarchal, fritára o

dia inteiro toda uma variedade de carnes para o almoço.

Agora, como si a natureza quizesse associar-se á festa, a manhã rompia linda e lavada dos aguaceiros fertilisantes da vespera; e Fred, admirando-a, sentia um aperto no coração como si já então pudesse avaliar todo o bem que se fizera, procurando deixar por sua propria vontade aquella casa onde encontraria o conforto e o carinho.

E' que elle, só elle, sabia o sentimento negro e terrivel que lhe rastejava no fundo d'alma e lhe crescia instinctivo e irreprimivel como um vomito.

P'ra que o negar a si proprio, agora sobretudo que ia deixar aquella casa, fazendo por evital-a, e a qual só visitaria de muito em muito longe?

Elle amava Idalia. Amava-a, não, porém, com o amôr desejo, passageiro e tolo, como aquelles amores que cem vezes o haviam assaltado, morrendo minutos depois da primeira posse.

Elle amava Idalia com um amôr immenso e terrivel, um amôr allucinante e tanto mais perigoso quanto elle sabia, adivinhava, sentia que ella, na ingenuidade despreoccupada e feliz de sua vida, o ignorava.

E entretanto, covardemente no momento fatal de abandonar aquelle máo caminho que começava a trilhar, sentia um como veu par-

dacento a envolver-lhe a alma e quedava alli, a pensar ainda nella, ella que dormia seu somno feliz no desconhecimento daquelle desejo brutal que a seguia, despindo-a e enrolando-se-lhe ao corpo com os anseios da voluptuosidade.

Fred fechou os olhos, num nojo terrivel de si proprio e lentamente foi collocando na bolsa, um a um, os ultimos objectos que ainda tinham ficado alli para a sua derradeira "toilette".

Fóra a manhã clareava e o azul do céu tomava um tom mais vivo; no cafezal immenso já os "vivos", annunciadores do sol, lançavam agudos assobios.

Dahi a duas horas, barbeado, lavado, vestido, teria de assistir como um homem de bem, ao enterro das proprias illusões.

Por mais que ella, confiante e linda, lhe procurasse a conversa, havia apenas de lhe responder por monosyllabos, escusando-se ás falas prolongadas.

Mas conseguiria com isso, perguntava-se alarmado, esquecel-a duma feita?

Talvez não. Em todo caso restava-lhe o recurso de se fazer amante de qualquer rapariga, filha dalgum dos seus empregados.

Tudo, a continuar naquella objecção, levando horas e horas a pensar na mulher dum

amigo que só o tratára com delicadeza, e acatamento, e confiança, a ponto de o installar em sua propria casa.

Comtudo, quando foi encontrar Jayme e Idalia no terraço, já promptos para a sahida, affluiram-lhe as lagrimas tão facilmente aos olhos, que quasi se trahe.

Ella, por sua vez, parecia evitar-lhe os olhares. E isso gerou-lhe n'alma uma grande teia de perguntas irrespondiveis.

Desconfiaria ella da sua paixão ignobil?

Aquellas olheiras não seriam effeito duma noite mal dormida, a pensar na sua retirada?

Mas, não, elle não o acreditava.

Não podia crêr que ella, entre aquelle marido que embora apparentemente secco a queria, e aquelle filhito rechonchudo e bello, pensasse nelle.

Era illusão, allucinação dos seus olhos em febre.

Sentiu-se no dever de não deixar siquer transparecer a sua torpe paixão.

Era um dever de honra.

Fez então o seu melhor sorriso. E foi logo gracejando, no tom que se lhe afigurava mais natural:

— Então é hoje o dia em que se vão vêr livre do hospede importuno?

VII

— E agora seja muito feliz. Espero entretanto que nos não esqueça. Nem eu acreditaria que tão perto de nós, nos não fosse vêr todos os dias.

Sua vizinha abençoada descia como um oleo santo, que escorresse de sua bocca pequenina e bonita.

E Fred, enlevado, ouvindo-a, nem tinha coragem de sahir dalli.

Lá dentro Resende e o vigario, por sobre os pratos varios do almoço, perdiam-se em interminas conversas de plantações.

O vigario, redondo e feliz, praguejava contra a devastação que a saúva andava fazendo no seu milharal.

Mal os milhos “croavam”, já as malditas andavam a comer-lhes os grãos emergentes. Era uma praga. Já mandára buscar em Caruarú um sujeito que se dizia muito bom “foleador” de formigueiros e só fizera despende um dinheirão sem resultado. Não havia geito.

Xicó, respeitosamente plantado á porta, de chapeu na mão, lembrava a applicação de kerozene nos buracos das formigas.

Mas o vigario balançava, incredulo, a cabeça.

E emquanto no salão do jantar, a conversa se arrastava, monotonamente e pesada, no terraço, ella na sua vozinha dôce, despejava a sua queixa sentida.

— Bem sei que cada um procura seu bem estar. Certo que em nossa casa não passava bem. Entretanto, creio que vou sentir bastante sua falta. O Jayme, esse não a sentirá, que passa os dias inteiros fóra. Mas eu...

Fred, prometteu ir visital-os sempre que dispuzesse de tempo. Quizera vir para allí, desculpou-se, receioso de os incommodar. Elle bem sabia que uma pessoa a mais numa casa, sempre dava trabalho.

Ella meneava devagar a cabeça, como a dizer que não era aquella, na verdade, a causa real do afastamento delle.

Mas Fred insistia. Acreditasse.

Elle tambem havia de sentir muito. Já estava sentindo. Só a idéa de algumas horas depois ter de ficar allí, isolado, aterrorisava-o. Trouxe á baila a sua sociabilidade.

Ella, um pouco pendida, o busto bem feito muito destacado sob a luz, entretinha-se em machucar uma ponta do corpete.

E elle sentia impetos quasi irreprimiveis de a cingir allí mesmo e de a beijar, esquecendo tudo — dignidade, gratidão, vergonha...

Porque a fizera Deus assim, tão bonita, e consentiu depois em que elle a encontrasse no seu caminho, só e desamparada? Sim, porque a bem dizer aquelle marido indifferente que era o della nem sabia avaliar o bem que possuia?

Certo que si a perseguisse, e a cercasse, e chegasse a possuil-a, não faria mais do que ceder a um desejo, a que bem poucos no mundo conseguem resistir.

Mas, fazendo um esforço sobre si proprio, tentou ainda uma vez convencer-se de que era uma infamia aquella idéa.

Si a carne, cega e má, pedia a caricia daquella outra carne, para saciar-se, seu espirito, sua dignidade, seu brio de homem devia julgar no nascedouro aquella idéa sinistra.

E conseguil-o-ia.

Mas estremeceu.

— Em que está a pensar? — perguntava ella.

Fred sorriu a força:

— Na noiva que me vai arranjar.

Ella tambem sorriu:

— E verá si não tenho gosto.

E depois, convencida:

— Dentro de tres mezes, tel-a-á.

Elle calou-se. Si dêsse mais uma pala-

vra, a confissão lhe rebentaria dos labios, quebrando-lhe os dentes, arrancando-lhe a lingua má...

## VIII

Tres dias depois, uma manhã, Fred que não voltára mais á casa do Resende, acabava de almoçar na sua enorme sala de refeições, quando a porta se abriu de repente e Idalia, muito seductora, foi gritando como uma creança:

— Sim, senhor!! Muito bem!

Elle voltou-se vivamente, e reconhecendo-a, poz-se logo de pé.

— Por aqui?!

— Admira-se?

— E o Jayme?

— Não veiu.

Disse. E sentando-se-lhe defronte, começou a incriminar-lhe o descaso.

— Que dizia eu?

— A respeito de que?

— Que nos havia de esquecer logo.

Fred titubiou vagas desculpas: negocios, a saúva que estava atacando uma plantação, o caseiro doente, emquanto ella, olhando-o sempre, parecia sondar-lhe os pensamentos occultos.

Por fim o Fred levantou-se.



Só a idéa de estar a sós alli, com aquella mulher moça e linda, tão linda que na febre amorosa que o allucinava, se convencia de jámais ter visto outra assim, sobresaltava-o.

E entrou a passear pela sala, a grandes passadas, sempre a falar no Resende, como se procurasse não esquecer aquelle obice por sobre o qual não tinha o direito de passar. Por fim annunciou:

— Estava para os visitar hoje.

— Quer dizer que fiz mal em ter vindo?

— Oh! não.

— E apezar disso irá ver-nos sempre?

— Irei.

Ella levantou-se.

— Bem. Então, até...

— Pois vai-se?

— E' verdade. Vim até cá, saber apenas si adoecêra.

Havia tanta ironia naquella phrase, que Fred quasi se convenceu de que ella o amava.

E o que nella era apenas temperamento e sobretudo confiança, lhe pareceu naquelle instante amôr secreto, intuitos inconfessaveis, seducção estudada.

Quando a viu galgar o batente, lesta e viva, ainda ficou a perguntar-se si tudo era bem realidade ou si não passava duma allucinação dos seus sentidos exaltados.

Passou todo o dia emmaranhado em mil supposições e logo ao escurecer se apressou em caminhar para a casa do Resende.

Encontrou-o á porta, a falar com o Xicó. Por traz delles, Idalia interessava-se pela conversa.

Fred os foi logo saudando, emquanto Resende o convidava para ir com elle despedir um morador que o Xicó surprehendera a resingar com outro.

Fazia um luar de prata.

Resende mandou que lhe trouxessem o chapéu. E para a mulher:

— Não vens?

— Tambem vou.

Sahiram todos. Xicó, ao lado, chapéu na mão, repormenorizava o incidente.

Jayme mal o ouvia, indagando do Fred como passava.

Idalia, na frente, toda de branco, parecia scintillar á incidencia do luar.

Por sobre elles, no ceu sem nuvens, estrellas latejavam como seios amorosos.

Uma ou outra vez um sibilar macio de insecto ou ave, riscava de ruido aquella paz religiosa do campo.

Fred a cada passo não se continha.

— Que bello luar! — exclamava.

Quando contornavam o açude, pararam extasiados. Sobre a agua dormente, dir-se-ia

que o luar estendera uma grande cota de malha.

Na casa do morador, Resende, cheio de complacencia, ouviu-lhe as desculpas submissas e perdoou-lhe a falta.

E voltaram.

Na primeira bifurcação da estrada, Fred despediu-se.

— Pois já vai?! — indagou Idalia.

— E' verdade.

— E nem ceia comnosco?

— Hoje não.

E tomou pela estrada inversa.

Já muito adeante parou a olhar para traz. O grupo caminhava sempre.

Idalia ia só, na frente. Os olhos do Fred seguiram-na.

Ella continuava a andar e, sob a fulguração do luar, toda de branco, parecia luminosa como uma aparição.

Os seus pés pequenos abriam luaceiros no caminho.

Toda ella parecia escorrer luz. E eram de luz os seus cabellos, e as suas mãos, agitando-se, abriam clarões rapidos de relampagos...

## IX

Fred chegou em casa com o coração aos trancos. Nunca, em toda sua vida dissoluta,

mulher alguma lhe causara impressão mais viva do que aquella.

E tanto mais descia a examinar a causa daquelle estranho amôr que lhe incendiava o peito tanto menos lhe parecia possível descobri-la.

Só uma unica circumstancia se lhe afigurava o motivo da exquisita paixão — o facto de ser Idalia uma mulher casada, honesta e feliz, inconsciente das paixões que despertava.

Era sem duvida o fructo prohibido, e que exactamente por ser prohibido o attrahia assim com tanta vehemencia.

E então, do cerebro escandescido, irradiaram-lhe suspeitas terriveis. Teria forças para resistir áquella seducção, estrangulando por suas mãos proprias aquelles desejos monstruosos que o avassalavam?

Certo si o fizesse seria um individuo fóra do commum, tão grandes se lhe afiguravam os obstaculos a vencer.

Aquella mulher possuia-o agora inteiramente, embebedando-o com o filtro maravilhoso de sua seducção.

Não fôra, imaginava, mais bella a Eva do Paraizo, e á qual o pai Adão não resistira.

E pensando incidentemente nisto, vinha-lhe á idéa a fraqueza de Adão. Quando Adão, que sahira moldado das proprias mãos de Deus, não tinha forças para resistir á se-

dução de Eva, quanto mais elle, pobre descendente, degenerado por seculos e seculos de depravação.

Então, na quasi certeza do abysmo immenso em que se ia lançar, Fred torcia os dedos, impotente, amaldiçoando o instincto negro que abroilhava em si.

Porque não consentiam os fados ao menos que elle sahisse daquella idéa, sinão bannindo aquella mulher do cérebro, ao menos de uma outra fórmula que o deixasse com dignidade?

Aquella paixão, paixão espiritual, ou méro desejo animal — elle não a conhecia; mas a sentia tão ligada á propria carne, que para a arrancar seria preciso sangrar-se todo.

Comparava-a com uma aranha immensa que lhe tivesse penetrado o coração, e, ahí enredando-se, estendesse a sua teia pela ramificação venosa até a extremidade dos membros, e ainda se lhe agarrasse aos ossos.

Andando pausadamente pelo quarto, Fred, ás vezes, ia á janella e espiava para fóra.

O luar continuava a manar como um oleo santo que descesse, inundando tudo de sua prata fluida.

E era de prata a relva; e as arvores pingavam prata; e cada seixo dos caminhos se transfigurava, rebrilhando como um diamante authentico.

De lá, longe, de por detraz do arvoredado flamante, vinha o toque saudoso dum realejo.

E Fred deixou-se ficar alli, debruçado para fóra, de olhos perdidos na belleza do universo e como adormentado por aquella musica nostalgica e dolente...

## X

Um inverno promissor e fecundo annunciava-se com os ultimos dias de Março.

A terra, já então estorricada e maninha, recebia as primeiras aguas como que satisfeita e agradecida por aquelle immenso favor celeste. Os caféiros amarellecidos pela longa estiagem, vestiam-se novamente de verde.

Os pastos reverdeciam, a agua limosa do açude dissolvia-se numa grande toalha limpa, e pelos caminhos as cercas se enfloravam de toda a gamma polychromica de flôres silvestres.

Nas baixadas e capões, o melão de S. Caetano resurgia das proprias sementes, abrindo os seus fructos encarnados para gaudio das guriatans e dos vivos, que agora voltavam a assobiar por entre a folhagem viçosa e alegre. Na paz religiosa do scenario comprehendia-se a absorpção lenta da seiva pe-

las raizes para a transformação fecunda das flôres e dos fructos.

Bem á frente da casa do Fred, um pé de jasmim de cachorro, apparentemente secco, revivera, enfolhára e enflorára, e cobria o chão duma espessa alcatifa branca.

Sentia-se a redolencia adocicada dos jasmims do Cabo.

E naquella paizagem maravilhosa, Fred, dentro dum mêdo terrivel de trahir-se, não tinha coragem de rever Idalia.

Porque agora, passado o delirio do desejo, apaziguados os nervos, elle comprehendia, sentia que Idalia ignorava a sua paixão ignobil; e fazel-a conhecedora della, afigurava-se-lhe um acto torpe, mais torpe do que o proprio sentimento que o empolgava e do qual, aliás, bem sabia não ser culpado.

Comtudo, aquelle descaso della pela sua ausencia, o magoava como uma injuria.

Só lhe parecia que deixára de lhe merecer interesse e que ella o esquecera. E isto ensofregava-o, agonisava-o.

Então, como num desejo de a maltratar, pensava em procurar uma amante e a instalar em casa, alli, para que ella a visse e se escandalisasse.

Vinham-lhe ganas de a magoar e ao mesmo tempo arrependia-se.

Queria-a e desprezava-a; desejava-a e odiava-a. E esse odio por fim subia, alastra-

va, envolvendo também Resende na sua felicidade egoísta e má.

Elle si tivesse uma mulher como Idalia não se cansaria de a querer, emquanto Resende, estupidamente abandonava a sua a si mesma, tão confiante que nem mesmo a prohibia de o visitar, a elle, Fred.

Esta circumstancia, entretanto, longe de lhe acirrar o desejo de a possuir, servia para lhe mostrar a sua honestidade, della, tão evidente e segura, que o marido a deixava assim fazer o que quizesse.

Nunca um homem foi tão odiado como Resende por Fred, nessa noite.

## XI

Xicó dissera uma vez a Fred:

— As ama, aqui, é uma derrota, seu dotô; quando pegam a querê sahir, não ha geito.

E as palavras do Xicó cumpriam-se como um vaticinio irrevogavel.

Uma manhã, sem motivo declarado, a preta cozinheira pediu as contas e não houve offerta que a fizesse mudar de resolução.

O Xicó, mandado chamar pelo Fred, não achou de prompto um remedio:

— Só ha um geito, seu dotô. E' o sr. ficar comendo em casa do doutô Jayme, até que eu possa arrumar outra muié.



Fred, porém, nervoso, repelliu logo a idéa. Não queria dar mais incommodos, disse. Já bastava os que dera.

Xicó lembrou-se então das filhas duma sua comadre:

— E bem possivel que ellas queira vir. Ainda astrudia me pediro uma casa p'ra se empregá.

E na tarde desse dia o cafuso appareceu com a comadre e os filhos, duas caboclinhas airosas e bem feitas e um molequinho amarello e inchado.

A comadre, que acudia ao nome de Felismina, foi logo chegando á fala, muito interessada em agradar ao “doutô”, cuja bondade ella ouvira, pelo proprio Xicó, muito gabada.

No momento, declarou, não lhe era possivel acceitar o chamado do compadre Xicó, porque estava assistindo em casa do capitão Tinôco, senhô do engenho Bom-Retiro; mas porém o doutô podia escoliê quaiqué das fias. Ambas entendiam de cozinha que nem gente, sabiam lavá e pediam relativamente pouco.

Apenas ella, Felismina, desejava que seu doutô, caso quizesse quaiqué dellas, tivesse cuidado que ambas eram donzelas.

As raparigas, muito vermelhas, olhavam pudendamente para o chão, e a mãe, fóra de vergonha, ia cantando a sua mexerufada.

Ainda no mez transacto se vira obrigada a ir buscar a mais velha no Bonito; alli um coronel Liberato, dono da casa em que ella se empregára, quizera fazer a infelicidade da menina.

Ella, Felismina, dera sua cabeçada, não negava, mas não queria que as filhas a acompanhassem. Xicó, por sua vez, tratava de disfarçar a scena, agradando ao pequeno que, muito amarello e sujo, chupando o dedo, se enrolava nas saias da mãe.

E insistia em perguntar-lhe o nome, cortando a conversa da comadre:

— Cumo é que tu te chama?

Felismina então voltava a sua parolice para o pequeno:

— Diz, Antonho. E dispois vai tomar a benção ao doutô.

Mas o molequinho emperrava.

E Xicó, observando-o melhor, sahiu-se de repente com a sua franqueza:

— Esse menino quaiqué dia vira lubisome, comadre. Que é que elle tem?

Intestinos. A Felismina já fizera tudo com elle.

Xicó, enfatuado, perguntou porque não lhe dava um chásinho de mussambê, todos os dias, de menhãsinha em jejum. Em artigo — remedio p'ra lombriga, era como não havia.

Mas a comadre, depois do Fred escolher uma das raparigas, despedia-se p'ra voltar. Xicó, porém, foi á porta.

— Ta nebrinando, comadre. Eu achava mió vosmíncê se recoiê mais um tiquinho.

E a comadre acceitou-lhe o conselho. Mesmo porque, affirmou, havia muitos dias que andava desadorada com uma constipação.

Xicó lembrou-lhe então o exemplo do amasio. E para Fred: imaginasse o doutô Fred que o homem da Felismina, por causa duma chuva que apanhou, começára com uma tosse, uma tosse e que tosse foi aquella que o matára numa sumana.

Fred, fingidamente, interessava-se pela historia. E Xicó e a comadre requintavam em relembrar os pormenores da molestia do defuncto Malaquias.

Fôra um anno de infelicidade, aquelle em que o Malaquias fallecêra.

A sêcca era tão grande que a criação quasi morria de sêde.

— Inté agua p'ra se bebê, fartava, observou a Felismina.

E emquanto os dois, numa concorrencia, se esforçavam por descrever a sêcca terrivel daquelle anno, Fred, vendo atravez da janella aberta uma nesga do seu cafesal vidente e carregado, confortava-se á certeza de ganhos proximos e provaveis.

No dinheiro, pensava, era que estava a felicidade da vida. Alguns annos depois, quando refizesse sua fortuna, tornaria á Europa, alegre e satisfeito, e esqueceria aquelle amôr idiota, que já o aborrecia.

Para satisfazer o sexo tinha alli, agora, aquella cabocla seivosa, que a propria mãe fôra metter-lhe pela bocca.

O resto arrumar-se-ia depois, com o dinheiro.

E Fred, pela primeira vez, depois que amava Idalia, sentiu-se calmo e quasi feliz.

## XII

Pouco durou, porém, aquella calma aparente.

Com a mesma rapidez com que se lhe havia encasquetado no cerebro, aquella decisão desaparecera.

E elle se viu só, em plena solidão, cada vez mais desesperado por aquella mulher, repellindo instinctivamente tudo que o tentasse fazer esquecel-a, não encontrando, por mais que procurasse mentalmente, outra creatura que de repente a substituísse ou, pelo menos, com seu fascínio, fosse capaz de pouco a pouco ir arrancando-lha do cerebro.

E que fazer? Fred, impotente, cruzava os braços, incapaz de achar uma solução

ao caso, temendo, entretanto, fosse a conclusão de tudo aquillo uma horrenda, uma negra historia que na melhor das hypotheses lhe manchasse para sempre a vida.

Dava assim a idéa dum individuo que adivinhasse uma grande desgraça proxima a acontecer-lhe e se não sentisse com forças para afastal-a.

Fazia já quinze dias que não visitava o Resende; entretanto comprehendia a instabilidade daquella attitude, sinão pelas suspeitas que a sua ausencia podesse determinar, ao menos porque percebia que tanto mais retardasse as visitas á casa do Jayme, quanto mais cresceria em si aquella brutal paixão que o subjugava.

Então, irritado, vinha-lhe a vontade de se matar, entre revoltas contra a natureza e contra si mesmo por se deixar empolgar por uma paixão tão vil.

Na cosinha, a filha da Felismina areava os tachos, cantarolando, feliz e satisfeita. E Fred tinha-lhe um asco terrivel e vontades absurdas de esganal-a.

No egoismo brutal de sua agonia, só lhe parecia que todos deviam procurar uma solução aos males que o agonisavam.

Aquella paz das cousas gerava-lhe coleras terriveis; e não raro era o Xicó quem, com a sua verbosidade, as apanhava de rijo.

O moleque, entretanto, longe de zangar-se, requintava em amabilidades, relembrando casos seus e não raro attribuindo, na simplicidade da sua ignorancia, aquellas raivas intempestivas do patrão á falta de mulher.

— Eu, p'ra mim, começava coçando a cabeça embaraçado, tenho que seu doutô se deve casá.

Fred, porém, mal ouvindo-o, voltava-lhe as costas. Entretanto, elle não se dava por vencido e insistia nas suas idéas rudes. Certa vez cuidou que alegrava ao Fred, dizendo-lhe:

— Ainda hontem, D. Idalia me perguntou uma coisa de vosmincê.

— De mim?

— Sim, sinhô.

— E que foi que ella perguntou?

Xicó, enleado, torcia o chapéu de carnaúba entre os dedos callejados.

— Uma bobage.

— Mas diga.

— Me perguntou si o patrão sahia muito, de noite...

— De noite?

— Artas horas...

— E tu, que disseste?

— Que não.

Fred enxugou a testa suada.

E veiu-lhe, depois, uma vergonha da sua fraqueza, que disfarçou:

— Aquillo é o Jayme quem quer saber...

— Com certeza p'ra caçar com seu doutô...

— Não tenha duvida.

Xicó entreabriu a beijama roxa e pendida, num riso imbecil.

E Fred, já mais confiado, repetiu:

— Naturalmente p'ra caçar commigo.

Mas, logo que o Xicó sahiu, não se poudo conter. Cahiu na rêde e ficou, de olhos fixos, a revolver no cerebro um punhado de coisas tristes.

### XIII

Fred amava Idalia.

Amava-a com a mesma impetuosidade duma torrente que se despenhasse por alcantis, a caminho do abysmo, e só por força sobrehumana podesse ser detida.

E onde buscar essa força?

Fred, desalentado, olhava em roda de si, sem encontrar uma idéa, um designio a que se agarrar; todavia, não ignorava queurgia encontral-o quanto antes, pois sentia que a demora poderia ser causa de uma grande, de uma irreparavel desgraça.

Na agonia em que bracejava, dava a idéa do naufrago, que num ultimo esforço para a vida tentasse prender-se aos destroços de seu

barco e os destroços, por pequenos, o cuspiam fóra, a cada nova investida.

Cem vezes que comsigo mesmo procurasse encontrar uma solução immediata para seu caso, outras tantas vezes quedava estúpido, só sentindo o desejo negro e terrível do mal, o mal, sempre o mal.

Muitas vezes, já vencido, se deixava ir ao léo; então era todo um diabolico fantasiar de traças negras, de planos monstruosos.

Porque tanta tortura, afinal?

Podia elle lutar contra uma coisa que era maior do que elle proprio e que o subjuguava?

E seus pensamentos tornavam para Idalia, envolviam-na...

Si um dia chegasse a confessar-lhe sua paixão? Essa idéa terrível crescia então de subito no seu cerebro, e se desagregava, e rolava como um bloco immenso, esmagando-lhe as debeis razões com que tentava empedrar-lhe a marcha.

E era terrivelmente doloroso vêr o homem, que nunca se curvou aos caprichos de mulher alguma, o homem para quem o amor não passava dum agradável passatempo do espirito, alli vencido por aquella mulher que não procurara insinuar-se no seu espirito, nem mesmo sabia ser a causa de todo aquelle soffrimento.



Emquanto lá fóra, na manhã tristonha, a ondulação verde dos montes se cobria dum lindo nevoeiro azulado, Fred permanecia alli, cada vez mais emmaranhado n'aquella trama terrivel, da qual não achava meios de livrar-se.

De que monstruosa tragedia era elle personagem! Nunca tivera uma affeição séria na vida; jamais uma creatura, por muito fascinante, conseguira mais de uma semana de suas attenções.

E precisamente quando a primeira paixão lhe entrava no peito como uma grande rajada, tinha de recalcal-a, de combatel-a. E poderia, perguntava-se alarmado, desviar-se daquelles olhos estranhamente negros, que o fixavam com uma tão enternecida e confiante expressão? Poderia lutar contra aquelle amôr brutal, que o empolgava e o endoidecia?

Por mais que esmerilhasse o cerebro cansado, buscando uma resposta, não a encontrava.

E olhava tudo sem nada vêr, com um triste olhar inexpressivo de visionario...

#### XIV

Durante muitos annos viveu Fred naquella agonia terrivel, luctando desesperadamente contra os máos pensamentos que ten-

tavam absorvel-o, incapaz duma resolução, sem coragem de visitar o Jayme e tendo apenas a allucinante certeza da negra acção que seria o fim daquelle seu abrepticio amor.

Era inutilmente que Xicó o convidava a visitar a propriedade, allegando a necessidade de obras immediatas. Fred permanecia numa apathia dolorosa, só pensando em Idalia, só vivendo para a sua lembrança.

Mas acontecia, entretanto, uma coisa singular.

Embora nem o Jayme nem a mulher o tivessem mais visitado, Fred não encontrava coragem para apparecer em casa delles, dentro dum medo infantil de trahir-se.

Naquelle frenesi dos seus sentidos exaltados só lhe parecia que não encontraria mais forças para, deante de Idalia, fingir a mesma indifferença de sempre, rindo e falando com despreendimento, que lhe custava o proprio sangue. Entretanto, uma tarde o Xicó trouxe-lhe um recado do Jayme, chamando-o.

Não teve outro remedio sinão ir até lá.

Mas Jayme não estava. Foi Idalia quem o recebeu, na sala de jantar, sempre alegre e risonha.

— Ora viva! Até que emfim!

E poz-se a gracejar, muito provocante dentro dum vestido justo e curto que lhe dava uns ares accentuados de rapariga solteira.

Fred, enleado, sorria, de chapéu na mão, sentindo que as palavras lhe faltavam.

Foi ella quem o convidou a sentar-se, indicando-lhe uma cadeira.

— Jayme não deve tardar.

E sentou-se-lhe defronte, indagando as novidades. Como ia de trabalhos?

Fred inventou que as coisas não iam muito boas.

Depois dum silencio:

— E, por aqui?

Ella confessou que por lá andava tudo no mesmo.

Os cotovellos nús, apoiados á meza, teve um riso claro de creança ante o embaraço delle.

— Mas que tem hoje?

— Eu?

— Sim.

— Nada... Não tenho nada — gaguejou o Fred.

E seus olhos sedentos percorriam-lhe os braços brancos e roliços, que uma leve trama de veias azulava.

Ella, entretanto, muito despreoccupada, insistiu na sua pergunta.

Estava notando que o Fred parecia embaraçado. E gracejou: quereria elle annunciar que andava apaixonado?

E pondo-se de repente muito seria:

— E' preciso cuidar disso. Não ria. E' preciso.

Fred, na sua cadeira, sentia como um frio que lhe fosse aos visos subindo pelas pernas.

Só ouvia o bater das proprias arterias. E todo elle tinha uma expressão viva de terror. Os olhos vidravam-se-lhe, como si sua alma agonisada se debruçasse sobre aquellas duas janellas mysteriosas dos olhos e espiasse para fóra.

Foi ella quem de novo rompeu o silencio que se fez:

— Quer-me parecer que anda triste.

— Eu?!

— Sim, tenho notado.

— Pois é engano.

Ella fixou-o, como si procurasse, com a agudez dos seus olhos de mulher, sondar-lhe as hypotheticas causas da tristeza.

Elle desviou os olhos para fóra, para a paizagem que se doirava aos ultimos fulgores do crepusculo.

— Que lindo anoitecer! murmurou depois, num disfarce. Não acha?

Ella, por sua vez, mudou os olhos para fóra. Por sobre a toalha verde dos caféeiros, lá ao fundo, o poente em sangue lembrava uma esquina donde irrompessem os bulções vermelhos dum incendio.

— E' verdade! — exclamou.

E depois:

— Aqui os poentes são sempre mais bellos.

— Porque a casa tambem fica no alto...

— E'...

Cavou-se um silencio. Na sala de jantar, já sombria, apenas o relógio marcava o escorrer da vida...

Sobre o aparador, num velho vaso de faiança azul, morria um ramo de "bôa noite", perfumando o ambiente.

— Ando com vontade de vender a minha propriedade, annunciou Fred afinal, com voz tremula.

— Porque?

Ella ficou tão séria, de repente, que Fred acreditou que ella o amava tambem. E respondeu:

— Porque estou morrendo de saudades pelo Recife...

E ajuntou:

— A vida aqui é bôa para quem, como o Jayme, tem uma familia. Mas eu... eu...

Calou-se, temendo a confissão terrivel que estava a rebentar-lhe dos labios.

E foi uma lucta desesperada entre a consciencia e o desejo que, tanto mais repellido, mais refluia vigoroso e invencivel.

Lá fóra, no poente, a crueza das côres se esmaia agora numa leve aguada côr de rosa.

Do outro lado, no nascente, veus de amethysta se amontoavam. E uma gaze azulada descia sobre as arvores, docemente, como um veu de morte.

— E o Jayme que não vem! — disse Idalia, afinal, inquieta.

— E' verdade — ajuntou o Fred para ter o que dizer.

Na quasi treva da sala elle só lhe via agora os olhos negros e faiscentes como dois carbunculos. E comprehendeu que si naquella treva propicia estendesse as mãos, encontraria as mãos della, brancas e divinas; e que, si desse dois passos, a encontraria toda, e poderia beijal-a, e poderia sentil-a num longo e voluptuoso abraço.

Tremia só á lembrança de que alli estava a sua razão de vida actual, o maior amôr de sua existencia.

E entretanto, que desgraça! — era-lhe defeso todo e qualquer gesto que fizesse para tel-a.

Nunca poderia dizer que a amava, quando todos os seus póros clamavam por ella; quando para tel-a uma vez, uma vez só, daria os annos que ainda lhe restavam para viver! Mas, que situação era aquella sua? Que fizera, que crimes praticára, para merecer tamanha tortura?

E por mais que procurasse uma resposta não a encontrava.

Despertou com o grito della á criada, pedindo-lhe que trouxesse luz.

E quando a luz se fez, elle alli ficou bebendo-lhe os encantos como a um suave, perturbante licôr que lhe trouxesse voluptuosa e doce ebriez.

## XV

Depois de uma noite inteira de insomnia, Fred levantou-se disposto a acabar de vez para sempre com aquella agonia, que o estava matando.

Porque agora já não era de fórmula alguma a certeza de não poder possuir Idalia que o angustiava, mas o medo de que acabasse um dia cahindo vencido por aquelles inconcessos desejos que o trabalhavam, e carregasse para sempre com um remorso, o maior que possa perseguir um homem, o de ter violado um lar, infamando uma mulher pura e digna de respeito.

Embora durante o resto de sua vida tivesse de sentir a impressão viva, allucinante de sua mão branca a estender-se para as suas mãos; embora o esganasse a certeza da felicidade della, nos braços do marido, que mal apparentava o bem que lhe queria, a ella, tudo era preferivel, a chegar a confessar-lhe um amôr indigno.

E que fazer para evitar isto?

O que se lhe afigurava viavel era fugir dalli, abandonando tudo, e refazer sua vida longe daquella paizagem que só lhe falava della, sem nunca mais vêr aquella gente que só lhe dizia della. Ella, sempre ella!

E ahi, tudo que era nelle resolução e febre de sacrificio, transverteu-se em raciocinio ponderado e justo.

Conseguiria, fugindo dalli, esquecel-a?

Então, a perspectiva de seus venturosos dias, horrorisou-o.

Que seria agora da sua tranquilidade, de seu socego?

Dentro em breve ver-se-ia constrangido para não faltar com a honra, a partir para a cidade.

Quando lá chegasse e se reinstallasse na sua casa de solteiro, como lhe sentiria a falta, vendo-a a cada passo, illusoriamente, pela casa, ouvindo-lhe incessantemente os risos claros, sentindo-lhe a toda hora o perfume do corpo...

E era um dever seu, partir.

Si permanecesse alli, seria a sua reduzida fortuna multiplicada em poucos annos, o conforto certo, a riqueza talvez.

Entretanto preferia privar-se de tudo, voltando o rosto á fortuna que lhe accenava, só no temôr de que ella viesse um dia a saber da sua ignobil paixão.



Na manhã seguinte, aquella mesma paisagem que oito mezes antes fôra testemunha de sua chegada alegre e confiante, o vio cabisbaixo, triste, varado de dôr, retomar o caminho da cidade.

E ella, despreoccupada e linda continuou a viver a sua vida feliz, na intimidade do marido, ignorante do grande amôr que acendera no coração do outro e sobretudo, sem ao menos avaliar o grande, o tremendo sacrificio que elle se impuzera, respeitando-a.

S I

Silve  
sado á r  
E q  
auto que  
mido, o  
enorme  
alli d  
se.

E na  
sim pena  
sa, estive  
sistencia  
caseiro,  
se teria  
em cl  
detesta  
sas com  
mente n  
cumprim

Com  
festa. S  
são de h

## S E M R E M I S S Ã O

Silvestre Portella chegou um pouco atrasado á recepção dos Oliveiras.

E quem o visse descer com a mulher do auto que os trouxera, o ar vagamente opprimido, o passo retardado de quem faz um enorme sacrificio, comprehenderia que elle alli decerto não comparecêra para divertir-se.

E na verdade não se enganaria quem assim pensasse. Ainda momentos antes, em casa, estivera para não sahir. E não fôra a insistencia da mulher, não era elle quem, tão caseiro, tão amigo das suas commodidades, se teria abalançado a vir passar meia noite em claro, entresilhado num *smocking* que detestava, obrigado a manter conversas falsas com meia duzia de pessoas a quem certamente não conhecia ou apenas conhecia de cumprimentos.

Comtudo logo ao penetrar no salão da festa, Silvestre foi surprehendido pela profusão de luzes, pela alegria communicativa dos

convidados e pela voz abemolada de alguém que cantava ao piano.

A mulher do Silvestre, essa então não se conteve que não exclamasse como uma creança.

— Que lindo!

E muito formosa, muito attrahente na pujança dos seus vinte e seis annos, nem reparava no rumor admirativo que a sua seducção ia abrindo por entre os grupos espalhados pelas aleas do jardim rico.

Uma surpresa maior para Silvestre e esta compensadora foi, porém, o encontrar num dos terraços da casa, um seu companheiro do Banco.

A perspectiva de ter com quem conversar durante as horas em que estivesse obrigado a alli ficar, serenou-o um tanto.

E logo que, desvincilhado do sobretudo e do chapéu, fez os cumprimentos aos donos da casa e lhes entregou a mulher, veio de manso para o terraço encontrar-se com o companheiro. Então foi como uma confissão que se lhe despejou dos labios, ao velho collega de serviço:

— Não sabes o sacrificio que fiz para vir!

O outro confessou tambem que não viera por prazer.

A mulher o obrigára áquillo.

— Exactamente o que se dá commigo!

— exclamou risonhamente o Silvestre.

E descendo a escadaria, enquanto accendiam um cigarro, os dois homens gosando a liberdade occasional, foram conversando alegremente.

---

Dentro, Alayde Oliveira, a dona da casa, tomava por um braço a mulher do Silvestre e com um carinho que trahia uma grande amizade, ia installal-a a um lado, num dos cantos da janella.

— Encantadora a tua festa! — observou-lhe sinceramente Graciema Portella.

— E lembrar-me de que é esta a primeira vez que te vejo aqui! — retrucou Alayde com estudada piedade.

— Não é por mim, bem o sabes — contraveio a outra, sorrindo.

Pintou mais uma vez á amiga, a insociabilidade invencivel do marido, o seu genio retrahido.

— Mas está na tua vontade obrigar-o a passear — ponderou Alayde.

E citou o seu caso: O Julio, seu marido, tambem não gostava daquellas festas. Mas, tanto ella fizera, tanto falára, e chorára, e se lastimára, que elle acabára cedendo.

E concluiu gravemente;

— Somos nós que fazemos os nossos maridos.

Mas nisto entravam novos convidados. Alayde foi recebê-los para logo tornar com a mesma alegria e o mesmo carinho para a amiga. Indicava-lhe um a um os nomes mais em evidencia, as mulheres mais formosas.

— Deixa que te apresente a todos.

O Julio Oliveira, por sua vez, cobriu também Graciema de mil delicadezas. E quiz saber onde se achava “o nosso Silvestre”.

Mas Graciema não dava noticias do “nosso Silvestre”. Desde que viera — explicou — não lhe puzera os olhos em cima.

E mal sabia ella que em baixo, no jardim, enquanto passeava ao lado do amigo, Silvestre colhia as peiores informações sobre os donos da casa.

— E’ um casal de vivedores — dizia um á socapa.

Ao que outro perfidamente explicava:

— Elle, sobretudo; pois bem sabe que todo esse luxo é o Furquim quem dá á mulher.

E Silvestre, juntando esses commentarios aos que já ouvira de longe, sem prestar attenção, concluiu que de facto aquelles Oliveiras não eram gente com quem se pudesse ter amizade.

Mal passava de meia noite foi buscar a mulher. E no auto que os reconduzia, em-

quanto a ouvia gabar a festa, ia jurando comsigo mesmo que nunca mais lá havia de pôr os pés.

---

Essa amizade entre Alayde Oliveira e Graciema Portella, vinha já de ha dez annos, desde o tempo em que ambas haviam frequentado juntas um internato, no Recife.

Tantas affinidades de pensar e de sentir se haviam mutuamente descoberto logo nos primeiros dias de convivio, que de prompto se tornaram amigas e de tal fórma, que ainda depois de sahidas do collegio continuaram a visitar-se.

Alayde era filha dum pequeno funcionario publico; Graciema, dum negociante em quinquilharias, de parcas possibilidades monetarias.

Comtudo, quando era de presumir que aquellas duas creaturas, nascidas na modestia, depuzessem num casamento de amôr a esperanza da felicidade futura, ellas deixavam transparecer apenas, nas suas conversas, uma ambição subalterna de dominar pelo luxo.

Formosas ambas, cuidavam que decerto não lhes seria difficil obter pela belleza, um marido rico. Mas tanto se haviam demorado na escolha, que Alayde fizera já vinte e qua-

tro annos e Graciema vinte, quando se decidiram a casar.

E — oh! ironia da sorte! — nenhum dos dois noivos era rico. Ainda o de Alayde tinha o pai rezineiro e quiçá algum dia podesse receber uma centena de contos. O de Graciema, porém, era apenas o sub-caixa do Banco Inglez que lhe pagava oitocentos mil réis por um aturado trabalho de dez horas.

Aconteceu, entretanto, uma coisa interessante.

Emquanto Alayde, depois de casada, continuou a desejar com o mesmo ardor uma vida de luxo, Graciema concentrou-se, só vivendo para o marido e para o lar, raras vezes sahindo, nunca apparecendo na sociedade.

Alayde, que lá uma vez ou outra a visitava, não podia conter a raiva que então a dominava:

— Nunca pensei que chegasses a isto, filha!

Graciema sorria. A falar com franqueza, o luxo bem que a tentava. Um bello vestido, uma bella joia, um automovel reluzente, só não tentavam um santo — dizia.

Mas tambem — continuava a sorrir — de que lhe valia desejar? O Sr. Silvestre, seu marido, não era homem de ambições. Achava sempre que lhe bastava o que ganhava. E como era dócil, apaixonado, affectuoso, ia-lhe aturando as perrices.



Alayde, então, confiava-lhe os seus projectos:

— Pois olha, filha. Eu, cá por mim, só perco a esperança de brilhar quando morrer. Julio é formado. Agora é promotor mas já tem promessa de ser deputado estadual. E a historia é começar...

Falava então na politica. A politica seria a sua felicidade. Tudo dependia da habilidade. E o Julio parecia muito habil.

Além do que contava com a protecção do velho senador Furquim, que embora não fosse propriamente influente, tinha pelo menos o prestigio do dinheiro.

Quando Alayde sahia, Graciema ficava às vezes pensativa. Chegava mesmo a invejar a amiga, mordendo o beicinho com raiva. E quasi se arrependia de se haver casado com o Silvestre que não era formado e, na sua opinião, não poderia decerto subir como o Julio.

Mas voltava a considerar e acabava por se convencer de que tambem era feliz na sua simplicidade. Depois, mesmo que desejasse brilhar, só faria infernar-se. Silvestre vivia apenas do magro ordenado do banco.

Até seu pae, della, ultimamente fallira.

Ademais, sentio que se lhe preparava uma fonte perenne de felicidade: Silvestre fizera-a mãe. Dentro de seis mezes teria o seu pequerrucho nédio e rosado a tomar-lhe

carinhosamente todos os momentos, a enfeitar-lhe a vida. Ora, adeus! Que a Alayde fosse palrar a outra parte, com as ambições perturbantes.

E toda vez que Alayde a visitava, mal a ouvia, sorrindo apenas, quasi feliz na sua pobreza. Duma feita, a amiga apanhou-a a costurar o pequeno enxoval do filho.

— Mas espera, filha — começou logo a dizer-lhe — é o enxoval do teu pequeno que estás a coser?!

Graciema, ruborisada, confessou que sim. Ella mesma o confeccionava peça por peça, pois o Silvestre não ganhava para o mandar fazer fóra.

E fingindo-se maternal:

— Do que precisas agora, é de passeios. Essa vida sedentaria, no teu estado, é um mal tremendo. Difficulta tudo.

E rindo graciosamente:

— Eu, si me acontecer isso — o que acho difficil, porque sou sabida — empregarei todo o meu tempo em passeios e diversões.

E nesse dia, quando Silvestre chegou, Graciema foi logo para elle, queixar-se da vida que passava, sem fazer exercicios.

— Mas, por que não saes? — ponderou-lhe o marido.

Com quem? Graciema, já um pouco irritada, queria saber com quem.

— Commigo — retrucou simplesmente Silvestre. Veste-te todas as noites e, depois do jantar, poderemos andar por ahi.

E como Graciema fizera beicinho:

— Sim, porque só é que não saes, filha. Tem paciencia.

Graciema calou-se, já com um leve receio de falar em Alayde. E a coisa ficou ahi até que, um dia, tres mezes depois, uma madrugada de chuva, Silvestre foi correndo chamar um medico.

E quando chegou, ensopado dagua, medroso, recebeu a maior e talvez mais grata de todas as surpresas de sua vida. Era pae de uma linda e branca menina que no seu continuado pernear parecia accenar-lhe com a felicidade.

---

E algum tempo se passou sobre essa madrugada de dôr e de alegria. Alayde não mais procurou Graciema. Silvestre mergulhou com todo afinco nas cifras interminaveis do seu banco, fortalecido pela gloria immensa de ser pai. Sahia cedo, mal almoçava, tornando ao trabalho para só regressar ao escurecer. Ademais, com seis mezes, já a pequenita, feitiçeira como a mãe, sorria estendendo os bracinhos. E os dois faziam planos, archite-

ctando torres de oiro onde podessem guardar com mais egoismo aquella joia real.

Nesse anno ainda mais teve o Silvestre um augmento inesperado de ordenado.

Entrando certa manhã no banco, já um companheiro solícito o esperava, com um ar de agradavel mysterio. .

— Dê cá esse abraço.

— Mas porque?

— Foste augmentado, homem de Deus, para um conto.

Silvestre sentiu a vista um pouco turva, emquanto o coração lhe batia no peito com insolita violencia:

E nessa tarde, ao regressar, sentia-se o homem mais alegre da terra.

— Ah! Que felicidade! Que immensa felicidade! E ao lado da mulher, tão formosa na sua simplicidade, reputou-se o homem mais feliz do mundo.

— Não invejo ninguem, acredita! Ninguem!

E duas lagrimas espessas brilharam-lhe nos olhos.

Comtudo, dahi a quatro dias, ainda não se convencera de todo da felicidade que o procurava, quando Alayde e o marido appareceram a visital-os. Embora o luxo espalhafatoso do casal Oliveira o humilhasse um pouco, Silvestre recebeu os visitantes com a sua costumada polidez.

Ademais, Graciema sempre lhe falára com uma grande sympathia da amiga de infancia, de maneira que, nem fizera por acreditar em certas cousas que sobre esta, por varias vezes, ouvira.

Retrahido por indole, inimigo, por consequencia, de convivios chegados, estava certo de que aquella nova amizade, si nenhum bem lhe trazia, pelo menos de nenhum mal seria tambem portadora.

Desde que a sua Graciema gostava de Alayde e della falava com tanta frequencia, bem podia acceitar-lhe tambem, embora reservadamente, a amizade.

Dispoz-se mesmo a pagar a visita feita, quando outra noite, inesperadamente, Alayde e o marido appareceram.

E dahi por deante, durante seis mezes, Silvestre recebeu, com irritante pontualidade, as visitas do casal Oliveira.

Embora nada dissesse, no receio de magoar a mulher, Silvestre intimamente indignava-se com aquella tão forçada e impositiva convivencia.

Ultimamente, ouvia sempre commentarios pouco airosos sobre os Oliveiras, e até uma vez chegou a falar nisso a Graciema.

Esta, porém, se mostrara tão indignada ante os commentarios, que logo Silvestre se recolhera, encolhendo os hombros.

E se decidira mesmo, para agradar á mulher, a comparecer áquella reunião do casal Oliveira, quando os seus nervos exacerbados pediam a cada momento que não cedesse.

Mas de volta, tão fundamente se haviam vincado no seu cerebro os repetidos commentarios sobre os donos da festa, que já resolveira intimamente não mais lhe cruzar os batentes. E ficou satisfeito por verificar que durante dois mezes elles não mais appareceram.

Foi quando, uma noite, a proposito de vestidos, Graciema ficou confusa, titubeante.

Silvestre sentiu que ella procurava armar uma mentira.

— Alayde vem aqui? — gritou numa grosseria que a mulher nunca lhe vira. Anda. Dize. Alayde vem aqui? Tem esse descaro?

E como Graciema continuasse muda:

— Pois fica sabendo que não lhe quero a amizade. Não ponho mais os pés lá. Uma mulher indigna!

E descreveu tudo quanto ouvira da vez em que fôra ao baile dos Oliveiras.

Graciema nada disse, toda tremula, quasi debulhada em granto. Mas, jamais o marido lhe pareceu tão antipathico, tão vulgar, tão despido de attracções.

E lembrar-se de que teria de aturar até morrer aquella vida igual e monotona!

Nem a idéa da filha a serenou. Levantou-se e foi cantarolando para o quintal, enquanto o marido ficava cá dentro a repisar os mesmos doestos contra a Alayde.

---

Travou-se então desse dia uma grande lucta no espirito de Graciema. Tanto mais Silvestre insistia em não conduzil-a ás reuniões semanaes da casa de Alayde, quanto mais aquellas festas lhe pareciam cheias de brilho e de seducção. Embora comprehendesse os motivos por que o marido não a queria levar, Graciema não se conformava com a idéa de perder aquellas noitadas de que bem avaliava o fulgor, pela unica que lhe fôra dado assistir.

Vinha-lhe então um grande desanimo de viver, ao mesmo tempo que uma surda e indefensavel inveja de Alayde lhe mordia o mais intimo do coração.

Que grande tola fôra — raciocinava — em ter casado com aquelle Silvestre, tão pouco social e tão triste!

Lembrava-se dos seus primeiros annos de mocidade, dos seus sonhos de dominação.

E ao comparar aquellas fantasias da mocidade com a enervante realidade de agora, um grande e sincero pranto desabou-lhe dos lindos olhos claros.

Que ganhava afinal com tantos e tão repetidos sacrificios? Apenas a tranquillidade de um lar que, na raiva que a dominava, bem pouco lhe importava.

Mas a meio de todos esses argumentos perturbadores, rasgou-se de repente uma lembrança grata e confortante. E sua filha, sua Lucy, tão feiticeira nos seus oito mezes candidos e felizes?

Graciema parou um instante, de olhos fixos no soalho. E pouco a pouco, a idéa da filha tomou-a, seduziu-a, empolgou-a.

Sim! Tinha o que Alayde, na sua apparente felicidade, não possuia: uma filha.

Que podia comparar-se a essa joia tão attrahente na simplicidade da sua belleza? Não: Lucy seria o bastante para encher-lhe a vida de felicidade.

E Graciema ficou alli, já arrependida do que mentalmente pensára contra a sua vida que, bem examinada, não tinha nada do que a principio pensára.

---

E sobre esse dia feliz, outros dias felizes se amontoaram, sem mais se falar no nome de Alayde.

Mas certa vez estava Graciema a arranjar por suas mãos um vestido, quando alguém bateu nervosamente á porta.



E logo Alayde appareceu, sempre alegre e chalrona. De *charmeuse beije*, um discreto e luxuoso chapéu do mesmo tom, nunca na verdade parecera á Graciema tão formosa:

— Sabes que estás muito bonita? — disse-lhe logo esta com sinceridade.

A outra sorriu, sem responder, volteando entre os dedos o *necessaire* de oiro:

— E tu, que tens feito? Por que não appareceste mais?

Graciema alegou uma porção de coisas — doenças, o Silvestre com muito serviço no banco.

Alayde olhava-a com sorridente piedade.

— Não, não é nada disso.

— Não é...?

— E' apenas o Silvestre que não quer a nossa amizade.

Graciema ia protestar. Alayde deteve-a:

— Não negue. Eu sei. Eu vejo. Olhe, ainda hontem eu e o Julio encontramos com elle. E quando o cumprimentamos, virou-nos a cara.

Graciema, embora polidamente, tentou desculpar o marido. Mas, não era possível! Silvestre não os vira, com certeza.

Alayde não retrucou. E passou logo a outra ordem de idéas. Perguntou pela pequenita, como ia, si já estava "muito sabidinha". Sentára-se. E relanceando o olhar em roda, numa indiscreta inspecção.

— Estás bem installada, filha.

Graciema confessou que para negocios de casa, o Silvestre era duma exigencia sem limites. Queria tudo sempre limpo. E concluiu:

— No que diz, porém, respeito ao resto...

E apontou o vestido aberto sobre o figurino.

Alayde repontou:

— Mas está também na tua vontade obrigalo a satisfazer os teus caprichos.

E levantou-se, foi examinar o tecido da fazenda, achou-a “boazinha”.

A como comprára?

Graciema, sem vaidade, confessou que lhe custara 25\$ o metro.

Alayde endireitou-se. Não era má. Pelo preço não era má. Ainda ha dias comprára um *jersey* muito bom, a oitenta mil réis.

Mas o feitio já lhe estava em quasi duzentos.

E tornou á carga:

— A mulher para ser feliz deve tornar-se exigente. Só assim, Graciema, o marido percebe as suas responsabilidades. E concluiu sorrindo:

— Depois, o que custa mais caro, minha amiga, agrada sempre mais.

---

A' tarde, quando Silvestre chegou, Graciema não quiz jantar.

Silvestre foi logo procural-a, na cama onde ella se deitára.

— Mas que tens tu?

— Nada.

— Estás doente?

— Não.

— E por que não vens jantar?

— Por que não quero.

A aspereza da resposta não afastou Silvestre.

Insistiu:

— Mas, tomaste alguma raiva?

— Não.

— Não comprehendo então...

Graciema sentou-se no leito, irritada:

— Não admiro. Si nunca me comprehendeste!

E despejou logo a confissão que lhe inflammava o peito: passára o dia a infernar-se na confecção dum vestido e por fim não acertára a fazer o que queria. Ahi estava o que era.

Silvestre ouvia-a paternalmente. E por fim:

— Mas manda-se fazel-o fóra.

Graciema sorriu aggressivamente:

— Com aquella fazenda?! Cuidas que aquillo presta?!

—Foste tu que a compraste.

— Porque para mais não me deste dinheiro.

— Não podia d'ar-t'ó.

Graciema olhou o marido. Uma irreprimível necessidade de maltratá-lo, suffocou-a.

— Francamente não sei em que gastas todo o teu dinheiro.

Silvestre, já então envaidecido pela idéa de que aquillo não fosse mais do que uma scena banal de ciume, poz-se a falar com enternecimento:

— Bem, filha. Já sei o que tens. E' ciume. Cuidas que te esqueço por outras mulheres, quando para mim ninguem mais existe no mundo além de ti.

Ella deu um muchôcho, virando infantilmente o rosto. E Silvestre proseguiu:

— Não negues. E' a verdade. Mas o que queres, afinal, é um vestido caro, não é? Pois bem: no fim do mez te darei o dinheiro:

Reflectiu um momento e logo:

— Duzentos mil réis, chegam?

Ella continuou calada. E não sabia Silvestre que naquella cabecinha formosa, um grande, um profundo desprezo nascia contra a sua tão grande bondade.

---

Dias depois, sempre aproveitando as horas em que Silvestre estava no serviço, Alayde tornou ainda. Trazia novo vestido, um exaggero mais estudado de attitudes. E tão de prompto fascinou Graciema que esta mal podia reprimir as lagrimas de inveja. Afinal disse:

— Sabes que Silvestre me deu um novo vestido?

Alayde sorriu com benevolente superioridade.

E:

— Bonito?

Graciema concertou:

— Deu-me o dinheiro para compral-o. Duzentos mil réis.

A outra approvou:

— Bem, com duzentos já se póde comprar uma coisa bôa.

Graciema, porém, entrou em detalhes: não se exprimira bem. O dinheiro não era apenas para a fazenda, mas tambem para o feitio e o resto.

Alayde abriu um leve riso de piedade. E logo:

— Ah! Assim...

Mas emendou, solerte:

— Tenho uma idéa, Graciema. Queres vir á minha costureira? Ella cose tão em conta!

Graciema ponderou que talvez o dinheiro não dêsse.

— Dá. E depois passarás antes lá em casa e poderás escolher um modelo que agrade.

E como Graciema ficasse indecisa:

— Meu auto está ahí. E' um instante. Vai-te vestir.

Graciema, porém, objectava que o marido não queria que ella sahisse só.

Alayde encolheu os hombros magnificos.

— Mas não sais só. Sais commigo. Anda. Deixa de tolice. Eu assumo a responsabilidade do que acontecer. Vai-te vestir.

E empurrou-a de manso para o quarto.

E dahi a pouco rodavam as duas de auto para a casa de Alayde. Lá chegadas, começou então para Graciema, uma das torturas mais dolorosas que possam maltratar uma alma de mulher fútil: a ambição do luxo. Durante uma longa hora, Alayde exhibiu uma infinidade de vestidos, e chapéus, e joias, qual a mais surpreendente e mais cheia de seducções.

Graciema fazia apenas ajuntar as mãos a cada instante, como uma grande e innocente creança:

— Mas, que lindo! Que formoso!

— E esse anel, olha.

— Bello!

A meio da exposição, Alayde dava os pormenores de aquisição, o preço, o valor provavel do objecto. Aquella *pendantif* de brilhantes, por exemplo, fôra presente do senador Furquim, um velho protector do Julio. Valia bem tres contos. O anel de saphyra e mais aquelle de magnificos rubis, fôra presente do Emeterio. E a proposito do Emeterio, perguntou a Graciema com a maior naturalidade:

— Conheces-lo?

Graciema não o conhecia. Alayde deu-lhe as feições. Mas a outra não acertava. E Alayde insistiu:

-- Pois é um grande admirador teu, sabes?!

Graciema ruborisou-se com violencia:

— Meu?!

— Sim, teu. Viu-te aqui no dia da festa a que vieste; e desde então só fala em ti. Está doidinho.

Graciema, embora envaidecida por aquella tão intempestiva admiração, tentou logo despedir-se.

Alayde deteve-a:

— Mas espera, filha. Queres ir sómente porque te fallei nisso?

A outra disse que não; que não era por aquillo, mas porque já se fazia tarde. Alayde continuou:

— Uma creatura como tu, formosa e moça, podia dominar até o mundo. E fazendo-se pequena:

— Eu, que não sou como és, que não tenho a tua idade, domine, quanto mais tu.

E como Graciema esboçasse um gesto:

— Não, não digas nada. E's muito mais bonita do que eu. Muito mais bonita. Sempre o foste. E é por isso que me doe ver-te assim, tão... tão esquecida por um marido que te não comprehende.

E pondo-lhe a mão na bocca:

— Sim, porque Silvestre não te comprehende, Graciema. Tem paciencia. Não te comprehende. Vives — isso é que é falar com franqueza — num verdadeiro abandono.

Graciema baixára a cabeça, esmagada por um mundo de dolorosas evidencias.

Alayde proseguiu.

— Eu tambem, quando me casei, Julio começou com isso. Ganhava o bastante e não queria dar-me o que exigia. E sabes tu que fiz? Ein?

Graciema levantou para a amiga a fascinação dos seus olhos enevoados de lagrimas:

— Sabes que fiz? Tomei um amante rico.

— Um amante?! Alayde?! Tu já tiveste um amante?!

— Tive, não: tenho tido varios.



Graciema não poude conter uma pergunta:

— E Julio?

— Ora, Julio! Naturalmente sabe e faz que não sabe. O dinheiro que ganha é pouco para as amantes.

Graciema repontou:

— Mas Silvestre não é assim, Alayde.

Uma gargalhada sonora reboou pela sala rica. Não era assim! Ah! ah! ah! Ora, aquella! Todos os homens eram iguais. Todos.

E como a outra não replicasse:

— E serás uma tola si não fizeres o mesmo que eu, filha. Não nasceste para a miseria.

Dentro, o relógio tocou:

Graciema levantou-se. Despediu-se. Alayde foi leval-a á porta. E ahi:

— Tens a felicidade na mão, tolinha. No dia em que quizeres, Emeterio está a teus pés com dois mil contos e uma paixão desesperada.

---

Graciema regressou vivamente desorientada pelas palavras de Alayde. Por mais que se esforçasse por afastal-as do cerebro, ellas voltavam cada vez mais claras, impacientando-a, atordoando-a.

Que tentação diabolica lhe viera a Alayde metter na cabeça! Já da outra vez em que a Alayde a visitára, com o seu luxo estrepitoso, despertára-lhe um grande desejo de emulação. E agora, esse convite assim, tão tentador, tão cheio de seducção, embora estivesse quasi certa de o não acceitar, ensofregava-a devéras. E chegando em casa, Graciema estava num tal estado de excitação, que a propria creada lhe notou as feições alteradas:

— Que tem vosmicê, Graciema?! Está doente?!

Graciema irritou-se. Não tinha cousa alguma. Um pouco de dôr de cabeça, apenas.

Nem lhe parecia aquillo causa de espanto.

E foi mudar de roupa. Mas no quarto, emquanto se despia, as insinuações da amiga voltaram a reincital-a. Quem lhe assegurava — pensou — que a Alayde não tinha razão? Os maridos, todos elles, não passavam de refalsados hypócritas. Hypócritas e egoistas. Em casa exigiam tudo da mulher e quando sahiam faziam das suas. Pois seria possivel que Silvestre, ganhando um conto de réis, não lhe podesse dar um vestido de trezentos? Decerto que podia. Si lhe negára o vestido, era porque tinha outros compromissos, fóra. E ella, p'ra alli, como uma es-

crava, uma idiota! Não, tambem havia de tirar a sua desforra! A sua desforra! Olá, se havia de tiral-a!

E então chegaria a possuir tambem, como Alayde, os seus vestidos e as suas joias.

Mas de repente avaliou as degradações a que teria de descer para adquirir aquelle luxo: imaginou-se desnuda deante de outro homem que não fosse seu marido e estacou, de olhos muito abertos, já arrependida de se haver deixado arrastar pela colera. Não! Aquillo, não! Nunca!

Mas uma voz que ella sentiu ser a de Alayde, tornou a argumentar: pois então, claro que não podia ser! Sem aquillo, não. Si era exactamente daquillo que dependia tudo! E ella ouviu Alayde dizer:

— Mas venha cá, minha Graciema. Conversemos calmamente, sem exaggero. Será possivel que você deixe passar a sua mocidade inteira, você que é tão formosa, tão cheia de seducções, sem jamais ter experimentado o prazer de dominar? Cuida você que Silvestre, lá fóra, não faz o mesmo?

E Graciema evocou c riso de Alayde, entre ironico e piedoso, cheio das mais significativas alusões.

— Não — pensou — Alayde tinha razão. Tinha uma razão absoluta. Silvestre não lhe era fiel. Obrigava-a a viver trancafiada em

casa, privava-a de tudo e gastava certamente lá fóra o dinheiro, com outras.

Lentamente lançou um olhar aborrecido em roda de si. Não via coisa alguma que a agradasse. Pelas paredes, pendentes de pregos, os vestidos que usava — quasi todos remontados de outros num aproveitamento vergonhoso de pedaços. Dentro do guarda-vestido, as roupas de sahir á rua eram a mesma miseria, de fazenda barata quasi sempre adquirida nas liquidações, quando a moda ja começava a cahir.

Quanto a sapatos, nem era bom falar naquillo. Os que comprava duravam-lhe sempre mais de seis mezes e ainda lhes mandava pôr meias solas. No canto do guarda vestidos, duas caixas amassadas diziam ainda bem tristemente das suas possibilidades de chapéu. E, no emtanto, Alayde nem de leve conhecia aquellas miserias. Bastava ter um capricho, por mais bizarro, para que logo o realisasse. Não havia moda de que não usasse, perfume, por mais caro, que não conhecesse. E tudo por que? Porque se entregava calculadamente a um amante rico, duas ou tres vezes na semana. Só por isso. Então, de subito, voltou-lhe a raiva irrefreavel. E Graçiema resolveu que iria. Sim, no outro dia mandaria dizer a Alayde que marcasse o dia em que deveria encontrar-se com o tal Dr. E. neterio.

Todos os obstaculos que ainda momentos antes lhe pareciam invenciveis, nem de leve, agora, a atemorizavam. Iria. E teria as suas joias, os seus vestidos! E dominaria! Em ultimo caso, si Silvestre descobrisse, abandonal-o-ia. E que elle lhe tomasse a filha. Pouco se lhe dava.

Comtudo, durante dois dias, Alayde esperou inutilmente uma resposta de Graciema.

Emeterio vinha todos os dias entre as doze e quatorze horas e voltava desanimado, cada vez mais desejoso de possuir aquella rapariga que lhe fugia assim tão obstinadamente.

— Mas não se incommode — affirmava-lhe Alayde, convictamente. Ella virá. E' questão de tempo.

— Você acredita, mesmo? — perguntou-lhe Emeterio certa vez. Pois olhe, só me parece que estou perdendo o tempo.

Alayde sorriu finamente:

— Nem diga isso. Emeterio. O que Graciema tem — e é muito natural — é o pudor de se entregar assim. E' a primeira vez. Mas virá. Você ha de vêr.

No emtanto, dois dias passados sobre essa conversa, Emeterio entrou uma manhã mais animado.

E como de costume, depois de encostar a um canto da sala a sua rica bengala de cas-

tão de ouro, veio devagar para Alayde. Mas desta vez, em lugar da pergunta habitual, annunciou-lhe apenas:

— Sabe, Alayde... tive uma idéa.

— Uma idéa?!

— Sim, uma idéa que reputo magnifica. E como Alayde permanecesse calada:

— Si eu mandasse, por você, uma joia a Graciema?

Alayde bateu palmas, muito alegre:

— Bôa idéa, Emeterio! Excellente idéa! Mande vêr a joia.

— Tenho-a aqui — proseguiu Emeterio, desabotoando devagar o *frack* bem talhado e tirando do bolso da calça de listas um estojo de pelucia azul.

Alayde, sofrega, abriu a caixa, e não poudo conter uma exclamação.

— Mas, que lindo anel!

— Acha? — perguntou simplesmente o velhote, indo sentar-se no sofá.

— Lindo! — repeliu Alayde. Sou capaz de jurar que Graciema é sua.

Emeterio ficou um instante em extase. Um grande sorriso de esperança lhe illuminou o rosto moreno. E depois, emquanto Alayde depunha o estojo sobre a mesa:

— Olhe, Alayde, eu estou por Graciema, como se diz vulgarmente, pelo beijo. Si você arranjar-m'a, não lhe dou sómente os tres contos de que você precisa, mas dou-lhe mais

dois. E Emeterio queçou um instante a olhar o bico das botinas de polimento.

Alayde então prometeu fazer tudo o que estivesse ao seu alcance. Graciema viria. Era apenas — repetiu — questão de mais dia menos dia. Por que tambem o Emeterio ia ser o primeiro amante da rapariga.

Emeterio passou com impaciencia a mão pelo queixo escanhoadado.

— Pois é precisamente essa circumstancia que me amedronta. Está-me parecendo que a rapariga é honesta.

Alayde riu alto:

— Qual honesta, Emeterio! Você já viu alguém honesto deante de dinheiro?

E' questão de quantidade.

E com a maior semcerimonia confessou que tinha muita coisa a fazer naquelle dia.

Emeterio levantou-se:

— Bem, então...

— Póde contar como certo. Hoje mesmo vou lá.

E Emeterio foi buscar a bengala e apanhou o chapéu, já quasi satisfeito de viver.

---

Dahi a duas horas Graciema estava distrahidamente em casa, a ler um romance de Xavier de Montepin, quando sentiu um au-

tomovel parar trepidando á sua porta e logo  
alguem bater com os nós dos dedos:

— Vai abrir — gritou á creada.

E muito afogueada fechou o livro que  
depoz no collo. Adivinhou de prompto que era  
Alayde. E a idéa de que se ia vêr de novo em  
presença da amiga, entonteceu-a. Que diria  
a Alayde?

Certamente lhe não iria confessar que  
preferia ficar onde estava, naquella mesma  
miseria de sempre. Não seria capaz de in-  
goal-a assim. Mas, então? Não teve tempo de  
pensar. Alayde entrava, formosa e distincta,  
no seu vestido de *charmeuse* azul.

A mão esquerda, onde duas saphyras fa-  
bulosas scintillavam, segurava o *necessaire* de  
ouro, na mais perturbadora das expressões.

Graciema levantou-se como fascinada  
por aquelle luxo tão harmonioso. Alayde bei-  
jou-a carinhosamente na face.

— Então? Como vai?

Graciema confessou-lhe que não andava  
bem. Tinha agora umas tonturas. Alayde sor-  
riu:

— Já sei. Anda a pensar muito no que  
lhe disse.

Graciema ficou muito vermelha.

Oh! Não! Não! Nem cuidára mais na-  
quillo.

Acreditasse.

Mas Alayde insistiu:



— Não negue. Eu sei o que é isso...

E detendo-se de repente:

— E então? Resolveu?

Graciema olhou para os lados, amedrontada. Não, não resolvera. A bem dizer não tivera tempo para pensar naquillo.

Alayde sorriu de novo, afagando-a na face com o leque:

— Tolinha!

Graciema baixou a cabeça. Queria esconder duas lagrimas que lhe cahiam dos olhos negros. Alayde viu-lhas, no emtanto. E começou a dizer que não via motivos p'ra lagrimas, sinão p'ra alegria, p'ra risos. E noutra voz macia, convincente:

— Olhe, o Emeterio anda doidinho por você, maluca. Não sai agora lá de casa. Imagina que chegou até a mandar-lhe um presente.

Graciema levantou-se, horrorisada: oh! Não! Ella não recebia presentes.

Alayde arregalou os olhos, numa admiração muito theatral:

— Mas espere, filhinha: pretende v. tomar amantes sem ser p'ra receber joias?

Graciema respondeu logo:

— Nem uma cousa, nem outra. Não quero.

Alayde, porém, retirára da bolsinha o estojo:

— Mas veja lá. Olhe sómente.

E os olhos de Graciema encontraram um anel riquíssimo — uma esmeralda enorme e quadrada, rodeada de diamantes. E não pôde conter a emoção.

— Você está doida, Alayde?! E que diria eu a Silvestre, si acceitasse esse anel?

— Silvestre não tem necessidade de saber disso, filha. E em ultimo caso, si te apanhasse com o anel, dir-lhe-ias que as pedras eram falsas, tola. E elle acreditaria, juro-te. Os maridos são sempre uns idiotas.

Graciema ficou um instante a fitar a toalha da mesa. O relógio bateu onze horas. Fóra, no pequeno terraço onde trepadeiras de flôres polychromicas esvoaçavam ao vento, alguns passaros cantavam, nas suas gaiolas.

— Vou-me embora — annunciou Alayde levantando-se.

Graciema não lhe pediu que ficasse. Mas, quando a viu deixar o estojo sobre a meza:

— Não, Alayde. Eu não quero esta joia. Alayde parou um momento:

— Fique com ella, tolinha. Só a esmeralda vale mais de dois contos.

Graciema parou um instante, interdita. Mas logo lhe voltou a decisão:

— Não quero, leve-a.

E apanhou o estojo de sobre a mesa, entregando-o a Alayde.

— Leve-o, leve-o.

Alayde poz as mãos para atraz.

— Não, fique. Mesmo porque isso não importa num compromisso. Você irá lá em casa, verá o Emeterio e si não o quizer, pelo menos lhe agradecerá a lembrança.

E emquanto caminhava para a porta da rua:

— O Emeterio é rico, filha: é riquissimo. Não faz questão dessas coisas. E assim você fica com o anel. Porque um desses nunca o Silvestre lhe ha de dar. Póde estar certa disso.

E depois de beijar carinhosamente a amiga, Alayde despediu-se apressada, allegando muitas compras a fazer.

---

O primeiro cuidado de Graciema foi voltar depressa á sala de jantar, metter no estojo o anel que ficára sobre a mesa e ir guardal-os na gavêta da commoda. E fêl-o.

Mas já trancára a gaveta, quando de subito lhe veio uma vontade absurda de rever a joia. Estirou a mão esquerda onde nem um só dedo mostrava a graça de uma pedra e não resistiu a pôr no anular aquella fabulosa esmeralda, que nunca se julgára capaz de possuir.

Reabriu tremulamente a gavêta, retirou o estojo, escancarou-o e, com o coração a ba-

ter-lhe acelerado, metteu o anel no dedo. E oh! que coisa admiravel! Com elle a sua mão branca adquirira de repente uma expressão nunca vista de belleza. Comtudo arrancou-o logo do dedo, depôl-o de novo no estojo, metteu-o no fundo da gavêta que trancou, guardando a chave no seio. E voltou para a sala de jantar, a apanhar o livro. Mas inutilmente tentou retomar a leitura. De fóra, do quintal, entravam os risos claros da filha, a passear garotamente por entre os canteiros, no braço da creada. E até Silvestre chegar, Graciema ficou alli atordoada pelos mais dispaes e ameaçadores pensamentos.

---

Dahi a quatro dias Alayde tornou de novo á casa de Graciema. Trazia novo presente do Emeterio — uma pulseira rica, de platina. E quando esperava vêr a amiga receber a joia já sem aquelles escrupulos exaggerados da outra vez, viu-a crescer de subito, indignada, com lagrimas nos olhos:

— Vá-se embora, Alayde. Você está-me levando para o caminho da perdição. Lembre-se de que tenho uma filha.

Alayde riu muito alto. Ora, aquella! Que tinha uma filha com o resto? E sentando-se defronte de Graciema recomeçou a enume-

rar as qualidades do Emeterio, a sua discreção, a sua educação. Cuidaria Graciema que o Emeterio iria boquejar qualquer coisa do que se passasse entre ambos?

— Tudo se sabe neste mundo — argumentou Graciema, agastada.

E tornando-se de repente, implorante, humilde:

— Imagine você que Silvestre depois venha a saber de tudo. Que desgraça não será para mim?

Alayde, com a sua habilidade, conheceu que era o momento de atacar Silvestre:

— Ora, não me fale em Silvestre.

— E' meu marido — observou-lhe Graciema com magoa.

— E' seu marido, bem o sei. Mas o que não faz elle por ahi...

— Quem sabe? — objectou ainda Graciema.

Alayde sorriu significativamente. E depois:

— Não ha marido fiel, Graciema. E você bem conhece isso. Deixe-se de asneiras.

Houve um silencio. Graciema ponderou:

— Mas, afinal, supponha você — e ella baixou prudentemente os olhos — supponha você que eu me entregasse ao Dr. Emeterio. Como poderia apparecer aos olhos de Silvestre com o que elle me desse.

— Como?! — repetiu Alayde, admirada. Cuida você que o Silvestre vá esmerilhar quanto lhe custaram os vestidos, as joias, e tudo o mais. Com o que o Silvestre lhe der você dirá que comprou mais isso e mais aquillo. E elle acreditará, garanto-lhe. Os homens, nesses assumptos femininos, são uns verdadeiros tolos.

Graciema, porém, não se conformava. Quiz mesmo reentregar a pulseira; mas Alayde lhe pediu que recebesse a joia, pois, disse, não importava aquillo em compromisso algum. E tendo uma idéa, de repente:

— Façamos uma coisa: você vai amanhã lá em casa e verá como o Emeterio é um homem de bem.

E fazendo-lhe festinhas:

— Não diga que não. Amanhã ás dez horas eu estou aqui p'ra buscal-a. Adeus.

Estendeu-lhe a fina mão enluvada. Graciema ficou só, sem uma palavra, sem um gesto, mergulhada na mais atordoante das indecisões.

---

No outro dia ás oito horas, logo que Silvestre sahiu para o trabalho, Graciema começou a preparar a roupa com que havia de apparecer a Emeterio.

E tanto se demorou nisso, tantas indecisões lhe appareceram de repente, na escolha do vestido, que duas horas depois Alayde ainda veio enconral-a de roupa de casa e despenteada.

— Como?! Pois não vais?! — exclamou escandalizada ao entrar.

Graciema disse que sim, que ia. Mas estava com preguiça.

Alayde, interessada, animou-a. Qual!

Que se fosse preparar que ella esperaria. E tanto disse, tão astuciosamente a convenceu, que meia hora depois a viu prompta e de chapéu:

— Que idéa não irá fazer de mim o seu amigo! murmurou depois Graciema, mirando-se no espelho do toucador.

Alayde sorriu. Nem dissesse aquillo. Estava elegantissima e sobretudo formosa.

Graciema, mais animada, resolveu partir. Não pozera nenhuma das joias dadas pelo Emeterio. Só lhe parecia que si as levasse teria de ceder. E confortada pelas declarações de Alayde, ella ia quasi na certeza de voltar sem que a manchassem os labios daquelle que a desejava. Todavia ficou muito tremula quando o auto parou de repente ao portão engrinaldado da casa de Alayde.

— Salta — disse-lhe esta.

Graciema saltou. Um grande frio percorria-lhe a espinha; o coração dir-se-ia que-

rer saltar-lhe pela bocca. Animou-se mais porque notou a casa toda fechada e presentiu logo que Emeterio não viera ainda. Foi mais calma que subiu a escadinha que conduzia á *terrasse*.

Mas Alayde empurrára a porta e oh! surpresa, Emeterio já estava na sala e veio recebê-las com um sorriso.

Graciema quasi nem pode fixal-o. Só a lembrança de que era aquelle homem que desejava possuil-a, fazia-lhe as pernas tropegas, a vista turva. Tinha apenas desejos de fugir dalli, a correr e nunca mais lá pôr os pés. Comtudo, quando depois de tirar o chapéu, voltou com Alayde e ouviu a voz de Emeterio, sentiu-se mais confiante, menos timida.

Elle falava calmamente, com um ar todo paternal que inspirava confiança. Começou dizendo que havia duas horas que as esperava.

— Quasi não conseguia trazel-a, affirmou Alayde apontando Graciema. E logo:

— Não imagina você, Emeterio, como é teimosa.

Emeterio riu espessamente, afundado no sofá. Mas elle não podia acreditar — começou a dizer devagar — que uma creatura tão bonita como dona Graciema, fosse teimosa assim. E repetiu: não acreditava.

Graciema, de cabeça baixa, tinha o aspecto contristado duma ovelha que vai ser



immolada. Sómente quando Alayde se levantou, dizendo que tinha algumas ordens a dar aos creados, exclamou levantando-se:

— Também vou contigo.

Mas Alayde, muito risonha, pediu-lhe que ficasse um instante a conversar com o Emeterio. Já voltaria. Então Graciema sentiu que escorregava para o abysmo da perdição. E agora, era ella propria quem fazia esforços tremendos para se submeter á desgraça, para isso evocando o luxo que teria e os prazeres de que gozaria, entregando-se.

Nem estremeceu quando Emeterio, com a voz repassada de emoção, começou a dizer que a amava de ha muito, desde a primeira vez em que a vira num cinematographo, pelo braço do Silvestre.

Apenas, quando elle se lhe approximou e ella lhe sentiu o halito ardente de desejo, não se conteve:

— Porque me persegue? — perguntou-lhe quasi com lagrimas, pousando neíle os seus grandes olhos languidos. Sou uma mulher honesta e com uma filha, senhor! Tenha piedade de mim.

E era tão evidente a sinceridade das suas palavras, tão agonizado o arfar do seu seio casto, que Emeterio se deteve um momento interdito. Comtudo, astucioso, não desanimou. E muito arditosamente foi desviando a

conversa para outro terreno onde decerto esperava vencel-a. E falou:

— Eu bem avalio, D. Graciema; os seus escrupulos são naturaes. A sra. não me conhece, não sabe quem eu sou e sobre mim tem ouvido apenas o que Alayde lhe diz. Mas, não é por me gabar, sou o mais sincero e discreto dos homens. Ninguem a adora mais do que eu. Nem seu marido. Não, não a ama. Si a amasse, far-lhe-ia todas as vontades, realisaria todos os seus desejos.

Graciema levantou de novo para elle os olhos enevoados de lagrimas. Emeterio proseguiu com estudado enternecimento:

— E' a verdade, minha filha. Seu marido não a ama. Quem tem uma mulher como você, assim moça e formosa, é para viver dia e noite a adoral-a e a beijal-a.

Lentamente a grande mão de Emeterio procurava a de Graciema. E conseguiu agarral-a. Graciema não oppoz resistencia. Nem mesmo quando o viu beijar-lhe as pontas dos dedos. Sómente ao sentir-lhe o braço, que procurava estreital-a, foi que se levantou:

— Não, meu amigo. Deixe-me.

Mas Emeterio tambem se levantára. E foi para ella:

— Pois sejamos ao menos amigos. E não veja nos meus presentes uma offensa á sua

virtude. Sei que é honesta e quero que continue a sel-o. Mas é que me doe vel-a andar assim, tão... tão modesta.

E calou-se significativamente.

Graciema tornou a estender-lhe a mão que elle aspirou e beijou com enternecimento e fugiu dalli com a certeza de que se livrara dum grande, dum immenso perigo.

---

Comtudo, já em casa, rememorando toda a scena da manhã, Graciema chegou á conclusão de que si não cahira fôra apenas devido á grande dignidade de Emeterio.

Certo de que si elle tivesse querido forçá-la e a agarrára, estaria áquella hora uma mulher perdida. E cresceu-lhe de repente uma tão grande admiração pela conhecido de Alayde, que chegou a lembrar sem repugnancia o seu contacto ardente. Nem de leve aquella ingenua creança suspeitou de que o velhote fizera tudo aquillo de industria, deixando-a escapar certo de que só assim a teria com maior facilidade. E a meio de sua infantil credulidade, Graciema sentia ainda que Emeterio tinha agora um lugar aparte no seu coração. Concluiu mentalmente que si agora elle apparecesse alli e lhe recontasse novamente o amôr que o abra-

zava, se lhe deixaria cahir nos braços, não com o intuito subalterno do ganho, mas porque assim o queria toda a sua carne palpitante do desejo de imprevisto.

Dois dias depois, como Alayde não houvesse voltado, foi ella mesma visital-a para dizer-lhe ingenuamente toda a admiração que o velho lhe despertára.

E já se preparava para sahir quando elle appareceu, sempre fino e distincto.

— Falavamos agora mesmo no seu nome — foi logo dizendo-lhe Alayde.

— Oh! — fez simplesmente Emeterio.

E os seus olhos e o seu sorriso foram para Graciema que estremeceu, tentando novas despedidas.

Mas Alayde pediu-lhe que ficasse mais um pouco. E Emeterio ajuntou, querendo fazer espirito, que não era tambem de metter medo a ninguem.

Acommodados todos, falaram um instante de coisas banaes.

Alayde, a proposito de cartas, lembrou-se de ir buscar uma que recebera na vespera, do pai.

De sorte que Graciema se achou de novo a sós com Emeterio.

— E então, D. Graciema? — perguntou-lhe logo este. Soube que ficou com uma pessima impressão de mim.

Ella lhe disse medrosamente que não, que não ficára.

— ... Porque eu, ajuntou Emeterio — confesso-lhe que não pude dormir, com a impressão que a sua belleza me deixou.

E por que ella já mais confiante fizesse um beicinho, dando a entender que não acreditava:

— Pois creia. Não lhe quero negar que tenho conhecido dezenas de mulheres. Nenhuma, entretanto, me perturbou tão singularmente como a senhora. Sinto, agora, que não amarei mais outra mulher na vida.

E não mentia, dizendo isso. Graciema era o desejo supremo da sua velhice devassa.

Começára a sel-o desde o dia em que a conhecera; e esse desejo se tornára uma obsessão tanto maior quanto mais sentia as probabilidades de não o realizar. Por isso, fugindo ao plano que se traçára e que era o de deixar que ella viesse a si, Emeterio insistiu:

— Não crê no que lhe digo?

E porque ella lhe não respondesse, de cabeça baixa, Emeterio foi sentar-se-lhe junto no sofá.

— Ninguém a amará mais do que eu, D. Graciema. Tudo que possúo pertence-lhe.

Docemente enlaçou-a. Ella não oppoz resistencia. E aquella mulher virtuosa cahiu

alli mesmo, victima indefesa daquelle astuto senhor dos mil disfarces da complicada arte de seduzir.

---

E a vida continuou como sempre, clara serena e igual. Silvestre, alegre e confiante, sahia pela manhã para o Banco, voltava para o almoço, sahia de novo. Mal o sentia afastarse, Graciema logo ia para o quarto toda tremulã, a vestir-se para o seu encontro com Emeterio. E já prompta, de chapéu, como si sahisse ao mais innocente dos encontros, ia beijar a filha, amimal-a por instantes no braço da creada. Emeterio, em casa de Alayde, esperava-a com impaciencia, fumando cigarros, consultando a cada instante o relógio.

E quando a campainha do portão tilintava, ficava confuso como uma creança amorosa. Nunca, na verdade, mulher alguma perturbara-o tão singularmente. O pudôr natural que ella demonstrava por vezes, ainda mais lhe acirrava o já pervertido desejo de velho viciado. Satisfazia-lhe todos os caprichos que agora ella os tinha em demasia, aconselhada por Alayde. Era mesmo um dos maiores prazeres do Emeterio, observar a ingenuidade com que Graciema lhe recebia os presentes, examinando-os entre grandes exclamações.

Por vezes detinha-se, mordendo o beicinho:

— Mas si Silvestre descobrir isso?

Emeterio balançava os hombros com displicencia.

— Qual! Os maridos não vêem nunca essas coisas, filha. Descansa.

E Graciema vinha e voltava, já agora sem aquelle medo tão grande que a fizera faltar varias vezes aos primeiros encontros.

---

Mas uma manhã, logo ao entrar no Banco, de volta do almoço, Silvestre recebeu uma carta. Abriu-a. Dizia ella:

#### Meu amigo

Sou o eterno anonymo amigo dos que são desgraçados como você. Sua mulher sai todos os dias, na sua ausencia, entre as doze e quinze horas, para a casa de Julio Oliveira. Ora, o meu amigo deve saber, como eu, que a mulher do Julio é a maior pervertida que se ostenta aqui na Cidade. E não fica, pois, decente...

Silvestre não poude concluir o resto da leitura. Já lhe bastava aquillo. Pretextou doença e immediatamente voltou para casa... Ao chegar ahi, ainda mais lancinante se lhe tornou a suspeita. Graciema na verdade sahira, sem que nenhuma das creadas podesse informar a causa da sahida. De pé, livido e tremulo, Silvestre fazia mil esforços para se conter.

---

E então tomou-o de repente uma duvida atrocissima. Si fosse verdade? Si Graciema o enganasse, o atraçoasse com o mais vil dos cynismos?

Silvestre arrimou-se á parede para não cair. Uma grande labareda nascia-lhe das entranhas radiando-se-lhe pelas veias, endoicendo-o. Rilhou os dentes numa decisão terrivel. E ficou alli, com os cotovellos fincados á mesa, machinando vinganças tremendas, com muito sangue e muita crueldade.

Pouco a pouco porém, foi-lhe voltando a calma. E si tudo fosse mentira? Si tudo não passasse de apparentes evidencias do seu cerebro ciumento?

Seu espirito, porém, carecia de affirmações solidas com que se acalmar. Certo que



si ella lhe fosse infiel não seria difficil encontrar uma prova. Lembrou-se logo de ir ás gavêtas de Graciema e de as revolver á procura de qualquer indicio. Comtudo ainda esteve um momento indeciso, querendo a pulso, no atarantamento que o atordoava, raciocinar um momento.

Logo, porém, cedeu ao desejo. Foi ao quarto que era o della e começou o exame. Abriu o guarda-roupas e reviu um a um os vestidos. Mas a evidencia maior, que era aquelle exaggero de sedas caras, não lhe accentuou a suspeita. Poz-se a abrir uma a uma todas as caixas. Nada via que o tirasse daquella angustia. Todavia, quando forçou as gavêtas da penteadeira, parou estupefacto. Uma dellas estava trancada. Então, sem medir consequencias, rebentou-a. E logo se lhe deparou uma porção de joias a que um exame rapido lhe deu a certeza da authenticidade. Sim, aquellas joias eram verdadeiras e não fôra elle quem lh'as dera. Com as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos, as fronte candentes, Silvestre ainda proseguiu a pilhagem. E logo deu com um masso de cartas, ás cartas decerto que ella recebera do amante. Abriu-as. As cartas não eram do amante. Eram de Alayde. Mas dizia logo a primeira:

## Graciema

O E... manda perguntar-lhe porque não veio hontem. Diz que está com um grande desejo das suas caricias. Quando apparece?

Alayde.

E em baixo estava ainda uma nota:

Cautela. Rasgue esta logo que a lêr.

A.

E a infame deixára de cumprir o conselho, tão certa estava de não ser descoberta!

Mas já os dedos tremulos de Silvestre despedaçavam o envoltorio de outra. Esta agora era longa e trazia ainda a assignatura de Alayde. Começou:

## Graciema

Recebi o seu cartão e já falei com o E... Elle diz que amanhã traz o dinheiro que o pediu. Mas quer, em compensação, que você venha mesmo buscá-lo...

E durante meia hora, com os olhos injectados, a cabeça quasi a estalar, o peito em braza, Silvestre leu e releu aquellas doze a

quinze cartas, todas de Alayde, mas claramente denunciadoras da infamia de Gracima. E um só desejo lhe vinha, o de maltratar a mulher, estrangulal-a logo que a visse chegar do deboche, disfarçadamente como sempre. Comtudo tornou a juntar as cartas e guardou-as no bolso. E foi para a sala de visitas esperal-a. A dôr que o jugulava era tão grande que parecia tel-o dominado. Estava como que embriagado, com o olhar duro, torcendo convulsivamente os dedos. Mas pouco esperou. Um auto rodou e logo alguem bateu. Era ella. Silvestre foi mesmo abrir-lhe a porta. E quando a viu entrar, airosa e bella, rescendendo a jasmims, uma grande onda de ciume suffocou-o.

Ella no emtanto, tão desprendida vinha, que nem pareceu, de principio, notar-lhe as feições alteradas.

E perguntou:

— Vieste cêdo assim?

Elle olhou-a d'alto a baixo, sem uma palavra. Mas estremeceu. Nunca, na verdade, a achara tão formosa, tão fascinante. E a certeza de havel-a perdido, a certeza de que não mais a teria, feriu-o tão fundamente, que quasi o fulminou. No emtanto não lhe respondeu. Mas, ao notar que ella caminhava para dentro, explodiu:

— Donde vieste?

E quando esperava vel-a amedrontada ou debulhada em lagrimas, viu-a apenas olhal-o com desprezo e golfar-lhe na cara:

— E que tens com isso?

A resposta foi tão inesperada que estatelou Silvestre. Procurou a voz e não a encontrou. Tinha a impressão de que um barço o apertava e a cada momento abria o collarinho. Só depois de um instante recommçou:

— Cuidas que já não sei tudo?

Ella olhou-o de novo:

— Tudo que?

— Toda a tua infamia.

E como Graciema não se defendesse, puxou do bolso o masso de cartas e mostrou-lho.

— Tenho aqui as provas, ouviste? Tenho-as aqui.

— Roubaste-mas.

— Sim, roubei-tas. E só sinto não as ter tirado ha mais tempo, porque só assim já conheceria quem és tu.

Como Graciema fizesse um passo p'ra dentro, caminhou para ella, segurando-a violentamente por um braço:

— Tens medo, ein? Mas não cuides que te vá matar. Não. A minha vingança é outra, entendes? Começo logo por te tomar a filha.

Ahi foi ella quem deu uma gargalhada navalhante.

— Pódes leval-a agora. Pouco me importa.

E depois dum instante de reflexão:

— Fica com ella aqui. Por que quem se vai sou eu, percebes? Eu! E p'ra nunca mais pôr os pés aqui, porque tenho quem me queira, ouviste. Tenho. Aquellas joias que decerto viste na minha gavêta foram dadas por elle. Ouviste? Joias como nunca me deste, porque todo o teu dinheiro gastavas na rua. E ella poz-se a rir doidamente, estupidamente.

Silvestre, arrimado á parede, não fazia um gesto. Apenas, quando a viu dar um passo para a porta, gritou-lhe:

— Não sais.

— Deixa-me sahir — disse-lhe ella com raiva.

— Não.

— Deixa-me sahir, sinão grito.

— Pódes gritar á vontade. Grita — rouquejou Silvestre. Mas não sais, ouviste? Não sais.

E elle foi rapido á porta, trancou-a por dentro, poz a chave no bolso. Mas a idéa de que perdera aquella mulher, tomou-o de novo, endoidecendo-o. Puxou os cabellos num desespero doloroso, arrancou o collarinho, despedaçando a gravata. Gritava:

— Não sais, ouviste? Não sais. E's minha, minha, minha!

E espalmava a mão tremula sobre o peito.

Graciema, encostada á parede, parecia agora amedrontada. E elle continuou:

— Foi a ambição do luxo que te levou a isso, não foi? Miseravel! Ah! Mas agora vais ver o luxo que te hei de dar, ouviste? Nem que roube, entendes? Nem que mate p'ra roubar. E avançou para ella, arrancando-lhe o chapéu, despedaçando-lhe o collar, rasgando-lhe o vestido caro.

— Não sais. Tens de ficar aqui, percebes? E's minha. E logo:

— Não te bastava o meu amôr? O meu amôr!

Ella procurava inutilmente debater-se daquelles braços que a apertavam. Elle continuava cada vez mais a cingil-a, maltratando-a, quebrando-lhe as carnes. E por fim sacudiu-a brutalmente e deixou que ella fugisse para o quarto, tremula, quasi divina na sua semi-nudez tentadora. E cahiu alli mesmo, soluçando brutalmente, dolorosamente, como um individuo que visse de repente desmoronar-se uma illusão que levára a vida inteira a construir.

---

Nessa noite, na sala onde se deixára ficar atirado sobre um divan, Silvestre não poudo um instante dormir. De olhos abertos para a treva, a cabeça esbrazeada, as temporas a pulsarem-lhe com força, elle rememorava dolorosamente um a um os dias passados desde o seu casamento, como a procurar saber qual delles marcava o inicio da sua desgraça.

E que fazer agora? Que resolução tomar?

Certo que a idéa de abandonar Gracima, arrancando-lhe mesmo a filha, não o satisfazia: Não sómente se lhe afigurava pequena a vingança para tão grande falta, como tambem, pr'a que negar? sentia, apesar de tudo, que não podia viver sem a mulher, sem ouvir-lhe os risos claros, sem ver-lhe o perfil esgalgado de medalha.

E assaltava-o ao mesmo tempo uma grande vergonha, um desejo sincero de morrer. Mas ao mesmo tempo que se lhe embatiam no cerebro essas idéas, uma outra maior, mais viva, mais allucinante, atormentava-o. Quem seria o amante da mulher?

Durante horas esquecidas tentou descobrir-o entre as varias pessoas a quem conhecia e uma só não achou capaz da infamia monstruosa. Nem uma. E então? Que fazer?

Silvestre quedou-se indeciso, estúpido, sem uma resolução. Um só sentimento crescia dentro de si e o empolgava: O amôr pela

mulher. Compreendeu que por mais que fizesse agora, não mais teria alegria, nem tranquillidade. Era um grande desgraçado.

Mas nisso a porta do quarto escancarou-se, e Graciema appareceu já vestida para sahir. Estava pallida, de grandes olheiras roxas. Silvestre interpellou-a:

— Para onde vais?

Ella não lhe respondeu, tentando alcançar a porta. Elle atravessou-se-lhe adeante.

— Não, não saias. Entendes? Não saias. E's minha mulher. Ella tentou novamente sahir. Elle agarrou-se-lhe ás saias, como uma creança:

— Não, não sais — gritava. Não sais. Não sais.

E aquelle homem que sempre fôra altivo e nobre, e digno; aquelle homem que jamais soffrera uma humilhação sem a repellir; que desdenhara o amôr de tantas mulheres; que preferia de bom grado morrer a cometer uma baixeza, alli estava indignamente cahido aos pés de uma mulher que sabia falsa, perjura e indigna. Ainda tentou, num derradeiro esforço, desvincilhar-se daquella paixão que o arrastava na lama. Mas o amôr venceu-o. Sua voz era agora um soluço desesperado de agonisante:

— Pois não vês, Graciema, que eu não posso mais viver sem o teu amôr? Não sen-



tes que si me deixares, serei capaz de todas as loucuras, até de matar?

Não acreditas no meu desvairamento, na minha loucura? Anda. Dize.

E a sua voz tremia ao concluir:

— Faze o que quizeres, mas não me abandones.

---

Silvestre abriu o livro *Caixa* do Banco e leu pela centesima vez naquelle dia: “em deposito — quatrocentos e oito contos, trezentos e trinta e tres mil réis”. Voltou logo a pagina, passou o lenço pela testa encharcada de suor, olhou o relógio e reentrou na casa forte.

E ahi, os mesmos argumentos da vespera voltaram a reincital-o. Si retirasse dez contos daquelle dinheiro? Certo que não lhe apparecia, no momento, uma maneira qualquer de os pagar. Mas não dependia talvez daquelle dinheiro o amôr de sua mulher? Sem duvida que si a deixasse ao abandono, restringida apenas ao que lhe podesse dar, ella o deixaria, fugiria para a companhia do amante rico. E a idéa de perdê-la, horrorisava-o, punha-lhe calafrios nos ossos. Então, numa loucura, metteu no bolso os desejados pacotes. E muito pallido, sahiu.

Nessa noite, ao reentrar em casa, Silvestre levava uma joia. E tão feliz, tão fundamentalmente feliz estava, que Graciema se comoveu:

— Não faças mais isto, observou-lhe.

Elle olhou-a nos olhos. E refreando as lagrimas:

— Estás satisfeita? Dize. Estás?

E ficaram alli, mudos e calados, como si os separasse o mais profundo dos abysmos — o abysmo da morte.

---

Mas Graciema escrevera escondido a Alayde, contando-lhe pormenorizadamente todo o incidente. Alayde logo lhe respondeu, recommendando-lhe prudencia e demonstrando a necessidade que ella, Alayde, tinha, em por ora não apparecer. E mais de um mez se passou n'aquella incerteza tremenda para todos. Silvestre uma vez por outra trazia uma nova joia ou um vestido. Graciema enfarava-se com aquillo, mas recalcava a raiva, quasi cedendo áquelle amôr do marido que se fazia agora de humilhação e miseria.

Foi quando, certa vez, noite alta, bateram com violencia á porta. Silvestre levan-

tou-se e logo um movimento se fez por toda a casa, de agentes que entravam tendo á frente um sujeito autoritario.

Ignorante de tudo aquillo, Graciema quiz saber o que se passava. E logo o chefe do grupo a informou de que se tratava da apreensão dum roubo feito pelo Silvestre, pedindo para fazer por toda a casa uma vistoria. Silvestre, submettido logo alli a um mortificante interrogatorio, sahiu logo após para a prisão. E no outro dia, muito cedo, Graciema foi ter com Alayde, a pedir-lhe o conselho amigo.

Mas Alayde, já informada pelos jornaes, do que se dera, recebeu-a com uma frieza assustadora. Graciema, porém, não se atarantou.

— Não, Alayde. Tenha paciencia. Desde que foi você que me arrastou á desgraça, não me abandone agora.

E desatou em pranto.

Alayde então começou a falar. Sua voz tremia. Parecia commovida. E disse que estava disposta a tudo, que não desampararia jamais Graciema, a sua velha e intima confidente.

Graciema então pediu que mandasse chamar o Emeterio. Por mais de uma vez, nas suas entrevistas, elle a concitára a deixar o marido e a ir viver sómente com elle. Certo que agora havia de reiteirar-lhe o convite.

E ás duas horas, quando o Emeterio chegou, ella lhe repetiu a mesma coisa. Emeterio mexeu-se no amplo divan de couro. E embora fracamente, affirmou manter o prometido. Não a installaria com luxo — disse — nem a visitaria com frequencia para evitar a má lingua do povo; mas havia de arranjar tudo sem desar para qualquer dos dois.

E Graciema voltou para casa onde pela primeira vez na vida sentiu uma falta enorme do marido.

---

Logo no outro dia, bem cedo, Graciema recebia uma carta do Emeterio e com esta um cheque de dois contos. Escrevia Emeterio que não podia “deante dos acontecimentos desenrolados”, assumir o compromisso de fazel-a sua amante e que nem mesmo devia ella querer aquillo, por quanto, quando de todo não estava provada a culpabilidade do marido e podia elle, por consequencia, voltar a acceital-a.

Concluia dizendo que lhe mandava aquelle dinheiro para as primeiras despezas e que si algum dia de mais necessitasse, não tivesse acanhamento em lho solicitar.

Graciema ficou a principio indignada com aquella sahida que, na sua mente escan-

descida por raiva, se lhe afigurava uma traição. Chegou mesmo a pensar em devolver-lhe o cheque, sem uma palavra.

Mas a perspectiva de privações proximas, aterrou-a. Silvestre não deixára em casa sequer um real. E que fazer? O unico alvitre que se lhe antolhava possivel era aquelle de aceitar o dinheiro do Emeterio e esperar que os dias venturosos lhe trouxessem uma solução menos afflictiva.

Demais, ainda lhe restava o recurso das joias caras que possuia, desde as primeiras dadas pelo Emeterio até as que depois lhe trouxera o marido.

Mas, pensou Graciema, quando lhe faltassem esses recursos que iria afinal ser da sua vida, ainda mais com uma filha pequena a educar?

Lgrimas ardentes descera-lhe dos olhos abrazados. E nessa indecisão angustiante ficou até a noite, de olhos abertos para a treva, uma sombra negra a envolver-lhe a alma.

---

Cinco mezes depois, precisamente quando Silvestre acabava de ser condemnado a dois annos de prisão, Graciema sentiu as primeiras necessidades de dinheiro. Com a filha repentinamente doente, acanhada de recor-

rer mais outra vez a Emeterio que nem mais déra signal de si, Graciema encontrou apenas o recurso de começar a vender as joias que até então tão avaramente guardára. A pharmacia e a voracidade de dois medicos recém-entrados na profissão, foram aos poucos absorvendo o dinheiro que emergia a cada fim de operação, onde sempre, o valor real do objecto era diminuido de metade sob mil pretextos disparatados.

Emfim, pouco depois, a pequenita morria, precisamente ao abrir-se a ultima caixa para despejar a ultima joia.

E Graciema ficou só, sem ninguem, sem um amigo sequer que a amparasse no pôdre vacuo para onde escorregava.

Alayde, a quem por duas vezes procurára, não mais lhe apparecera. Emeterio tambem. Graciema ficou estarecida. Que fazer? Matar-se? Mas para isso, desgraçadamente, lhe faltava coragem. Uma noite, mal escureceu, poz o chapéu e sahiu. Andou sem destino. Muito tempo. Numa praça, parou. Havia uma tocata por uma banda do exercito. Muita gente. Bancos. Sentou-se. E logo um velho obeso passou, mirando-a com um ar depravado e offensivo. E o velho voltou. E sentou-se-lhe ao lado.

— Muito bonita! — segredou-lhe.

— Serio?

— Muito.

— Obrigada.

O velho pigarreou. E logo:

— De quem está á espera?

— De ninguem.

O velho sorriu espessamente. E insistiu:

— Mora aqui?

— Não. Lá longe.

— Ah! Logo vi que não era do bairro.

Conheço todas as mulheres daqui.

Emquanto elle fallava, Graciema lhe sentia o halito mal cheiroso e nauseante. Mas a fome lhe apertava o estomago.

Levantou-se:

— Quer vir? — perguntou.

O velho tornou a sorrir, com disfarce.

— Vá andando. Vá, que eu a acompanho.

E lá se foram os dois, lado a lado. No largo a musica continuava a tocar, estranha áquella tragedia que se fazia de humilhação e vergonha.

---

E dahi passou Graciema de mão em mão como um velho trapo. Uns vinham e voltavam. Outros, nem isso. Desillusões. Desgostos. E sempre, apezar de tudo, uma grande difficuldade de vida, a perseguil-a. Fechou a casa e foi, a convite duma velha alcoiata, morar para uma casa de tolerancia. Mas como era esbelta, e branca, e formosa, e attrahia as-

sim o olhar bestial de todos os frequentadores do bordel, logo pozeram-na á rua, com uma saraivada de doestos. E veiu descendo. Empregou-se num atelier. Encontrou outro velho viciado que lhe poz casa, mas que lhe exigia uma porção de indignidades. Fugiu. Sempre a vida má. Emmagreceu. Amorteceeram-se-lhe um pouco os olhos. E a meio da sua torva desgraça, como um clarão de aurora, a lembrança de Silvestre começou a perseguil-a, a principio de leve, para logo se fazer aguda, e lancinante, e viva. Que grande miseravel, que fôra! — pensava por vezes. Deixar um marido tão bom, tão affectuoso, tão apaixonado, pelo brilho apparente duma vida de vergonha!

Certo que a Alayde a attrahira, a aliciára, mas a culpa fôra toda sua, unicamente sua. E Graciema se lembrava do seu lar, claro, risonho, feliz; lembrava-se da filhita, nédia e rosada, enchendo a casa toda com a primavera dos seus risos. E tudo perdido! Tudo! Tudo!

Então as lagrimas vieram-lhe. A principio precipitando-se uma sobre as outras, e depois mais espaçadas e mais doces, lagrimas de humildade, lagrimas que só os cães batidos têm, na sua dôr sem palavras.

---



E mal sabia Graciema, na sua desgraça, que na prisão Silvestre ainda era mais desgraçado. Quasi louco, nos primeiros dias, de desespero e ciúme, pouco a pouco, com a reflexão e a calma, crescera-lhe do mais fundo da alma um repulsivo odio á mulher.

E tão de prompto se solidificou esse odio, que chegou a admirar-se de se haver deixado levar por aquella creatura tão má e tão perfida, ao grande crime que praticára.

Ah! Si pudesse ainda um dia riscal-a de vez da memoria e livre da prisão, ir viver para longe a sua tristeza e a sua vergonha!

Quando soube da morte da filha, Silvestre por pouco não endoideceu. E ahí ainda mais avultou o seu odio contra a mulher. Que o diabo a levasse agora. Não queria mais vê-la. E contava pelos dedos os mezes que lhe faltavam para sahir: onze, ainda!

Foi quando, num feriado nacional, leu com surpresa, no jornal, que o governo o indultára.

Não se conteve, rindo, beijando um por um a todos os companheiros de cella.

E logo, no outro dia, ao escurecer, vieram dizer-lhe que podia sahir.

Mal poz o chapéu, na ansia insoffrida de respirar o ar puro da liberdade. Livre! Emfim!

Desceu pausadamente a escada de pedra da prisão, transpoz o portão.

Esfregou os olhos no receio de não ver bem o que o cercava. Sim, era a rua! A rua! Estava finalmente livre!

E caminhou, pelo cáes, já illuminado. Mas logo sentiu que alguém o chamava. Voltou-se. E não pôde conter uma exclamação.

— Tu?!

— Sim, eu.

— Quem te disse que eu sahia hoje?

— Ninguém. Li nos jornaes o teu indulto. Ha dois dias que te espero.

Elle franziu os labios, com nojo:

— Sae-te. Enegrecestes-me a vida.

E olhou-a. Não parecia a mesma Graçima. Estava magra, desengraçada, vestida de cassa barata.

Silvestre fechou os olhos com horror:

— Sae-te. Não te conheço. Não sei quem és.

Ella gemeu ainda:

— Silvestre... meu amôr, não me abandones. Tem piedade. Não sabes quanto sou infeliz.

E a sua voz era tão dolorosa, tão terna, tão cheia de arrependimento, que elle ainda fez um passo para recebê-la.

Mas de subito voltou-lhe o passado, palpitante, vivo, ensanguentado.

Olhou-a com desprezo, franzindo os labios: e deu-lhe as costas, caminhando apressado para a cidade illuminada.

Ella lá ficou no cáes, só, triste, desgracada, sem mais ninguem que a amparasse na vida...

ESTRA

A r  
ca como  
le, de j  
harmom  
sus má  
ovaladas  
dos de  
geriam  
demora

Por  
amarello  
co, assis  
Mal vest  
de quem  
vente a  
daquella

O  
so que  
a rapar  
leza ma  
absurda

Com  
du anim

## ESTRANHA HISTORIA DE AMOR

A rapariga era graciosa, formosa e branca como uma estatua. Sob o seu vestido molle, de *jersey* negro, adivinhava-se-lhe o corpo harmonioso e ondeante. E cada vez que as suas mãos, alvas e esguias, de grandes unhas ovaladas, mergulhavam por entre os velludos dos estojos, abriam desejos longos, suggeriam caricias requintadas de amôr, beijos demorados, extases sem fim.

Por traz della, um velhote pequeno, amarello, de olhos apertados e barba em bico, assistia áquella escolha lenta e enervante. Mal vestido, insignificante, o ar humilhado de quem já muito soffreu, era quasi commovente a paciencia com que aguardava o fim daquella retardada e já longa escolha.

Que estranho casal era aquelle? Confesso que a principio os suppuz amantes. Mas a rapariga parecia tão consciente da sua belleza magnifica, que para logo repelli a idéa absurda.

Comtudo, já no fim, quando ella se decidiu afinal por uma joia que não vi mas que

de prompto suppoz muito cara, e elle, calmamente, puxou da carteira cheia, para pagar, readmitti a duvida atrós. Por que? Não encontrei, por mais que procurasse, justificação para tão alarmante suspeita.

Olhei uma, duas, dez vezes a rapariga. Altiva e branca, lembrava a rainha inatingivel dalgum conto maravilhoso de fadas.

E em baixo, sentado numa confortavel *mapple*, o velhote abria para o joalheiro um riso enigmatico no seu rosto macerado de fauno.

---

— Rua do Rivoli. Não sei o numero, mas já perto da *Rue du Temple*. E' a casa unica de antiquario que ha por alli.

Despedi-me quasi a correr. A informação de Eugenio Comprido entontecia-me. E emquanto apressava os passos, de mãos frias, o coração aos trancos como si fosse a uma aventura de amôr, eu revivia a scena distante da joalheria, naquella vez em que o meu Destino me mostrára aquella mulher, graciosa, formosa e branca como uma estatua.

Já depois, tres outras vezes, cruzara com ella de automovel. Mas tão rapidamente se fôra, que mal tivera tempo de seguil-a com os olhos do meu desejo.

Agora, em pleno *Boulevard* rumorejante, emquanto ella passava no seu luxuoso

*phaeton*, Eugenio Comprido me dava os informes desejados.

— E' brasileira como nós e vive lá com aquelle Isaac Meuman, antiquario e rico. Moram por cima da loja de negocio.

E dava-me o endereço. E lançava-me — p'ra que negar? — uma grande confusão no espirito de rapaz rico, que andava á cata de emoções raras e de custosa obtenção.

---

E consegui ser-lhe apresentado. E fallei-lhe. Que voz macia e musical, cheia daquelle mesmo colleio harmonioso que era o bulir rithmado das suas ancas!

Chamava-se Ascensão e trazia, nos olhos profundamente negros, as mais languidas e perturbadoras promessas.

Ficámos amigos. A principio com reservas. Depois mais francamente. Um laço secreto nos attrahia. E si não fôra aquelle velho simio que a acompanhava como um rafeiro, já lhe teria cahido aos pés, na mais banal das declarações.

— Os brasileiros de ordinario me enfastiam. São futeis. Meu marido que era tambem brasileiro, não os supportava.

— Viuva?

— Ha tres annos.

Eu juntava ciosamente aquelles pormenores, tentando reconstituir com elle um romance.

— E aquelle velho judeu horrendo? — era o que meu cerebro queria dizer.

Mas os meus labios pesavam como chumbo. Calava. E por vezes cresciam-me ciumes. O velhote era o amante escorraçado que pagava, mas gosava. Vinham-me desaforos mentaes: “Mulher infame! Miseravel!”

Voltava a mim, ouvindo-lhe a voz de seda:

— Isaac!

Elle vinha sorrindo.

— Passa na rua Royale e traze-me grampos.

Elle sahia. E com tanta confiança o fazia, que me desorientava.

De volta, no meu *appartement*, pensava commigo mesmo:

— Será amante?! Será amigo?!

E planejava infamias. Um dia, quando elle sahisse, agarraria Ascensão e esmagar-lhe-ia os labios e violal-a-ia. Tinha ingenuidades tremendas, com lances de theatro e muito sangue. Mas quando o Isaac partia, o coração destrambelhava-se e eu ficava quêdo e mudo, como um hypnotisado. Si tentava conversar, falhavam-me até as palavras. E



tornava para casa desanimado, a planear inutilmente as mesmas coisas impossiveis. Em tudo aquillo o idiota era apenas eu.

---

Ascensão deitára-se num divan. Estava de vermelho e a sua bocca sangrava como uma ferida. Vim pé ante pé. Ella presntiu. Voltou-se. Viu-me.

— Por aqui, Felicio?

Beijei-lhe os dedos, sem uma palavra. Devagar. Seu perfume entontecia.

Ella insistiu:

— Que anda a fazer?

Respondi-lhe uma banalidade. Depois:

— Isaac?

Isaac sahira, disse.

Senti-me mais leve. Mais decidido. Menos medroso talvez. Sentei-me junto ao divan.

E logo:

— Excelente velho, o Isaac!

Ascensão sorriu:

— Paga-me tudo, onde vê.

Isso deu-me animo. Levantei-me. Fiz alguns passos incertos. Mexi num bonzo, em porcellana velha, que dormia seu somno de seculos sobre uma mesa negra. Voltei. Ella acompanhava-me com os olhos.

— Que tem você, Felício?

— Nada.

— Está nervoso?

Parei defronte della. Olhei-a. Profundamente. O coração pulsava-me com desespero. Mas venci-o.

E logo:

— Sou muito desgraçado!

Ella levantara-se, sobresaltada:

— Por que?

E viera para mim, no seu andar colleante.

Não pude mais. Agarrei-a alli mesmo e desvairado enchi-lhe os pulsos, as mãos, a bocca de beijos ardentes e profundos.

— Ascensão!

Ella cahira sobre o meu hombro, sem uma palavra, enquanto eu continuava a beijal-a com paixão, soffregamente.

Mas, nisso o velludo verde do reposteiro franziu-se e alguém entrou. Era Isaac.

---

Seria amante? Seria um simples amigo? Isaac veiu caminhando para nós. Parecia mais pallido, talvez tremulo. Ou era impressão dos meus olhos exaltados. Mas veiu caminhando. Em nossa frente, parou, de chapéu na mão, cerimonioso. Ascensão olhou-o. E apontando-me:

— Aqui está o homem que o Destino me trouxe, Isaac.

Olhei-o. Não nos disse nada. Apenas fixava-me tambem, admirado. Ascensão arrastára-me para o divan. E depois:

— A vida é o imprevisto, Felicio. Não achas?

Só me parecia que a resposta poderia ofender Isaac.

Limitei-me a sorrir. E ficámos alli calados durante algum tempo, até que fui eu quem se retirou, esmagado por uma vergonha tremenda. Tinha a impressão de que cometera uma grande crueldade.

---

Ao outro dia voltei. Ascensão me esperava, de branco e tão formosa que me julguei indigno de possuil-a. Isaac não estava.

— Sou tua — disse-me ella.

E logo:

— Que pensaste hontem, de mim? Cuidas que Isaac seja meu amante?

Preferi dizer a verdade. Sim, cuidava. Ella sorriu:

— Pois não é. Parece incrivel, não achas? Dá-me tudo, tudo. Meu marido deixou-me a braços com a fome. E elle, que me conhecera casada, propoz-me isso, sem outro compromisso meu que não fosse o estimal-o. E as-

sim vivemos ha dois annos. Sei, sinto que elle me ama doidamente. Mas eu sou apenas para elle a Felicidade inattingivel.

Não queria crêr, máo grado a serenidade com que me fazia essa revelação. Parecia-me no emtanto, verdade, considerando a attitude de Isaac deante dos nossos beijos. Mas, pensei de que me valia apurar aquillo?

Ascensão estava deante de mim, formosa e cheia de graça; e caminhei para ella com toda a furia inflammada do meu grande desejo.

---

Isaac não appareceu nesse dia, mas na manhã seguinte voltou e continuou a vir como outr'ora. Era o mesmo. Tratava-me como sempre o fizera, conversava com Ascensão e depois sahia.

— Olha, Isaac, amanhã temos uma festa.

— Casaca?

— Smocking. Basta smocking. Não achas, Felicio? Eu fazia que sim, com a cabeça. E evitava olhar Isaac. Elle, porém, vinha despedir-se. E lá se ia. O mesmo de sempre. Uma esphinge.

---

E em baixo, na sua casa immensa de antiguidades, Isaac era o mesmo enigma vivo,

por vezes sorridente e feliz, outras vezes tristonho e concentrado, mas sempre amavel e duma grande e commovente docilidade.

Muita vez, ao descer da casa de Ascensão, ainda com os seus beijos de fogo a me esbrazarem a pelle, detinha-me um instante a olhar uma velha armadura ou algum movel de respeitavel antiguidade. E Isaac logo que me via, apressava-se com o seu perfil caprino a trazer-me uma dispensavel explicação, quando me não arrastava a examinar outros objectos em que o seu senso apurado de antiquario descobria maravilhas de factura e de concepção.

— Não se faz mais disso hoje — dizia descansando o dedo ossudo sobre o objecto.

E era realmente enternecedor o carinho com que elle manuseava um velho jarrão chinez ou uma arma antiga em cujo cabo um artista anonymo abrira uma admiravel trama de arabescos.

Mas os meus olhos mal reparavam naquellas maravilhas. Um unico desejo me dominava — o de fugir dalli para bem longe daquelle pobre diabo a quem decerto — pensava commigo — eu devia ter feito tanto mal.

E punha-me a imaginar-lhe a horrenda vida, atormentada decerto pelo ciume e pela colera refreada.

Mas a voz de Isaac subia tão mansa e tão igual que me desconcertava...

— E agora repare neste leque, sr. Felício. Tem p'ra mais de cem annos. Veja...

Então, não podia mais. E sahia dalli quasi a correr, incapaz de reflectir ou sequer de pensar, com um grande atarantamento no cerebro exgottado.

---

Ascensão convidou-me certa vez a irmos ao *Cirque d'Hiver*. Fomos. Toda de negro, um decote de escandalo, ella era, no fundo do camarote, a attracção dos meus sentidos inebriados. Nunca a achara mais formosa e mais cheia de seducções. E — p'ra que negar? — enquanto a via interessar-se pela graça suspeita de dois excentricos inglezes, eu antegosava mentalmente as peiores infamias com que havia de martyrisal-a mais tarde entre os meus braços.

No primeiro intervallo, Eugenio Comprido veiu ver-me com sua amante. Pouco depois surdiu Isaac Meuman. Apertado numa casaca que parecia comprida de mais para a sua mediocre estatura, elle lembrava mais um *clown* que passeasse na platea, já vestido para o trabalho.

— Que bom numero não daria o Isaac!  
— disse baixinho a Ascensão.

— Deixa o pobre homem! — contraveiu ella,

E o disse com tanta piedade, que a tristeza das suas palavras me commoveu.

Olhei Isaac. Nunca na verdade me fôra dado assistir a uma tão singular expressão de ridiculo.

Até pelas attitudes, Isaac Meuman faria rir a mais circumspecta creatura. Arrisquei no emtanto, perversamente, uma ironia insultuosa:

— Está muito distincto hoje, sr. Isaac!

Elle não respondeu. Limitou-se a sorrir. E aquelle riso que eu conhecia bem — uma argamassa de amargura e despeito — aquelle riso que me causára sempre um secreto aborrecimento naquelle momento me despertou apenas piedade.

Quando elle sahiu tornei a dizer devagar:

— Pobre Isaac!

No fundo do camarote, com um immenso leque de plumas negras, Ascensão abanava-se placidamente.

---

E os dias continuaram a passar.

Subitamente Ascensão transmudou-se. Mal saltava do leito era logo a cantarolar, fugindo graciosamente aos meus beijos que a procuravam, numa impressionante simplicidade de gestos e de palavras.

E tinha fantasias alarmantes de dominação, desejando ver os homens todos aos seus pés, esmagados pela sua seducção soberana.

Descalça, com uma leve tunica de seda apenas sobre a impecabilidade do corpo estatuesco, tinha perguntas infantis e desorientadoras:

— Olha-me bem, Felicio; não sou a mais bella mulher do mundo?

Então, attitudes suas lembraram figuras estylisadas de velhas danças gregas. Dizia:

— E sou a promessa do Amôr verdadeiro, Felicio. Repare em como, na rua, meu corpo accende clarões de desejos na pupilla dilatada dos homens.

E a sua voz era clara e harmoniosa, como um sino tocando a vespervas num fim de tarde de verão.

---

De volta de Londres, onde passára dois dias a negocios, encontrei Ascensão ardendo em febre, desaccordada, semi-morta. Logo ao entrar, dera-me a creada, com tristeza, a impressionante novidade.

Sem quasi ouvir-lhe as suppostas causas da molestia, entrei no quarto onde o meu amôr parecia adormecido. No fundo, quasi perdido na semi-treva do quarto, Isaac Meuman velava. Sem mesmo o cumprimentar,



caminhei para Ascensão, tomando-lhe os pulsos escaldantes, beijando-lhes um por um os dedos.

Tive de subito a impressão de que ia perdê-la e uma grande tristeza opprimia-me o coração.

Mas vi que se mexia no leito, abria devagar os olhos. E logo:

— Ah! meu amôr! Que grande saudade!

E sem olharmos Isaac, abraçamo-nos rindo e chorando como si nos houvessemos afinal reunido depois duma longa e retardada ausencia. Conheci que Ascensão adoeceira de saudade.

---

Duma feita acabaramos de jantar com Isaac Meuman, quando Ascensão me perguntou:

— Conheces Clio?

Eu conhecêra uma Clio muito vulgar que durante cinco annos perneára em todas as revistas do *Folies-Bergères* e por fim fugira com um inglez obeso e colleccionador de vulgaridades.

Mas não era aquella: Ascensão fallava-me duma outra Clio, sua amiga, rapariga formosissima, que vivera de ser modelo; e certo dia...

— ... certo dia deu em ter uma dôr continuada nas costas e a tosse impertinente dos debilitados. Como era de natural bohemia, tudo que ganhava era para adornos. E um dia... um dia...

Ascensão estava pallida e parecia cahir em syncope:

— ... vendo que ia morrer, quiz dar aos seus amigos um ultimo espectáculo da sua belleza.

Reuniu-os no seu *appartement* para uma ceia. E á meia-noite, appareceu-lhes inteiramente núa como um idolo, para que todos guardassem na retina o prestigio da sua belleza. Na manhã seguinte foram encontral-a morta. Envenenára-se.

Isaac Meuman, debruçado sobre os vastos almofadões dum divan, chupava modorrentamente seu charuto caro.

---

Isaac deu p'ra visitar-nos com uma irritante assiduidade. Sempre com aquelle seu ar desconsolado de martyr, havia no emtanto, no esmero das suas roupas, uma preocupação evidente de luxo. Por vezes lembrava uma aguarella carnavalesca de Gavarni.

Dei p'ra ter-lhe raiva.

— Ainda prohibo a vinda aqui, desse velho imbecil — declarei uma vez a Ascensão.

Ella parou a meio do quarto, inquieta.

— Não, filho. Tem paciencia. Tudo menos isso.

Eu não poderia, sem um remorso, fechar a porta a Isaac. Foi elle quem me salvou da miseria, quem me amparou, quem me acolheu quando não tinha ninguem por mim. E' meu amigo.

— Teu amigo, ein?

Vinha-me uma necessidade absoluta de maltratal-a, subvertendo-me o senso, endoidecendo-me:

— Teu amigo, ein? Eu sei como é isso. Já dormiste com elle, ; o que é.

— Eu?!

— Sim, tu.

— Olha-me bem, Felicio.

Olhei-a: estava de negro. E uma faixa dum doirado velho, abraçava-lhe as ancas, descendo-lhe pelos quadris tremulos e tentadores.

A eglantina dos seios ameaçadores, dançava-lhe a cada gesto sob o corsete frouxo.

E tudo nella, aos meus olhos de ciume, indicava seducção, vicio, talvez deboche.

— E's uma infame! — exclamei.

Ella desabou sobre o divan, num choro convulso.

Baixei-me a levantal-a. Mas os meus nervos pediam-me que a estrangulasse alli mesmo.

E no emtanto os meus braços se estendiam para o braço daquelle corpo sinuoso; meus olhos se juntavam no desejo daquelle bocca vermelha, meus labios se alongavam para aquelles seios brancos e perfectos.

---

— Quantos annos me dás?

— Vinte e quatro, talvez.

— Perfido!

Ella pozera sobre a minha bocca, a sua longa e perturbadora mão branca.

Era ao crepusculo e a noite, de inverno, cahira rapida e tristonha. Pelos cantos do salão, sombras roxas se amontoavam. Os objectos se indeterminavam na semi-escuridade. E eu via apenas aquella visão branca e attrahente que me procurava para o amôr.

Disse como um louco:

— As mulheres como tu não têm idade, porque a Belleza é eterna. Quero-te com todos os sentidos e sinto que és a unica, a incomparavel.

E beijei-lhe a bocca ardente, beijei-lhe os olhos humidos. Mas nisso uma campainha tocou. E logo a creada veio annunciar:

— Mr. Isaac Meuman.

— Isaac?! Que massada?!

— Fal-o entrar — disse ella.

E eu:

— Sempre me sae uma grandissima besta, esse Isaac!

---

— Bate-me, Felicio. Tortura-me. Mata-me. Não podes avaliar o prazer que me dás com isso. Só então tenho a consciencia de que és o meu senhor unico.

Olhei Ascensão. Depois duma violenta scena de ciumes, ella fôra cahir sobre o divan, formosa e seductora. E como agora, ceigo de ciume, eu a ameaçasse de matal-a, vinha a sua resposta submissa:

— ... Tortura-me. Mata-me.

E a sua bocca tremula procurava a minha bocca; e os seus olhos amortecidos de volupia, buscavam os meus olhos, sedentos de Belleza.

---

— Repara nisso.

E Ascensão mostrava-me os braços onde a brutalidade do meu ciume pozera nodoas violaceas. Era ao entardecer. Tinhamo-nos deitado sobre um immenso tapete de Smirna, que Isaac, sempre servil, adquirira naquelles dias.

O sol illuminava os vitraes, no fundo do salão; e pela janella entreaberta nós viamos, lá embaixo, o poente ainda amarello pallido, onde blocos de nuvens lembravam estranhos galeões de oiro, que passassem a caminho de algum porto fabuloso.

— Este anno iremos veraneiar em Cannes. Queres?

Não respondi. Tomára-lhe as mãos de cêra e lhes olhava, como uma creança, a trama violacea das veias. Uma vez beijei-lhas.

— Amas-me muito?

Olhei-a fundamente. E ficamos mudos. A acridez do poente se esmaiaava agora numa leve aguada côr de rosa. Uma ou outra estrella, entremostrava-se a medo.

Ella insistiu:

— Iremos a Cannes.

Affirmei-lhe que sim, que iriamos.

E continuamos a olhar a lucilação das estrellas.

Mas de subito Ascensão disse:

— Isaac tambem irá, sabes?

— Isaac? — bradei. Que tens tu com Isaac? Anda. Dize.

— Nada, Felicio. Nada. Acredita.

Agarrei-a fortemente, brutalmente, levantando-lhe a cabeça, como si quizesse adivinhar-lhe nos olhos profundos a mentira de tudo aquillo.

E nunca mais poderei esquecer a ternura, a docilidade com que ella me olhava. Mas resisti ao desejo de ser bom. Levantei-me, fui abrir um livro ao Acaso.

Ella veio para mim, carinhosa.

E não adivinhava o brazeiro de desejo que a inconsciente sensualidade dos seus gestos, avivava em mim.

---

Mas no outro dia faltei. De proposito. Tomára-me uma irrefreavel necessidade de tortural-a. E veio logo uma carta. A carta dizia:

Meu amôr

Depois do que hontem se deu, não devia mais escrever-te. Mas Isaac, o Isaac de quem dizes tão mal, aconselhou-me que o fizesse, que elle mesmo te iria levar o bilhete. E aqui estou a pedir-te que appareças ao menos para ouvir a justificação das palavras causadoras da tua colera, uma vez que me não déste tempo de dizer hontem mesmo.

Teu amôr

Ascensão.

Olhei o bilhete muito branco e muito cheio daquelle perfume entontecedor de que ella usava. Mas jurára que não iria. E não fui.

---

Outras cartas vieram. Annunciava uma:

“Nosso jardim está agora um immenso mostruario de gemmas — rôxas, rubras, amarellas, azues — engastadas em estojos verde negro de folhagem. Tudo convida ao Amôr. Vem”.

Dizia outra, ainda mais persuasiva:

“Medita na tua inconsequencia, meu Othello *boulevardier* e viciado e verás que não tens razão”.

E eu tornei. Nem de leve me sensibilizei a insubsistencia dos argumentos com que ella pretendeu provar a sua innocencia.

Meus sentidos eram uma fogueira deante daquella voz pesada de desejos, daquelle enervante perfume que vinha do seu corpo.

— Ascensão! — gemi. E's ainda para mim a terra desconhecida e inviolada. Ainda hei de assassinar todos os aventureiros que tentarem conquistar-te.



Sobre o divan immenso ella se deixára afundar mollemente, num ondeamento voluptuoso de serpe.

E eu cahi a seus pés, com humildade, escravo, pela primeira vez na vida, de uma mulher formosa.

---

Comtudo, ao voltar para casa, depois dessa noite de paixão tumultuosa, qualquer coisa me dizia que Ascensão me fugia.

Tanto mais me afervorava em convenecer-me do contrario, quanto mais a idéa enervante me aborrecia e torturava.

Rememorava uma a uma as suas attitudes e as suas palavras e embora nellas não conseguisse encontrar o motivo causal da minha suspeita, cada vez mais se me escurecia o coração.

Dormi mal e acordei inquieto. Tentei olhar como sempre as graças da vida e a vida me pareceu banal e inexpressiva, sem sequer merecer a pena de ser vivida. Sahi a espairecer e o bulicio da cidade, a graça das mulheres formosas, tudo me pareceu insupportavel. Ao escurecer, insensivelmente estava á porta de Ascensão. O coração pulsava-me desordenadamente. Subi. Entrei. Meu coração fiel, adinvinhára. Num divan, Ascensão estava reclinada docemente. A seus pés, beijando-lhe vorazmente as mãos, Isaac Meuman sorria, feliz. Meu coração fiel adinvinhára!

Minha primeira impressão foi de colera. Depois de incredulidade. Porque eu não podia acreditar, afinal, que Ascensão houvesse acceito Isaac Meuman, um typo tão insignificante, tão vulgar e a quem, aliás, ella sempre soberanamente desprezára. Comtudo exclamei:

— Ascensão! Pois será possível que você?...

Ella não se mexera no divan. Isaac levantára-se e fôra ficar, todo amedrontado, no canto do salão.

Caminhei para os dois apertando o *Colt* que trazia no bolso. Ficára como ébrio. Na minha vista, os moveis dançavam. Uma janella, no fundo, lembrava uma chapa de prata escandescida.

Ascensão falou:

— Não te exaltes, Felicio. Tudo o que possas suppôr, é verdade. Isaac, de hoje em deante, é meu amante.

Abri mais os olhos como si pudesse com isso ouvir melhor. Gritei:

— E as tuas caricias de morte? E os nossos beijos? E o teu delirio entre os meus braços? A voz de Ascensão respondeu:

— Nada disso esqueci. Mas Isaac tem sido a minha sombra. Desprezei-o e seguiu-me. Enxotei-o e seguiu-me. Sua humildade enfim commoveu-me.

Cortei-lhe as palavras com uma formidavel gargalhada. Mas o riso gelou-se-me nos labios. A dôr era maior que o meu orgulho. Vencia-me.

As lagrimas já me afogavam a garganta.

Ascenção levantára-se, viera para mim no seu andar colleante. E sob a gaze molle do seu vestido, eu sentia o seu corpo palpitante e forte, aquelle corpo de que eu conhecia a brancura, o perfume e a graça.

E a idéa de que o perdera, enlouqueceu-me.

Olhei Isaac Meuman.

Pequenino e insignificante elle continuava no fundo do salão com a sua cara amarella de viciado e a sua barbicha obscena de fauno. E todo elle sorria, pela face, pela bocca vulgar, pelos olhinhos pequeninos de simio.

— Infame! — gritei-lhe.

E caminhei para elle, agarrei-o pelo pescoço, joguei-o ao chão.

Só o orgulho impediu-me de estrangulal-o. Mas Isaac não falava. Sobre o rico tapete em que cahira, era como uma nodoa pôdre, tapando o rosto sorridente com a mão cabelluda e longa.

— Infame! — gritava eu.

E tornei a olhal-o. O miseravel continuava placidamente a sorrir, com um ar de

senhor que já era daquelle corpo branco que me fugira.

Então precipitei-me sobre elle, furioso.

— Por que te ris, miseravel? Por que te ris? Anda. Dize. Por que te ris?

E uma vez, cinco, dez, meu pé bateu-lhe no corpo com toda a violencia da minha força. E elle ria. Um pontapé certo quebrou-lhe o nariz. E elle ria, com a cara a escorrer sangue.

Então olhei Ascensão de alto a baixo, com nojo, com despeito, com ciume; e sem uma palavra sahi.

Mas fóra, na rua, olhando o *trottoir* barulhento, olhando as arvores verdes e felizes, olhando as outras mulheres que passavam reclinadas nos seus autos ricos, eu comprehendí que nunca mais teria socego, nem alegria, nem esperança, porque perdera a Felicidade — a minha Ascensão tão languida, tão formosa e unica...

## O MILAGRE DE SANTO ANTONIO

Em casa de Joca Portella nunca se deixou de fazer a trezena de S. Antonio. Chovesse ou fizesse sol por aquelle tempo, houvesse ou não gente doente em casa, logo no começo de Maio D. Gertrudes, a mulher do Joca, encommendava as flôres de papel para o altar do santo, mandava um bilhete a *seu* Furtado, pedindo-lhe que contratasse a orchestra, convidava as moças conhecidas para os canticos.

E ahi pelos meados de Maio começavam os ensaios diarios, a principio de afinação de vozes e depois com acompanhamento de orchestra. No dia primeiro de Junho, ás sete horas da noite, em ponto, após uma prolongada girandola de foguetes de tres estoiros, a orchestra atacava a ladainha, afinada e saudosa. O altar, armado na sala de visitas, era então uma maravilha de mau gosto.

Havia rosas de todas as côres e jarros com enormes bolas de vidro colorido; uma verdadeira multidão de anjinhos de papelão, pendente de fitas de sêda rosea; palmeiras e

crotons em vasos de barro que papeis de varios matizes discretamente disfarçavam.

Dezenas de castiças sustinham vellas coloridas; e por toda a sala, enredando-se pelas paredes caiadas, enfestonados de balõesinhos chinezes, grossos galhos de canneleira davam ao ambiente o perfume alegre duma casa de noivado.

Mas não sómente as coisas apresentavam esse ar alegre de festa. As pessoas tambem — sobretudo as moças — traziam vestidos claros e rendados, cheios de fitas e de laços.

Parecia mesmo um capricho, aquelle de cada uma querer apparecer mais bonita. Havia até gente, diziam, que ia ao cumulo de fazer um vestido para cada noite. E como o santo festejado era casamenteiro, as raparigas eram bonitas e as portas se abriam para o rapazio conhecido, não causava admiração quando, no correr do anno, casavam duas ou tres moças do côro. Houve um tempo até em que foi praxe dizer-se:

— Si quer casar logo, vá ás trezenas dos Portellas.

E alli na Capunga, onde elles moravam, o boato ganhou por muito tempo fóros da mais absoluta exactidão.

De anno para anno a concurrencia feminina augmentava. D. Gertrudes, com aquelle seu sorriso acolhedor, recebia sempre bem uma nova concorrente:

— Venha, minha filha. O meu Sto. Antonio não despreza quem o procura.

E o Portella, “maré me leva-maré me traz”, uma ponta de cigarro no canto da bocca chôcha, o Portella approvava, affirmando que dalli já haviam sahido mais de cinco duzia de moças para a igreja.

E observava:

— Si a minha Dondon ainda não foi, é porque é emperrada; e Sto. Antonio não gosta dos emperrados.

Dondon, muita vez presente, encolhia os hombros, risonha:

— Que me importa lá com isso. Só hei de casar com um rapaz de quem eu goste, papae. Não tenho pressa.

— Mas debes ter — ponderava-lhe meigamente D. Gertrudes. Olha que já estás ficando velha. No dia seis do mez que vem, fazes vinte e cinco annos.

A essa lembrança da idade, a pobre rapariga fechava então o rosto e sahia. E ninguem lhe reparava nas lagrimas que lhe desciam dos olhos claros e formosos.

---

Realmente a idéa de ficar solteira aterrorisava a pobre Dondon. Desde cêdo, mal lhe nasciam os seios, sempre fôra seu ideal casar depressa, porém casar com um rapaz cujo typo mentalmente fantasiava.

Mas embora bonita e cheia de picantes seducções, só lhe haviam apparecido rapazes que não correspondiam de maneira nenhuma ao seu intimo ideal. E os recusava, recusando-lhes muita vez a posição e o dinheiro. O caso, porém, era que aquillo se prolongava demasiado. Treze annos já naquelle continuo esperar e outro tempo igual de desillusões e desgostos. Agora, os pais começavam a atormental-a com a idade. Que resolução tomar? Por vezes vinha-lhe a idéa de fazer uma promessa a S. Antonio? Não era elle, diziam, o protector tradicional dos casamentos? Mas logo se retrahia, descrente, confiando mais no Acaso e talvez no poder das proprias seducções, que na protecção problematica da advocacia do santo.

Então tomava-a um desanimo profundo de viver, um desejo sincero de anniquillar-se. E certo — pensava — que si até aos vinte e oito annos não se resolvesse definitivamente a casar, haveria de matar-se.

Vinha sempre arrancal-a desses tristes pensamentos, a voz carinhosa de D. Gertrudes:

— Que está fazendo você, minha filha?

E percebendo-lhe os olhos inchados de chorar:

— Ora, deixe-se de asneiras, tolinha. Ainda ha pouco nós estavamos era caçoando.



Não vem aqui uma moça tão bonita como você. Enxugue esses olhos. Ande.

Passava-lhe docemente a mão pelos cabellos:

— Você casará no dia em que quizer.

Dondon, então, irritava-se.

— Ora, que asneira, mamãe! Disso sei eu. Mas prefiro morrer a casar-me com qualquer desses idiotas daqui.

E sahia dando um muchôcho.

---

Portella fazia tambem de casa, todas as noites, um ponto para palestra com os amigos.

Sociedade interessante a que então alli se reunia todas as noites para discutir com a maior estreiteza de vista, a banalidade dos casos do dia. Vinha sempre ao escurecer, o Tito, o Tito Feitoza, subdelegado do arrabalde — typo singular de falastrão e gabarola — baixote, amulatado, a cara picada de marcas de variola. Diziam-no mentiroso pelas circumstancias sempre perigosas de que revestia as suas aventuras. Ninguem como elle para apanhar um ladrão em flagrante, para fazer com exito uma batida a malfeitores. Empregava então termos empolados, sem significação. Gostava muito de deprimir as autoridades:

— O meu collega da Boa Vista, dizia, é um tolo na verdadeira *excepção* da palavra. Não tem *sciencia* do seu valôr.

E lá vinha a idéa fixa:

— Eu, si algum dia fôr delegado...

No fundo, porém, não era máo. Ouvia as suas missas dominicaes na Praça, dava esmola e com grandes approvações da D. Gertrudes, jejuava na quinta e sexta-feira santas.

Não raro mesmo se o via a carregar um varal do pallio na procissão dos Passos, do Recife. Outro da palestra do Portella, era o Cantidio, ex-guarda da matriz da Graça e então, por bondade do sr. Vigario, cobrador dos bens da irmandade de Sto. Antonio do Recife.

Não era tambem um máo homem. Pelo contrario. Fazia igualmente suas caridades, portava-se com decencia na sociedade, nunca apparecendo com a mulata que ha vinte annos o acompanhava como a propria sombra. Sua maior qualidade seria porém, talvez, o não gostar de politica. E por isso não dizia mais uma palavra quando o Tito começava a dar a sua opinião sobre o momento nacional.

D. Gertrudes gostava immenso do Cantidio. Guardava-lhe sempre uma tijellinha de arroz de leite, *comida* muito do gosto delle,

o que fazia por vezes a illustre sociedade ros-  
nar de despeito.

Havia ainda o *seu* Furtado, pardo escuro, juiz da irmandade de Sta. Cecilia e amigo de todos os musicos da cidade; Gonçalo Vieitas, funcionario da Prefeitura do Estado.

Vieitas, que morava no Recife, nem sempre apparecia; Tito, Cantidio e Furtado, eram porém figuras obrigadas na reunião diaria do Portella. Si não havia luar, ás nove horas os visitantes se despediam. Atraves-savam então o resto da rua da Amizade, vingavam a das Pernambucanas. Ahi ficava o Furtado. E Tito e Cantidio chegavam juntos aos Quatro Cantos, onde moravam. Si porém havia lua, o Portella exigia que ficassem até ás dez. Servia-se então uma canequinha de café. D. Gertrudes mesma vinha sentar-se ao portão enquanto Dondon andava pela visinhança, com as amigas.

E durante annos e annos aquella santa gente vivia aquella vida igual e honesta, apenas cortada aqui e alli por uma ou outra tesoura na vida alheia.

Quando passava o Carnaval, começava-se logo a falar nas trezenas.

— Este anno vou fazer uma ornamentação muito bonita — dizia D. Gertrudes.

— E' verdade... — lembrava-se o Portella — ... e o Vicentinho?

O Vicentinho era o tocador perpetuo de piano, nas trezenas dos Portellas.

Tito confessava que nunca mais o visitára.

— Estive com elle ha mais de dois mezes.

— Disseram-me que tinha peorado.

— Aquillo é um caso perdido — sentenciava Furtado. Coração...

Havia um recolhimento. Todos pensavam no pobre Vicentinho, sempre de pés inchados e olhos de garôpa, bebendo agua de flôr de laranja e cheirando éther.

— Um dia, quando ninguem esperar, está morto — considerava com piedade D. Gertrudes.

E Portella obtemperava:

— Ha vinte annos que o conheço assim. Desde que deu o desfalque na Caixa Economica.

Mas uma corneta ao longe tocava. Tito puxava do bolso do collete, o cebolão de prata.

— Nove horas. Bem.

Levantava-se estirando as pernas, abrindo a bocca. E estendia a todos a grossa mão suada.

Furtado imitava-o, Cantidio tambem.

D. Gertrudes gritava p'r'a sala de jantar.

— Damiana, vem botar p'ra dentro estas cadeiras.

E p'r'a vizinha, defronte.

— Dondon está ahi, minha negra?

— Está.

— Diga a ella que venha.

Dondon atravessava a rua, muito seductora no seu passinho saltitado.

E cinco minutos depois, a casa dos Portellas, fechada e escura, dormia o somno socego dum justo.

---

A casa tinha um sotão que olhava por duas janellas do oitão, para uma nesga da rua.

Uma janella, a primeira, correspondia ao quarto dos velhos, a outra ao quarto de Dondon. Quasi sempre, após meia hora, a segunda janella se abria e sobre a luz do quarto, uma figura esbelta apparecia a olhar a noite escura.

Aquella pureza de contornos, aquella esbelteza, trahiam logo a pessoa: Dondon.

E era ella mesma. Ficava horas e horas alli, a olhar distrahidamente as estrellas. Muita vez os Alcoforados, uns ricos que moravam defronte, ao voltarem do theatro, ainda a encontravam á janella.

— Aquillo é namoro — diziam.

Mas erravam. Dondon não namorava.

Dondon, do amôr, soffria sómente as penas sem jamais ter-lhe experimentado os

prazeres. Porque ella amava a quem não parecia querel-a, a quem a tinha decerto por indifferente, o que é infinitamente peor.

E dahi, aquelle longo scismar que já levantava na visinhança bisbilhoteira, comentarios desairosos. As noites eram-lhe, assim, um verdadeiro martyrio. Subia sem vontade as escadas, para o quarto. Deitava-se de começo na cama, ainda vestida. E punha-se logo a pensar. Que faria n'aquelle momento, Gonçalinho? Havia já dois dias que o não via. Estaria doente? Estaria de amôres? Certo que doente não estava. Pois si o estivera, a mãe d'elle que era amiga de sua mãe, já teria corrido a avisal-a. Era então negocio de namorada. Ah! Infame! Miseravel!

Dondon apanhava-se de repente a mor-der com força a medalhinha que trazia sempre ao pescoço.

Mas ao recordar-se do que representava a medalha — a virgem da Conceição rodeada de anjos e de nuvens — sustinha-se rapida, a beijal-a. Ah! Perdoasse-lhe a santa. Já nem sabia o que fazia! Andava doidinha.

E levantava-se, ia olhar-se ao espelho do lavatorio, como a convencer-se ainda uma vez do prestigio da propria belleza.

Era então quando abria a janella, e se debruçava até tarde. Si a noite era de luar, ficava horas perdidas a fitar a lua. Por vezes, lá embaixo, na rua deserta, um tran-

seunte passava, quasi sempre apressado. Si vinha de encontro á janella, levantava a cabeça ferido pela claridade e olhava.

Algum, mais curioso, parava adeante, farejando namoro. Mas só isso. Batia as onze; batia meia noite. Dondon, semi-morta de fadiga, resolvia deitar-se. E fechava o portigo.

---

No emtanto Gonçalinho não merecia tão grande penar. Não que fosse máo ou desgraçado, que o não era, mas porque para elle Dondon não parecia existir. Conhecia-a de menina, achava-a sem duvida bonita e atrahente, mas não mostrava ter por ella a menor predilecção. Si calhava encontral-a á volta da missa da Graça, nalgum domingo, estendia-lhe simplesmente a mão:

— Bom dia, Dondon.

— Bom dia. Como vai sua mãe?

— Bem. E D. Gertrudes? E *seu* Portella?

— Vão indo, com cabeça.

Dondon suspirava. Mas Gonçalinho não parecia notar o suspiro. Com a mesma simplicidade com que parára, seguia.

— Adeus. Recommendações.

— Obrigada.

Dondon caminhava decepcionada com aquelle descaso.

Muita vez, mesmo, ao voltar a esquina, voltava-se. Mal, qual! O bruto apressára sem duvida os passos e já desaparecera na outra rua.

— Infame! — dizia ella entre dentes.

E no emtanto caprichava nas roupas. Fazia-se seductora, cheia de laços, a ponto das amigas notarem.

— Você, parece que já tem alguém de olho.

— Quem, eu?! Só si fôr a morte.

E alçava os hombros.

Houve um tempo em que, talvez attrahido pelo seu garbo requintado, um mocinho deu em acompanhá-la, cocando-a de longe.

E todas as amigas começaram de novo a aperreal-a. Mas Dondon zangou-se:

— Que peitica! Eu quero lá aquillo! Si algum dia me casar, ha de ser com um rapaz de quem eu goste. E este ainda está p'ra nascer.

Bateu varias vezes a janella ao apaixonado, até que elle, certo dia, *zarpou* duma vez.

Mas Dondon parecia sempre triste. Até ultimamente D. Gertrudes notou-lhe a tristeza:

— Que tem você, minha filha?

— Nada.

— Ora, nada. Você tem alguma cousa, que eu sei,



— Então sabe mais do que eu.

D. Gertrudes calou-se magoada pela rispidez da resposta. E como estava escurecendo, e o Furtado chegava, fez-se logo a prosa insulsa de todos os dias, incidentada aqui e alli de casos da vida alheia.

---

Gonçalinho tinha apenas vinte e dois annos. Era, por consequencia, mais novo tres que Dondon. E além disso, a falar a verdade, não se podia dizer um rapaz bonito. Gostava, porque tambem possuia alguma cousa, de vestir bem. Aos domingos, então, vinha na *linha*. Sua roupa branca bem engommada, seus sapatos de lona, seu chapéu novo, de palhinha, rosa á botoeira. Aquillo, para Sinhá, era a ultima palavra em elegancia masculina. Aos seus olhos apaixonados não havia como o Gonçalinho. Aliás, essa sympathia vinha de muitos annos antes, desde o tempo em que ambos andavam juntos na escola mixta de D. Anninhas Varejão.

Numa escola enorme, com cerca de sessenta alumnos, não havia para Dondon, uma cara como a do Gonçalinho.

E mesmo fóra da escola.

Gonçalinho, no emtanto, sempre mantevera a mesma fria polidez com a rapariga. Mesmo quando meninos, nunca a convidára

a entrar nos seus brinquedos. Todas as noites na rua da Amizade, onde sempre residira o Portella e onde então, na sua casa apalaçada, residia a D. Tudinha, formava-se uma grande brincadeira de creanças.

A cabra-cega, a *manga* ou qualquer outro desporto de carreiras, a coisa era que, de verão, nunca por alli deixou de haver estardalhaço de meninada.

E porque Gonçalinho fosse sempre o director dos brinquedos e nunca a houvesse convidado, Dondon sempre se afastára de taes ajuntamentos. Comtudo sentia que apesar do seu despeito amava Gonçalinho. Sim, porque não podia deixar de ser amor aquelle desejo constante de tel-o a seu lado e sobretudo aquella raiva incontida de todas as moças com quem ás vezes acontecia encontral-o.

E dahi a agonia continuada que desde esse tempo era a sua vida de todos os dias.

A falar com franqueza, o tempo melhor era o em que se realisavam as trezenas. Porque Gonçalinho apparecia todas as noites e, embora lhe não prestasse muita attenção, mantinha a mesma polida gravidade deante de todas as moças. E isso confortava-a.

Que diacho! Era uma questão de temperamento. Gonçalinho não tinha decerto, geito para marido. Ficava mais consolada. Acontecia porém, que por artes do demo, lá

uma noite apparecia uma serigaita qualquer a perseguir o rapaz. Dondon ficava furiosa, mordendo o lencinho rendado. Mas como era dona da casa e tinha o dever de receber as visitas, forçava o riso e fingia não reparar naquillo que lhe retalhava o coração. Gonçalinho, no emtanto, não perdia a seriedade. Si devia sorrir, sorria mas com um sorriso em que se sentia apenas o dever da polidez. E ficava-se a olhar as vellas, fixamente, com um ar de quem estava com o espirito muito longe dalli.

Certa vez, no emtanto, ia começar a novena, quando Dondon, entrando na sala, descobriu Gonçalinho a conversar amistosamente com Maria Clara. Essa Maria Clara era na verdade uma bonita e bem feita rapariga, capaz de tentar o proprio Sto. Antonio.

Seus olhos negros eram falados em toda Capunga e já haviam dado causa a muitos amôres desvairados. O que, porém, mais enraivava Dondon, era a circumstancia de Maria Clara ser rica tambem como o Gonçalinho.

E então uma conclusão terrivel se formou no seu cerebro escandecido pelo ciume. Gonçalinho procurára Maria Clara porque a sabia rica. E não seria elle, mesmo que aquelles amôres viessem a ser mal succedi-

dos, não seria elle quem havia de se approximar della, Dondon, que apenas tinha o dia, e a noite, e a missa de madrugada.

Voltou a si com o foguetorio que espoucava na rua, emquanto cá dentro a orchestra atacava a ladainha. Então ajoelhou-se no fundo da sala e poz-se a rezar, de olhos fitos em S. Antonio. E tão grande era o seu fervor que logo deixou de ouvir o harpejo maguado dos violinos, que subia entre nuvens de incenso, acompanhando a harmonia saudosa dos canticos. Era como si a penetrasse uma estranha e jamais experimentada paz espiritual, calmado-lhe o sangue inquieto, compassando-lhe o bater do coração.

Dondon não despegava os olhos do santo. E no fundo do seu cerebro, retrahida, medrosa, formava-se a supplica:

— Meu milagroso S. Antonio. Si vós permittirdes que Gonçalinho seja meu, todos os annos, pela vossa data, eu vos darei cinco libras de cêra.

Mas de subito, com espanto, quasi com pavor, Dondon notou que o santo batia os olhos e se movia, sorrindo um doce riso de paz. E pouco a pouco veiu descendo do altar, afastando os castiçaes, caminhando para ella:

— Dondon!

Ella não se mexeu, amedrontada, sem coragem de fital-o. O santo continuou acariciando o Menino Deus que trazia ao braço.

— Ouvi a tua supplica que é justa e merece o meu apoio. Dizem por ahi que sou advogado dos casamentos. Não é verdade. Essa profissão subalterna não me ficaria bem exercel-a. Nada tenho com essa patifaria de namoros e casamentos. Mas tão grande era a tua dôr, pedindo a minha protecção, que resolvi attender-te.

Grossas lagrimas desciam pelas faces de Dondon. Santo Antonio fez-lhe, com os seus dedos divinos, um afago na face:

— Não chores, menina. Tens a maior qualidade de victoria — a belleza. E's muito bonita. E Gonçalinho ha de amar-te. Mas para isso precisas de seguir inteiramente os meus conselhos. Olha: começa logo por namorar um outro rapaz...

Sinhá arregalou os olhos, intrigada. Santo Antonio proseguiu calmamente:

— ... um outro rapaz, não te admires. Si queres despertar o amôr de Gonçalinho por ti, tens de fazel-o primeiro soffrer. Namora com outro, a principio, Dondon. O ciu-me leval-o-á então a approximar-se de ti.

E o santo retomou o caminho do altar.

Dondon tentou beijar-lhe ainda a ponta do habito sagrado e não poudes; quiz le-

vantar-se e não o conseguiu. Uma grande confusão se fazia no seu cerebro. Alguem, com voz muito forte, dizia junto della:

— Que tem você, menina?! Está a dormir, ajoelhada?!

Era Tito. Sinhá abriu os olhos e comprehendeu, desapontada, que dormira e sonhára. Levantou-se. Acabára a novena. A sala esvasiava-se. E no cimo do altar, sobre dezenas de vellas accessas, Sto. Antonio, mudo, indifferente, parecia olhar com desdém a banalidade dos namoros.

---

Comtudo, no outro dia que era um domingo, Dondon depois de uma noite em claro, foi á missa das oito, na Graça.

E plantado á soleira da igreja, lá estava Gonçalinho, com a irritante indifferença de sempre.

Logo que o divisou, de longe, Dondon pensou em fingir que o não via e entrar no templo. Mas logo se arrependeu. Não seria delicado aquelle proceder. E foi para elle, estendendo-lhe a mão.

— Bom dia.

— Bom dia.

— Vai hoje á novena?

— Vou.

E só. Gonçalinho parecia ter preguiça de falar. Dondon irritou-se. Ah! era assim?! Pois iria pôr em pratica o que sonhára, que bem podia ser o sonho um conselho de Sto. Antonio.

Atravessou o templo já cheio e foi ficar de pé, proximo ao altar-mór. Ahi ouvia sempre missa o Luizinho Motta, certo rapaz da Magdalena, que de ha muito a perseguia. Abriu o livro. Entrementes o padre entrava para a cerimonia. O sussurro cessára respetosamente. Dondon relanceou os olhos em torno. E oh! surpresa! — do outro lado, por traz dum grupo de devotas ajoelhadas, Gonçalinho apparecia tambem.

Dondon radiou de satisfação. E pela primeira vez desde o sonho da vespera, se convenceu de que falára mesmo com Santo Antonio.

E si era verdade aquillo que ouvira ao santo, forçoso seria obedecel-o em tudo. Olhou disfarçadamente para o lado do Luizinho que lhe sorriu. E durante toda a missa, os olhos de Dondon iam por vezes para aquelle pobre diabo que parecia radiar de satisfação ante aquelle tão repentino ceder. A' sahida ainda o procurou, fingindo não reparar em Gonçalinho que se lhe approximára.

— Por que não tem ido ás novenas?

— Porque esperava o convite da senhora...

— Sério?! Pois agora lh'ó faço. Vá. Olhe que hoje já é a penultima.

Dondon sentiu que Gonçalinho passava rapido por elles e se afastava. Desceu delirante a escadaria da igreja e caminhou para casa.

E á noite, que inacreditavel surpresa! mal escurecia, Gonçalinho foi o primeiro a chegar.

— Já?! — perguntou-lhe Dondon ao portão, com grande entono.

Gonçalinho sorriu sem vontade, querendo fazer espirito:

— Foi promessa.

— Por alguma graça obtida? — insistiu Dondon.

E fazendo-se muito alegre:

— Pensa que eu não sei, ein?

Gonçalo estacou, franzindo as sobrancelhas: não comprehendia o que ella queria dizer.

Dondon fez bico.

Ora, aquella! Estava falando de Maria Clara. E como Gonçalinho fosse abrir a bocca:

— Não negue. Eu sei. Todos sabem. E não vejo motivo p'ra se negar uma cousa dessas. Ella é tão bôa moça... tão bonita!

Mas chegavam outras pessoas! Dondon



foi de proposito recebê-las. E nunca em toda sua vida, se sentira mais feliz do que naquele momento, comprehendendo que maltratára aquelle estúpido Gonçalinho.

---

Durante as noites seguintes, mesmo depois da ultima novena, Luizinho animado sem duvida pelos olhares de Dondon, continuou a apparecer uma vez por outra em casa do Portella. Por toda vizinhança foi então um longo e ansioso bisbilhotear, a conhecer a causa daquellas intempestivas visitas.

E força é confessar que tambem entre a sociedade que se reunia em casa do Portella, as visitas do Luizinho causaram a principio uma certa especie. O primeiro a desconfiar do negocio, com sua mania de perseguição, foi o Tito.

— Aqui anda coisa — sentenciou. Esse rapazinho quer talvez conhecer de perto as minhas opiniões politicas para relatal-as a alguem.

E Cantidio tirou as conclusões: o Luizinho tinha um tio deputado estadual e um primo escrivão da policia.

D. Gertrudes, porém, com aquelle seu instincto apurado de mãe, acalmou os assistentes:

— O Luizinho quer lá saber de opiniões políticas de vocês! O que elle quer e eu desconfio de que não obtenha, é casar com Dondon.

E falava assim a bôa velhinha, porque Dondon mal agora se approximava de Luizinho, tratando-o sempre com requintada polidez. E até certa vez em que, ingenuamente ao sentar-se, ella, Dondon deixára apparecer um pedaço das pernas e elle começára a reparar nellas, não se conteve, endireitando o vestido.

— Que está olhando p'ra cá, *seu* abelhudo?

— A belleza arrasta.

— Pois tire seus olhos p'ra lá que ellas têm dono. E esse arremeço despropositado de Dondon não era sinão motivado por ter desaparecido Gonçalinho. Nem mesmo ás missas fôra mais o rapaz. E isso que a outra mais experimentada nas pugnas de amôr, teria trazido alegria, a Dondon, tão simples na sua boniteza, causava apenas desgosto.

Chegou a não apparecer certas noites ao seu falso apaixonado, já arrependida de haver magoado Gonçalo.

E só se convenceu do bem que se fizera quando uma tarde, Yayásinha Mamede, uma sua amiguinha e visinha, a mandou chamar com urgencia.

— Dondon, eu tenho uma grande conferencia com você.

— Commigo?!

— Sim, com você. E negocio de importancia.

Dondon, curiosa, queria saber logo de que se tratava. A outra acalmou-a:

— Espere. Tenha paciencia.

E logo:

— E' coisa que talvez você não queira ou não possa mais resolver.

Mas por que, queria saber Dondon.

E Yayásinha começou a dizer que Dondon não pretendesse enganar-a.

— Eu bem vejo agora — continuou — como você anda tão alegre que parece até ter visto passarinho verde.

— Eu?!

— Sim, você. Mas não esqueça que ha uma pessoa que vem pôr a vida nas mãos de você.

— Mas por que? — quiz saber Dondon impaciente.

E a outra começou então a falar de Gonçalinho. Elle a procurára para dizer-lhe que amava Dondon, loucamente, e estava quasi desesperado por saber-a quasi noiva do Luizinho.

— Que elle tem muito mais direito ao teu amôr, do que Luiz, insistia Yayásinha, lá isso tem.

Dondon, com a sua innata bondade, ia ceder, dizer sem duvida que amava sómente Gonçalinho, precisar até o tempo que já vinha durando aquella angustia. Mas se lembrou do seu sonho com Sto. Antonio e dos conselhos que este então lhe dera. Quem lhe affirmaria já não haver na confissão do Gonçalo, o dedo do santo?

E reflectindo melhor, concluiu que devia por si mesma, torturar tambem Gonçalinho. Soffrera-lhe o diabo. E começou:

— A falar com franqueza, Yayásinha, eu estou é simplesmente admirada com essa noticia que você me deu. Gonçalinho lembrar-se de mim?! Gonçalinho?!

— Mas por que? — fez a outra interessada.

— Ora por que?! retrucou Dondon muito sonsa. Porque ella, Dondon, era uma creatura pobre.

— Mas elle é rico — atalhou Yayásinha.

— Por isso mesmo, contraveiu Dondon. Por isso mesmo.

E fazendo-se muito previdente:

— A gente deve procurar fôrma do seu pé, não acha?

Yayásinha não achou. E enveredou por outro caminho:

— O que você já tem, Dondon, é um compromisso com o Luizinho. Fale francamente.

Dondon sorriu, enigmatica. E se despediu muito calma, quando em verdade mal resistio a uma grande vontade de cantar e de saltar.

---

Passaram-se dois dias. Uma semana. Quem passasse pela casa do Portella, a deshoras, não veria mais a janella do sótão, aberta.

E si fosse intimo da casa, notaria ainda que Dondon se fizera de repente alegre e apparecia todas as noites ao portão, onde se reunia o Portella e os amigos a conversar. Verdade é que o Luizinho não faltava tambem uma noite. Embora deslocado do meio, embora a embirração continuada que o Tito tinha com elle, dirigindo-lhe indirectas, Luizinho não deixava de apparecer.

E fazia-se engraçado, querendo por sua vez sobresahir-se naquella assembléa de nulos.

Portella, sempre bonachão, achava-o impagavel.

Ria sempre ás graçolas do rapaz. E Dondon e D. Gertrudes acompanhavam-no.

Uma ou outra vez, um cavalleiro riscava na rua e parava em frente ao portão do Portella.

— Boa noite.

Era Gonçalinho.

— Não quer descansar? — perguntavam.

— Não. Como vão todos?

— Mais ou menos.

— Passei aqui a vê-los. Boa noite.

— Obrigado. Recomendações á sua mãe.

Gonçalinho esporeou a andadura. Dondon fingia não reparar no olhar candente em que elle a envolvia. E escutava os commentarios:

— Excelente rapaz! — dizia o Tito.

— Muito pretencioso — contravinha o Luizinho. Pensa que tem o rei na barriga.

Dondon fazia grande contenção para não repellir a offensa de Luizinho.

Até que uma tarde, indo á casa de Yayá-sinha, esta a recebeu logo assim:

— Tenho uma surpresa p'ra você.

— Que será?

— Gonçalinho está aqui e quer falar-lhe.

— Então não entro — retrucou a outra, da porta.

— Não faça isso. Seria uma desfeita. Entre.

E puxou-a para dentro. Dondon entrou. Gonçalinho não a deixou sentar-se. E enquanto lhe estendia a mão:

— Dondon, venha cá.

— Que ha?

— Você quer matar-me?!

— Eu?!

Dondon, muito admirada, fez uma exclamação de effeito:

— Por que?!

— Não se faça de esquerda; Yayásinha já lhe disse o meu amôr.

Dondon deu uma tremenda gargalhada.

— Quer divertir-se commigo, Gonçalinho?

Gonçalinho esperava tão pouco aquella sahida, que ficou desorientado. E depois:

— Não seja má, Dondon. Si soubesse de ha quanto tempo a amo em segredo!

Dondon radiava. Mas fez-se má.

— Sério?!

— Não caçõe. E' muito sério.

— Acredito.

Yayásinha veio então em favor de Gonçalo. Que Dondon pensasse bem. Gonçalinho era um rapaz ás direitas, muito superior em tudo ao Luizinho.

Dondon poz as mãos nas ancas:

— E que tenho eu com o Luizinho, faz favor de dizer-me?

Ora, o que tinha?! — repontou a outra. Namoro, com certeza.

—Pois está muito enganada — reafirmou.

E como convinha, para deixar a suspeita no espirito de todos — sorriu. Sorriu e sahiu.

---

Gonçalinho porém não desanimou. Na noite seguinte, quando se punham ao portão as cadeiras para a prosa diaria, appareceu meio tristonho. E oh! decepção amarga! — foi logo para ver Dondon que conversava a sós com o Luiz.

—Bôa noite! — disse.

— Oh! Que surpresa! — fez Dondon voltando-se tranquillamente. E para dentro:

— Mãe, Gonçalinho está aqui.

D. Gertrudes demorou um instante.

— Sente — disse Dondon ao visitante. E como elle o fizesse, de chapéu na mão: — Dê-me o chapéu.

Gonçalinho entregou-lho. D. Gertrudes chegou. Dondon, veio sentar-se. Luizinho ensaiou um dito. E sobre aquelle momento difficil, outros instantes vieram, mais felizes para o pobre enamorado.

Tanto que de outras vezes appareceu, até que um dia voltou á carga. Foi logo ao chegar e topar Dondon a sós no portão:

— Dondon, preciso duma resposta sua. Ella fez um ar muito incredulo.

— De verdade?!

— Sim. Porque nesta incerteza, a vida já me é impossivel de viver.

Dondon, sempre mulher, tentou ainda tortural-o. Mas o amôr era maior do que ella mesma. Venceu-a. E ella baixou a cabeça.



Gonçalinho então approximou-se, tomou-lhe a ponta dos dedos tremulos:

— Dondon, você me ama tambem, não negue. Estou vendo.

Mas como chegasse o Portella, suspendeu-se aquelle assumpto que para o rapaz valia mais do que a vida. E com a chegada dos frequentadores diarios da casa, foram tres longas horas de inuteis digressões em torno de casos politicos, com a exhibição cavalheiresca do Tito e as ponderações imbecis do Cantidio e do Furtado.

Mas ás nove, quando todos se levantavam e Dondon veio trazer o chapéu do Gonçalinho, este ainda lhe perguntou tomando-lhe medrosamente a mão:

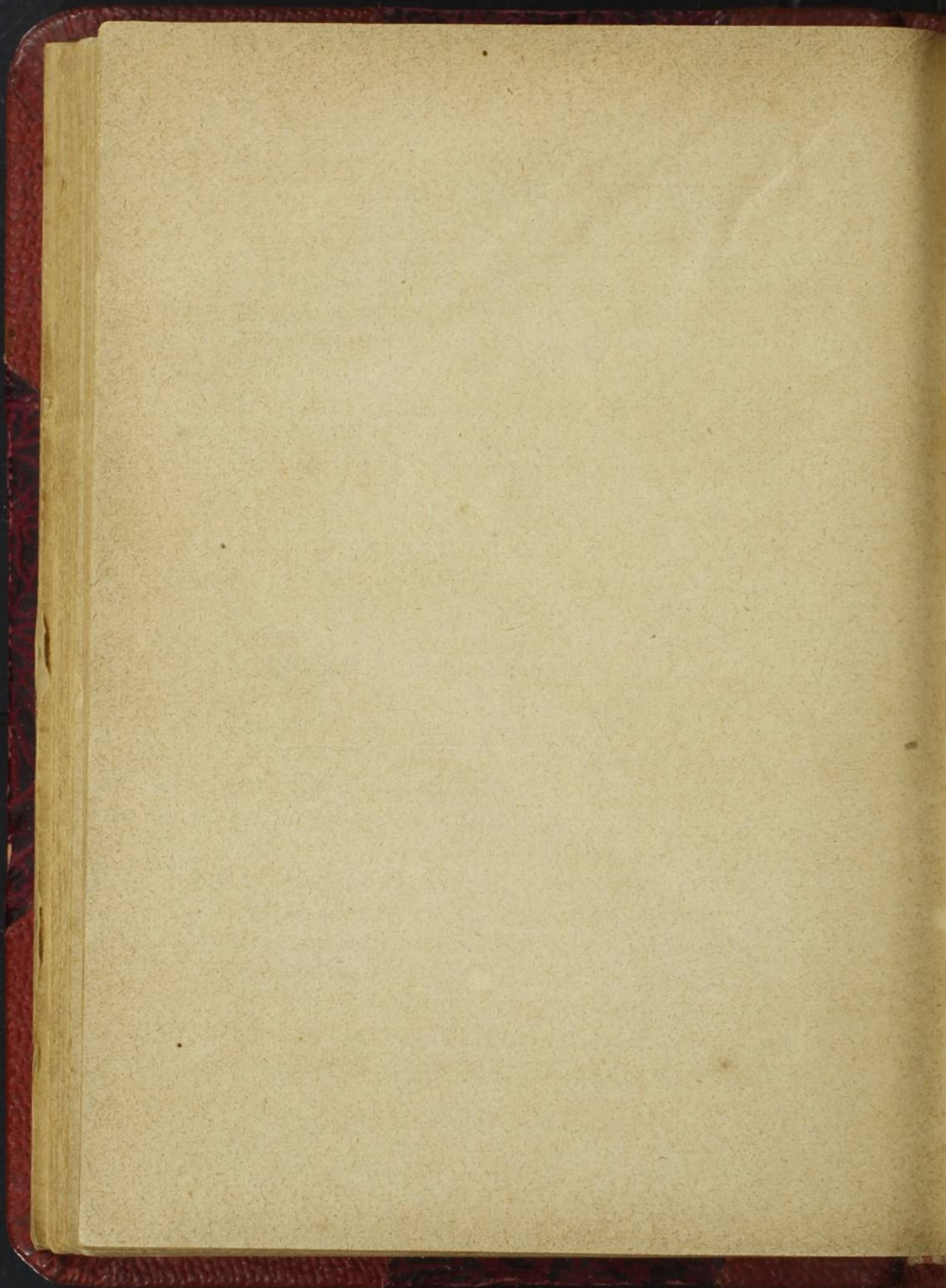
— E então?

Ella baixou vergonhosamente os olhos:

— Sim.

Mas logo desenvencilhando-se fazendo uma ameaça com o dedinho roseo:

— Não fui eu, fique sabendo. Foi Sto. Antonio. Foi elle, que tudo póde, quem fez.



## R E N U N C I A

Carlos Lorêto chegára ao hotel um tanto fatigado. Tinha a cabeça ainda atordoada pelo balanço do transatlântico, o corpo dorido como si fizera a pé uma longa caminhada.

Comtudo, só a idéa de que pisava a sua terra, a formosa terra que o vira nascer e de que se separára havia quasi dez annos, deixáva-o inquieto, quasi desejoso de sahir.

Que mudado que tudo estava! No rapido percurso que fizera de automovel, do cões ao hotel, entrevira a profunda transformação que se dera por toda a parte.

O velho casario desaparecera para dar lugar a amplas e bem edificadas avenidas, com muita luz e muita elegancia.

Quando, de longe, ouvira falar nos progressos do seu Estado, Carlos recebera sempre as noticias com desdém. Não que desamasse o lugar do seu berço mas unicamente por suppôr que exaggeravam.

E agora, pelo que já apprehendera de relance, pelo proprio movimento que sentia, em

baixo, na rua, elle se convencera com prazer de que cahira num grande erro.

E ainda bem porque queria muito ao seu cantinho — e de tal forma que quando partira para a metropole, em busca de renome, cuidára ter esquecido o coração nas velhas ruas em que adolescera.

Emfim, tudo passára. A ansia de subir adoçara-lhe aos poucos a saudade.

E agora estava ahi, já de volta, quasi sem a mocidade, um tanto calvo, um pouco obeso, mas falado em todo paiz, com oito livros fortes já publicados, tido e havido como uma das maiores expressões da mentalidade nacional.

Aliás, tão conhecido de todos, que fizera como um rei entendido e viera quasi incognito, para que ninguem se lembrasse de aborrecel-o.

E enquanto pensava assim, Carlos Lorêto caminhava para o lavatorio, a banhar o rosto antes de jantar.

No seu cerebro, porém, só uma phrase dançava: “Estou na minha terra! Estou na minha terra!”

E repetia devagar, olhando as paredes claras onde o máu gosto da gerencia do hotel pozera duas ou tres ricas e aphrodisiacas oleogravuras.

Emfim, meia hora depois, já de *smocking*, desceu para o jantar.

Ainda foi ao bar, engulir um apperitivo. E atravessando o grande salão illuminado e cheio, elle parecia haver rejuvenescido, tão alegre se sentia. Em cima, a orchestra tocava umas coisas amaneiradas. Os *garçons* iam e vinham por entre a multidão compacta, levando e trazendo pratos. E Carlos Lorêto, depois de escolher o *ménu*, poz-se a reparar no luxo da sala.

Sim, senhor! Que espantosa riqueza! Que esplendido hotel já possuia sua terra natal!

E premeditava, para depois do jantar, um demorado passeio pela cidade.

Comtudo acabára de levantar-se da mesa quando uma pequenita interessante correria a abraçar-lhe as pernas. Adorando as creanças, Carlos detivera-se um instante a afagal-a. Mas logo um vulto de mulher viera para a pequena. Tomára-a docemente pelo braço, ralhando com ella.

E depois, para Carlos:

— Queira desculpar, cavalheiro...

Carlos levantára então os olhos para a mulher. Mas logo parou, muito pallido:

— Helena!

A outra ficou séria, a olhal-o.

E de tal fórmula séria, surpresa, que o rapaz julgou haver-se enganado.

— Estarei em equivoco, minha senhora?!

Ella, porém, exclamou baixinho:

— Não, não está, Carlos.

E baixou os olhos, como si a afogasse de repente uma grande e verissima amargura.

Elle porém, insistia, agora descrente.

— Helena?! — Pois será possível?! Você?!

E como viessem andando, tinham chegado ao terraço do hotel immenso e illuminado.

Carlos parecia em extase.

— Pois será possível?!

Ella então, mais calma, disse-lhe logo que sim, que era possível. Era ella mesma, Helena.

Carlos indagou então, como a medo:

— E' sua filha, esta pequena?

— Sim, affirmou ella.

E explicou que tinha apenas aquella e que o marido, engenheiro, andava fóra havia dois mezes.

— Custei a acreditar que fosse você — rematou sinceramente.

— Estou mudado, não? — insistiu Carlos.

E nem lhe ouviu a resposta. A idéa de que tinha alli a mulher a quem amára doidamente, freneticamente, quasi o enlouquecia. Chegava a ter a illusão de que não era real tudo aquillo, que bebera talvez de mais ao jantar.

Ella, no emtanto, indagou:

— Chegou hoje?

— Ainda ha pouco — respondeu.

E olhou-a de novo. Nunca lhe parecera mais bella do que naquelle momento, no esplendor dos seus vinte e oito annos.

Toda de negro, uma rosa a sangrar-lhe na cintura, o seu corpo branco era como um lyrio que desabrochasse numa noite torva de inverno.

Carlos olhou-a fundamente nos olhos. E veio-lhe um desejo desesperado de explicar-se, de explicar a sua conducta indigna de dez annos antes, abandonando-a da forma abrupta por que a abandonára.

— Deve estar bem zangada commigo? Não?

— Eu?!

Ella fitou-o tambem, como não comprehendendo bem. E depois.

— Porque?

— Porque parti sem ao menos dizer-lhe adeus. Que infame que fui!

E Carlos rebentou numa explosão sincera. Sempre a quizera, numa ansia cada dia majorada.

Ella fôra a conductora da sua vida de artista, a inspiradora inconsciente dos seus melhores trabalhos. Dera-lhe a elle, sem saber, a felicidade. Tudo que escrevera, desde que sahira da sua terra, fôra com os olhos na

sua formosa Helena. A certeza de que a perdera, enchia-o duma intensa febre creadora.

Ella não dizia uma palavra, como emocionada e talvez tambem envaidecida por aquella confissão que tão espontaneamente elle lhe fazia. Mas por fim começou a dizer que não tinha elle que a incriminar. Sempre o quizera tambem e muito. Apenas doera-lhe um pouco a injustiça de deixal-a sem noticias. Todavia ainda esperara cinco annos -- notasse bem — cinco annos. Por fim casara, não por amôr porque não se ama sinceramente duas vezes na vida, mas para amparar-se.

E Deus felizmente lhe concedera a graça de um marido affectuoso, e bom, e simples, que pouco lhe exigia e tão bem a tratava. Emfim, alli estava com aquella filha que lhe enchia os dias com a sua ingenua e sã alegria.

Carlos murmurava apenas:

— Helena! Minha Helena!

Um momento, porém, deteve-se.

— Não repares no que te digo. Estou louco, desesperado. E essa certeza de que te perdi, tortura-me de tal forma que bem mereço o teu perdão.

Então, como passasse um grupo chalrando alegremente, ella lhe disse, baixando a voz.



— Não tenho que perdoar. Meu perdão já t'ò dei de ha muito.

Mas no cerebro de Carlos Lorêto o passado de repente surgia, e avultava, esmagando-o. Tinha a impressão de que já não estava no hotel, de que era outra vez rapazola, na plenitude dos seus dezoito annos. E via Helena mal entrada na mocidade, a offerecer-se ao seu desejo, tão humilde e tão bôa, que o commovia.

Ella era quem o vinha esperar, de branco e perfumada, para dar-se toda ás suas perversões de meninote viciado. E elle via-a como então, entregar-lhe os labios que cheiravam a rosas e debruçar-se enlanguecida sobre o seu peito forte de athleta. Tinha ainda viva a impressão dos seus seios sobre o peitilho mole da camiza.

E porque elle esquecera tudo isso tão depressa? Para viver n'aquelle desejo queimante de que o sensualismo de toda a sua obra era a prova absoluta.

Carlos Lorêto olhou de novo Helena. Quasi nada mudára. Apenas encurvara-se-lhe um pouco mais a linha pura do seio. Os braços tinham a mesma brancura dos outros tempos; o rosto a mesma doçura ingenua do passado.

Disse devagar:

— Lembras-te das nossas loucuras?

Ella baixou pudendamente os olhos:

— Creancices!

Creancices, sim! Mas creancices que o haviam inebriado por toda a vida, retrucou Carlos.

E juntou:

— Olha, trago ainda no olfacto o teu perfume tão vivo que ainda agora me entontece.

Ella baixou de novo os olhos como envergonhada daquellas passadas intimidades.

Carlos tomou-lhe a mão:

— Helena! Que desgraça a nossa!

Mas alguém passava. Calaram-se. Dentro, a orchestra começava o “Poema erotico” de Grieg, e cá fóra os sons chegavam amortecidos e languidos.

Carlos Lorêto sentiu que resvalava para a desgraça. Helena! — suspirou. Tenho uma infinidade de coisas a te dizer. Queres ser minha, minha só?

Ella não respondeu. Apenas olhou-o mais uma vez e os seus grandes olhos negros foram descansar na filhinha que adormecera adiante, sobre a cadeira.

Mas o desejo nelle era feroz. E elle sentiu que possuiria já, si o quizesse, aquella formosa e inebriante mulher.

— Tenho muita coisa a te dizer — affirmou. Mas aqui não póde ser. Irei aos teus aposentos. Consentes?

— Pois vai — retrucou ella como si sentisse naquillo a fatalidade irremediavel.

— Qual o n.º?

— Quarenta e tres.

— Quarenta e cinco é o meu — disse Carlos com a voz tremula. Tanto melhor.

E viu-a levantar-se, despertar a filha e leval-a. Depois ficou ainda um instante no banco, accendeu um charuto. Dentro a orchestra deixára de tocar. Já não havia quasi ninguem no salão.

Carlos levantou-se, deu uns passos incertos.

O desejo abrazador. A idéa de que ia enfim acalmar uma ansia de muitos annos, fazia-o impaciente e ao mesmo tempo amedrontava-o.

O coração batia-lhe desordenadamente; tinha as mãos geladas.

Ia possuir Helena, aquella Helena que fôra a sua obcessão de tanto tempo!

Mas de repente parou. Uma idéa horri-  
vel, monstruosa, varava-lhe o cerebro, des-  
concertando-o. E si depois desse momento de  
loucura, faltasse-lhe para sempre a inspira-  
ção?

Não fôra naquelle desespero, naquella  
quasi desolação que repousára o segredo  
emocional dos seus trabalhos?

Certo que si dêsse mais um passo, si subisse uma escada e empurrasse uma porta,

encontraria uma creatura fremente e formosa que se lhe entregaria com a mesma docilidade de outr'ora. E tel-a-ia inteiramente, como nunca a tivera, como nunca suppuzera tel-a. E ficaria tudo em segredo e ninguem nunca saberia. Mas tambem, elle bem o sentia, importaria isso na renuncia a todas as suas faculdades creadoras. A realisacão daquelle desejo seria tambem a quédia de todas as suas aspirações, de todos os seus anseios de gloria.

Então esse condicionado monstruoso o aterrou. Deu ainda um passo, arremessando o charuto fóra.

Mais um esforço e encontraria lá em cima o Paraiso.

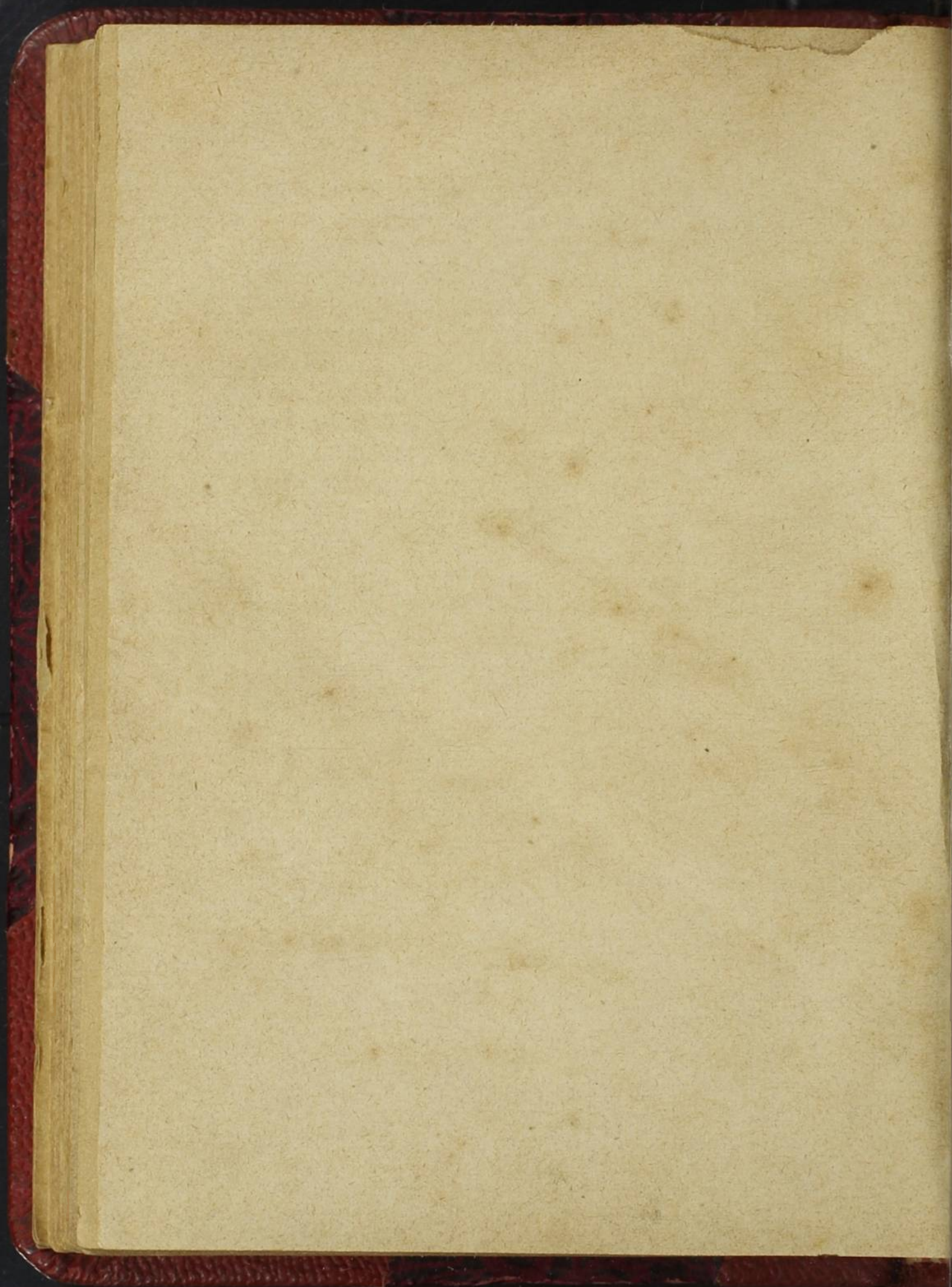
Retrocedeu porém, chamou um *garçon* que passava e mandou que lhe fosse buscar as malas, o chapéu e um automovel.

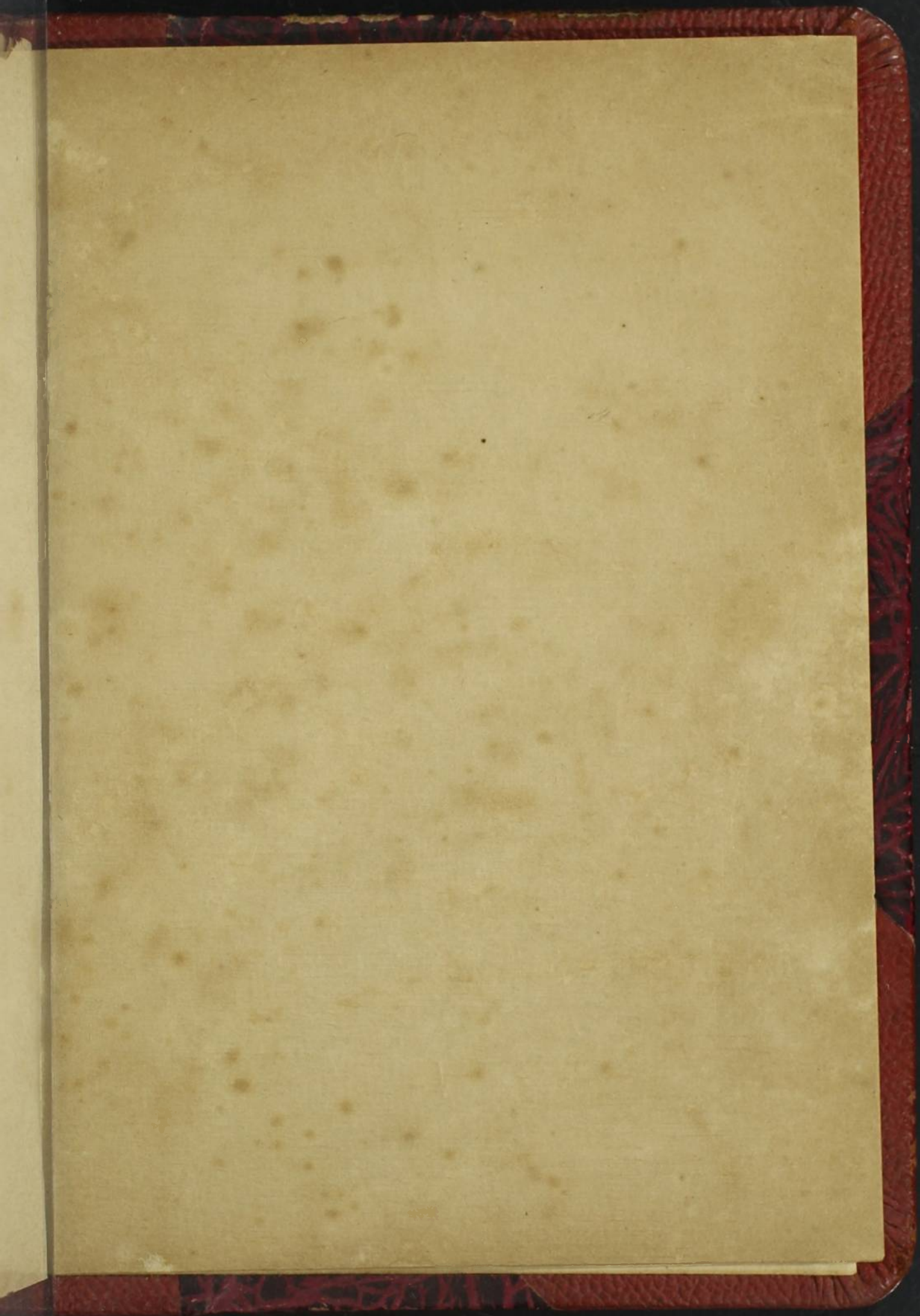
E sahiu quasi a correr do hotel, abraçado de amôr, furioso, desesperado, sómente para salvar o esplendor da sua Arte, da Arte que fóra em toda a sua vida, o maior inimigo da pobre, da desgraçada e tão hõa Helena...

## INDICE

---

A mulher do proximo . . . . .	7
Sem remissão . . . . .	61
Extranha historia de amor . . . . .	127
O milagre de Santo Antonio . . . . .	151
Renuncia . . . . .	181





Ultimas edições populares da

Cia. Graphico-Editora



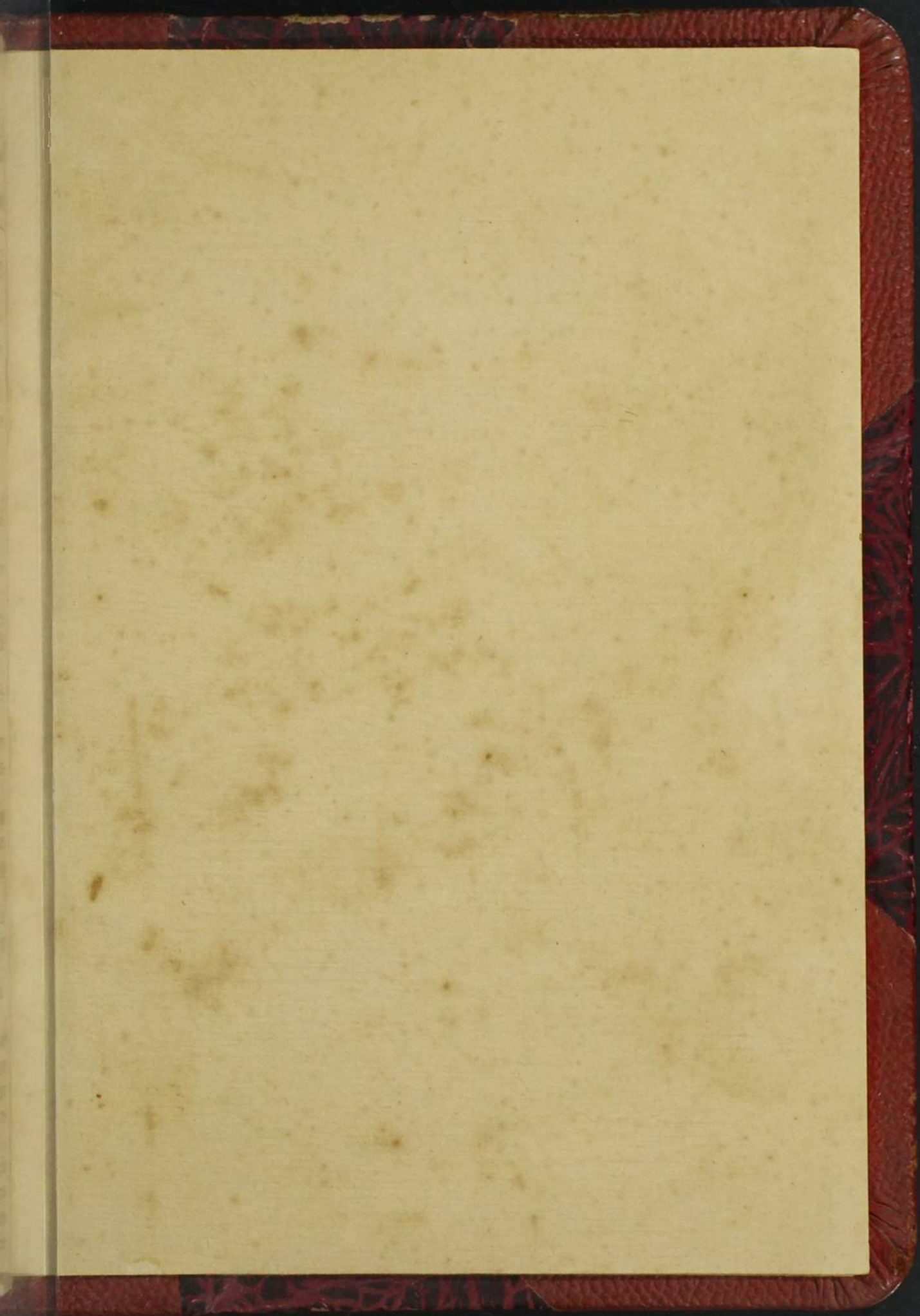
Monteiro Lobato

PRAÇA DA SÉ N. 34

S. PAULO - CAIXA 2-B

- M. DE ALMEIDA — MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MILICIAS; com 270 pags. e capa illustrada . . . 2\$500
- BERNARDIM RIBEIRO — MENINA E MOÇA. Edição levemente modernizada, com 170 pags. e capa illustrada . . . 1\$500
- JULIO RIBEIRO — PADRE BELCHIOR DE PONTES — O grande romance nacional notavel pelo emocionante das scenas e pela belleza do estylo, 3.<sup>a</sup> edição . . . 5\$000
- ANTONIO JOAQUIM DA ROSA — A CRUZ DE CEDRO — Romance historico . . . 1\$000
- A ASSASSINA — Popularissimo romance. Capa illustrada a cores . . . 1\$000
- J. M. DE MACEDO — A MORENINHA. Primorosa obra da escola romantica . . . 2\$000
- MANOEL M. RODRIGUES — A ROSA DO ADRO, com cerca de 180 pags. e capa primorosamente illustrada a cores . . . 1\$500
- JOSÉ DE ALENCAR — UBIRAJARA — Nova edição da bellissima lenda tupy; capa a cores . . . 1\$500
- O TRONCO DO IPÊ. O formoso romance brasileiro em nova edição, com cerca de 200 pags. e capa illustrada a cores . . . 2\$000
- E. CASTELLAR — HISTORIA DE UM CORAÇÃO. Com mais de 200 pags. de texto e capa illustrada a cores . . . 2\$000
- VEIGA MIRANDA — MAU OLHADO — Nova edição popular com cerca de 350 pags. e capa illustrada . . . 4\$000
- A. DUMAS — O CONDE DE MONTE CHRISTO — Em um unico volume, a edição mais barata até hoje feita . . . 7\$000
- GEORGE OHNET — O DOUTOR RAMEAU — com cerca de 240 pags. de texto e capa illustrada a cores . . . 2\$500
- EDUARDO GUTIERRES — JUAN MOREIRA — Livro onde se pinta a obra heroica e bandoleira dos gaúchos . . . 3\$000
- MANUEL GALVEZ — NACHA REGULES — Esta celebre novella é o drama de uma mulher que cahe e se reergue pelo amor . . . 3\$000
- JACOB ABBOT — MARIA, Rainha da Escossia, traducção do inglez com reproducção de numerosas gravuras . . . 3\$000
- VIVALDO COARACY — FRIDA MEYER — Romance realista, cujas scenas se passam no Sul, entre nacionaes e allemães . . . 4\$000





25274

